

# Outra Presença

## Hemiciclo e Assembleia na Escola

### Verso e Reverso

#### Viver a Escola

PÁG.20

### Sigmund Freud

#### “Tudo o que temos cá dentro”

PÁG.17

### Lídia Jorge

#### Ao encontro da Palavra

ÚLTIMA PÁGINA

### A Europa na Escola

O Clube Europeu promoveu de 8 a 12 de Maio, na Biblioteca da nossa Escola, várias sessões dedicadas à União Europeia e, em particular, aos vinte anos de adesão de Portugal à UE, no âmbito das comemorações do Dia da Europa, 9 de Maio.

PÁG.13-14

### 12º ano

#### Chegou a hora!

PÁG.28-29

### I Torneio de Xadrez

#### Quadrados de desafio

No âmbito das actividades da Biblioteca, foi organizado o 1º Torneio de Xadrez da Escola Secundária/3 Abade de Baçal, que decorreu nos dias 10, 17 e 24 de Maio, pelas 15 horas.

PÁG.9

## Jogos de Poder



PÁG.4-8

## Casa cheia em “A Maçon”

PÁG.17-18

### Dia da Escola

#### Viver para sentir

No passado dia 21 de Abril comemorou-se pela primeira vez o Dia da Escola, momento de convívio e de confraternização, recheado com diversas actividades de carácter cultural, desportivo e lúdico que permitiram a todos uma vivência diferente da e na escola: exposições, feiras, colóquios, reedição da “chandelier”, final do campeonato de literatura e da língua portuguesa, actividades laboratoriais, actuação da tuna, representação teatral...

PÁG. 3



### De Malas e Paragens

... para outras margens. Desta vez atravessámos a fronteira e abraçámos “nuestros hermanos” de Madrid e de Lloret. Que bem “hablámos”! Houve ainda quem chegasse até à Polónia. Todos registaram essas passagens.

PÁG.33-35



### Os jovens, o dinheiro e o ambiente

Educação pressupõe conhecimento. Um consumidor consciente sabe avaliar, medir, escolher. Um consumidor responsável tem uma consciência social e ambiental.

PÁG.12-13

## EDITORIAL

Este número do *Outra Presença* é dedicado a todos os alunos do 12º ano e constitui-se como uma homenagem a todos quantos viveram a escola e cuja presença a tornou um dinâmico centro de saber e partilha.

Para eles é um ciclo que se fecha, foram seis anos (neste número ilustrados pelas fotos de turma que o clube de jornalismo tirou para saudar a sua chegada à escola, no sétimo ano, e assinalar agora o momento de sair) vividos aqui. Se há portas que agora se abrem, há outras que parecem fechar-se. Há por isso uma doce mistura de alegria e de tristeza. São eles que o dizem nas páginas que o OP lhes reservou.

São muitos os que deixaram com a sua passagem impressões indeléveis em tudo quanto tocaram e fizeram-no de forma consistente. Os seus textos no OP testemunham os seus feitos: as várias intervenções na Assembleia da República através dos projectos "Hemiciclo" e "Assembleia na Escola"; as brilhantes interpretações que ano após ano concretizam nos mais variados palcos; as intervenções nos diversos clubes e nas actividades que a escola ao longo dos anos lhes sugeriu; as múltiplas vozes que de forma activa, crítica e consciente se ergueram e se fizeram ouvir; o esforço para que este jornal se mantivesse como veículo da sua voz (e que por isso será sempre o seu jornal); a sua cidadania e sentido de justiça que os levou a marcar um lugar nas diversas efemérides... Eles sabem que é necessário ver para crer e participar para aprender. E agora, que chegaram ao fim deste longo percurso, que para muitos coincide com a mítica idade de 18 anos, é preciso que saibam que são motivo de consideração e orgulho.

Por isso o OP não podia deixar de ser a inscrição desses que agora partem, num momento fulcral do seu crescimento, mas de cuja escola queremos que se lembrem. Queremos que, também eles, como o jovem que no "Poema à Mãe" de Eugénio de Andrade se emancipa, saiam da moldura, mas guardem no coração a recordação desta etapa.

A todos os outros alunos, o OP deseja umas boas férias e não lembra que conta com eles no próximo ano. Não vêm substituir ninguém, vêm apenas deixar a sua marca.

## Ficha Técnica

**Edição e propriedade da Escola Secundária Abade de Baçal, Bragança**  
Telefone - 273 322 163/ 273 322 462 Fax - 273 331 114 OPRESENCA@esec-abade-bacal-rcs.pt

**Coordenação** - Luísa Diz Lopes, Clube de Jornalismo (Ensino Secundário) - Ana Luísa Esteves, Cristiana Afonso, Heloísa Nunes, Joana Gomes, Margarida Gil Pires, Nádya Afonso, Rita Morais; Terceiro Ciclo - Guilherme Sá Pires, João Anes)

**Criação do logótipo** - Rui Garcia

**Desenho de Imprensa** - Margarida Pires, João, Tiago e José

**Fotografia** - Carlos Santos, Arq. João Ortega (Clube de Fotografia); Conselho Executivo

**Revisão** - Manuel Pires

Responsáveis pelas páginas de línguas - Esmeralda Pires e Teresa Sá Pires

Colaboração permanente - Olinda Oliveira, Paula Romão

**Professores Colaboradores** - Fernanda Moura dos Santos, Adília Tavares da Silva, Maria dos Anjos Monteiro, Maria de Lurdes Bento

**Projectos em interacção** - Departamento da Biblioteca, Coordenação de Projectos, Clube de Teatro, Associação de Estudantes, Desporto Escolar, Clube do Ambiente, Clube de Fotografia

**Alunos Colaboradores** - Carlos Santos, Cláudia Pires, Joana Gonçalves, Margarida Carmona, Joana Moreira,

**Impressão** - Bringráfica, Bragança. Tiragem - 600 exemp.



## I CAMPEONATO de LITERATURA e da LÍNGUA PORTUGUESA

## Por um Português melhor

Decorreu no dia 21 de Abril a final do Campeonato de Língua Portuguesa e de Literatura, durante a qual foram apurados os três premiados de cada um dos dois escalões contemplados no concurso.

Foram 30 os alunos que participaram nesta final (ver foto), na qual resolveram individualmente e sem qualquer possibilidade de consulta, ao contrário do que tinha acontecido nos testes de apuramento anteriores, testes escritos de escolha múltipla com questões sobre língua portuguesa e literatura universal. As seis melhores pontuações determinaram os três premiados em cada escalão. Assim, no terceiro ciclo do ensino básico, Pedro Alexandre Conde Gonçalves, Isabel Maria Gonçalves Firmino e Tiago Filipe Afonso Fernandes ficaram, respectivamente, em 1º, 2º e 3º lugares. No escalão referente ao Ensino Secundário, estes lugares couberam, pela mesma ordem, a Isabel Fernanda Coelho Jerónimo, Inês Go-



Grupo de apurados para a final

mes Sá Neiva e Ana Daniela Gonçalves Firmino.

Esta actividade foi realizada pela primeira vez na escola durante este ano lectivo e o Departamento de Português congratula-se com a grande adesão dos alunos a esta iniciativa. Este envolvimento de acordo com o depoimento da coordenadora do Departamento, Luísa Diz Lopes, contribuiu por si só para a concretização dos principais objectivos desta iniciativa: incrementar o gosto pela leitura e desenvolver a competência de escrita e a cultura literária dos jovens. A coordenadora salientou, ainda, que a dinamização desta actividade só foi pos-

sível com o envolvimento de vários professores do departamento que participaram sugerindo questões, motivando os alunos, dinamizando as várias etapas do campeonato, sobretudo a final. Por isso, considera a responsável que "este campeonato é um exemplo do tipo de actividades que podem ser dinamizadas durante o horário destinado ao trabalho de estabelecimento".

Com o patrocínio da Porto Editora e da Livraria Rosa d'Ouro, os alunos foram contemplados com dicionários, prontuários e outros livros, CDRoms sobre autores portugueses constantes nos programas de português dos dois níveis de ensino e DVDs cujos filmes se baseiam em clássicos da literatura universal. Os prémios foram entregues no início do sarau que assinalou o final das comemorações do Dia da Escola, cujo momento alto foi a representação da peça de teatro "A Maçon".



Vencedores do 3º ciclo (em cima) e do secundário (ao lado)

# Comemorar a Escola

No passado dia 21 de Abril comemorou-se pela primeira vez o Dia da Escola, momento de convívio e de confraternização, recheado com diversas actividades de carácter cultural, desportivo e lúdico que permitiram a todos uma vivência diferente da e na escola: exposições, feiras, colóquios, reedição da "chandelier", final do campeonato de literatura e da língua portuguesa, actividades laboratoriais, actuação da tuna, representação teatral...

As comemorações iniciaram-se logo pela manhã, tendo-se celebrado, pelas 9h30 no salão de festas da escola, uma missa de homenagem aos membros da comunidade escolar que já partiram. Esta celebração contou com o apoio musical da Tuna da Escola Abade de Baçal, que se portou bastante bem.

Seguidamente, dois alunos do 11º ano, Luís Alves e Filipe Rodrigues, simularam uma entrevista ao Abade de Baçal, com o apoio do Museu de Bragança com o mesmo nome. Foi uma entrevista bastante esclarecedora acerca de alguns aspectos relacionados com a vida do Abade. Além disso, a prestação dos alunos foi bastante positiva e "salpicada" com um pouco de humor para quebrar a possível monotonia do discurso. É preciso também referir, a título de descrição visual, que o Filipe, encarnando a figura do Abade, estava vestido a rigor com o capote e o chapéu característicos da personagem em questão. Apesar da adesão não ter sido muito significativa, os presentes foram surpreendidos por uma entrevista que abor-

dava os interesses, gostos e hábitos do Abade, e ainda o seu percurso académico, a sua obra literária e científica, a sua dedicação e amor à arqueologia, etnografia e à região transmontana.

Durante a manhã, os professores de Francês proporcionaram à comunidade escolar a oportunidade de saborear os deliciosos crepes, numa reedição de "La Chandelier", consagrando o sucesso desta especialidade gastronómica francesa nesta abadia escolar.

A parte da tarde foi dedicada ao desporto tendo sido cancelado um torneio de voleibol organizado pelos professores de Educação Física e uma sessão de aeróbica organizada pela Associação de Estudantes, devido à necessidade de apetrechar tecnicamente o ginásio para a representação teatral da noite.

A escola assinalou ainda o dia com as feiras dos minerais e do livro, com actividades laboratoriais, nas quais os alunos do ensino secundário, orientados pelos professores de Física e de Química, dinamizaram actividades para os colegas

do terceiro ciclo.

A noite iniciou-se com uma actuação da tuna da escola seguida da entrega dos prémios do Campeonato de Literatura e da Língua Portuguesa, tendo depois lugar a representação da peça "A Maçon", pelo grupo de teatro da escola. Esta contou com um número razoável de espectadores e repetiu o sucesso da primeira apresentação no Tetraro Municipal.

Para finalizar a noite ocorreu no bar da escola uma festa organizada pela Associação de Estudantes que contou também com razoável adesão e com um ambiente bastante agradável.



De cima para baixo: exposição sobre o Abade de Baçal, no átrio da escola; simulação da entrevista ao Abade de Baçal; Feira dos Minerais; Feira do Livro; hora dos crepes; actividades nos laboratórios

## VI Sessão Parlamentar “Assembleia na Escola”

### Agora e sempre, juventude está presente

Repórter: Nádya Cristiana Pires Afonso  
Com a colaboração de Margarida Carmona e Lima,  
Rita Morais, Joana Moreira e Heloísa Nunes

Múltiplas são as participações dos alunos da Escola Secundária Abade de Baçal em diversos projectos, já há vários anos, nomeadamente no campo político-social. Neste contexto, um grupo de “estudantes-abado-deputados” integrou, pela sexta vez consecutiva, o projecto “A Escola e a Assembleia” (“Assembleia na Escola”, Sessão Parlamentar destinada a alunos do Ensino Secundário), cujo tema deste ano foi a Língua Portuguesa. Este projecto da Assembleia da República, desenvolvido com o apoio do Ministério da Educação, é uma iniciativa que visa a educação para a cidadania, a divulgação da prática democrática, bem como dos valores e da importância fundamental da democracia. Envolveu 114 estudantes de 41 escolas do Continente, Regiões Autónomas e Macau, sendo notório o crescimento da adesão relativamente aos anos anteriores.



Reunião preparatória na Escola Camilo Castelo Branco em Vila Real.

O projecto decorreu ao longo dos três períodos do presente ano lectivo, em quatro fases sucessivas. Respeitando rigorosamente o calendário, compreendeu, numa primeira fase, a inscrição das escolas, até 14 de Outubro, uma reunião a 25 de Outubro, na Assembleia da República, para informação dos professores responsáveis, a discussão do tema nas escolas, a apresentação de trabalhos (um Projecto de Recomendação à Assembleia da República, resultante da reflexão efectuada) às Direcções Regionais de Educação, até 9 de Dezembro, e a elaboração de uma pergunta a apresentar aos Deputados dos Grupos Parlamentares no PAOD - Período Antes da Ordem do Dia - da Sessão Plenária). As DRE acompanharam o projecto através de Coordenadores, sendo a sua coordenação geral da responsabilidade da Equipa de Projecto da Assembleia da República, “seguindo as orientações definidas pela Comissão de Educação, Ciência e Cultura” e desenvolvendo-se segundo um protocolo estabelecido entre a Assembleia da República e o Ministério da Educação. Enviados os documentos às respectivas DRE e com base na apreciação do Júri (constituído pelos Presidente e Vice-Presidente da CECC e pela Coordenadora da Equipa de Projecto), foi determinado o número de “deputados” que cada escola elegeria para participar na VI

Sessão Parlamentar, no Palácio de São Bento. As eleições nas escolas (16 de Fevereiro), o envio da acta da eleição à AR (até 17 de Fevereiro) e dos documentos eleitorais (23 de Fevereiro) constituíram a segunda fase. Na terceira fase, foram efectuadas as reuniões preparatórias (de 6 a 24 de Março e de 18 a 21 de Abril) pelos diferentes círculos eleitorais, sob a orientação da Coordenadora da Equipa de Projecto, Dra. Maria José Silva Santos, e da criadora do projecto, Dra. Julieta Sampaio, ex-deputada do PS, actualmente Consultora da CECC para o Projecto, contando também com a presença de Deputados da AR e de representantes das DRE e dos CAE. Este trabalho iria constituir uma preparação para participar na quarta e última fase do projecto – a VI Sessão Parlamentar “Assembleia na Escola”, a 8 de Maio. O desenvolvimento do projecto foi, desde sempre, acompanhado pelo “Outra Presença”.



Ao centro, Rita Morais, deputada da Esab na Assembleia da República

Assim sendo, tal como o Ministro dos Assuntos Parlamentares mencionou na VI Sessão Parlamentar, mais do que “Assembleia na Escola” este projecto é, na realidade, a escola na Assembleia.

“Minha Pátria é a Língua Portuguesa” – Num país, à beira mar plantado, em que o valor e o amor à Língua se vão afastando no horizonte, vê-se emergir uma nau de esperança, onde a juventude, cada vez mais, ajuda a controlar o leme. Desta vez, a rota foi sendo traçada ao longo de sessões de trabalho, progressivamente mais exigentes. Nessa nau, que é então Portugal, navegam dezoito círculos eleitorais de “deputado-marinheiros” dos Açores, Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Faro, “Fora da Europa” (Macau), Guarda, Leiria, Lisboa, Madeira, Portalegre, Porto, Setúbal, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu, que, através de um consenso democrático de soluções/medidas/propostas, ambicionam ir buscar a Língua Portuguesa ao horizonte do esquecimento em que tem vindo a ser

## Apontamentos

### 2.ª e 3.ª Fases do Parlamento dos Jovens Eleições e Reuniões Preparatórias

Tendo em conta os pareceres das Direcções Regionais de Educação e outros factores, o Júri, constituído pelos Presidente e Vice-Presidente da Comissão de Educação, Ciência e Cultura, Deputados António José Seguro e Sérgio Vieira, respectivamente, e pela Coordenadora da Equipa de Projecto, Maria José Silva Santos, na presença da Consultora da Comissão para o Projecto, Julieta Sampaio, deliberou, em reuniões de 20 de Janeiro (VI Sessão) e 7 de Fevereiro (XII Sessão) sobre as questões de organização das duas sessões do Parlamento dos Jovens.

Assim, a Escola Secundária Abade de Baçal, tendo sido seleccionada para passar à 2.ª fase do projecto, realizou eleições e participou nas reuniões preparatórias.

### XII Sessão Parlamentar “A Escola e a Assembleia” (2.ª e 3.ª Ciclos)

O círculo eleitoral de Bragança, constituído pelas ES/3 Abade de Baçal e EB 2,3 de Vinhais, elegeu 4 deputados, 2 por cada escola.

As eleições na nossa escola realizaram-se a 23 de Fevereiro, de acordo com o calendário. Foram expressos 170 votos, dos quais um nulo, obtendo a lista candidata 169 votos. A Maria Inês Fernandes Bento e a Carina Sofia Miranda Esteves foram eleitas deputadas efectivas; o João Domingos Afonso Anes e o Rui Miguel Cidre Moreno Miranda foram eleitos deputados suplentes. Todos estiveram presentes na reunião preparatória realizada pelas 10 horas do dia 16 de Março, na Escola Secundária Camilo Castelo Branco, em Vila Real, onde as duas escolas do círculo apresentaram os seus projectos, participando, em seguida, no aceso debate que conduziria à adopção de um único projecto a apresentar pelo círculo eleitoral na XII Sessão Parlamentar, a 29 de Maio, na Assembleia da República.

### VI Sessão Parlamentar “Assembleia na Escola” (Secundário):

O círculo eleitoral de Bragança, constituído pelas ES Abade de Baçal e Miguel Torga, elegeu 6 deputados, 3 por cada escola.

Embora as eleições estivessem previstas para 16 de Fevereiro, na nossa escola realizaram-se a 15 de Fevereiro, com autorização da DREN, por se prever uma greve dos alunos para o dia seguinte. Foram expressos 80 votos, dos quais 2 brancos e um nulo, tendo a lista candidata obtido 77 votos. A Margarida Gil de Figueiredo Carmona e Lima, a Rita Carvalho Morais e a Cristiana Isabel Fernandes Pires Afonso foram eleitas deputadas efectivas, tendo participado na reunião preparatória realizada no dia 16 de Março, pelas 14H30, na Escola Secundária Camilo Castelo Branco, em Vila Real, onde apresentaram o nosso projecto e participaram no debate com a Escola Secundária Miguel Torga, com vista à aprovação de um único projecto a apresentar pelo círculo eleitoral de Bragança na VI Sessão Parlamentar, a 8 de Maio, tendo a Rita Morais sido eleita Porta-Voz do círculo e uma aluna da Escola Miguel Torga Vice-Presidente da Mesa da Sessão a realizar na Assembleia da República. A Joana Manuel de Sousa Barroca Moreira, a Nádya Cristiana Pires Afonso e a Heloísa Patrícia Gonçalves Nunes foram eleitas deputadas suplentes, mas não puderam estar presentes na reunião preparatória, que contou com a presença da Coordenadora da Equipa de Projecto, da Consultora, do Deputado Abel Lima Baptista do CDS-PP e de representantes da DREN e do CAE de Bragança.



Fotos desta página: José Alberto Alves

deixada. Assim, confiando em Fernando Pessoa e na sua mensagem de que Portugal ainda tem muito para dar, o círculo de Bragança, em união com os restantes círculos distritais, ajudou a construir um “círculo” máximo de harmonia entre a Pátria e a Língua, que só é possível se a luta pela preservação desta última for mantida.

Seguindo, então, a rota traçada e referindo-nos apenas ao Círculo de Bragança, das eleições nas escolas foram eleitas, como “deputadas” efectivas, as alunas Margarida Carmona, Rita Morais e Cristiana Afonso. A Cristiana não pôde participar na última fase do projecto, por impedimento de última hora, sendo substituída pela Heloísa Nunes. No entanto, é de salientar a sua indispensável participação e contributo ao longo do projecto. Como suplentes, foram eleitas as “deputadas” Nádía Afonso, Joana Moreira e Heloísa Nunes, da Escola Secundária Abade de Baçal, tendo a imprescindível e preciosa orientação e apoio da Dra. Olinda Oliveira, à qual deixamos, desde já e publicamente, o nosso sincero agradecimento pela dedicação ao longo destes anos. Obrigada! Relativamente à Escola Secundária Miguel Torga, foram eleitas, como efectivas as alunas Carla Prada, Sofia Queiroga e Tânia Fernandes e, como suplentes, Marta Afonso, Vanessa Afonso e Inês Luís, orientadas pelas professoras Cecília Falcão e Ana Paula Andrade. Ultrapassado este passo, o porto seguinte foi Vila Real, onde, na reunião preparatória, as “deputadas” (curiosamente apenas raparigas!) trabalharam, através de propostas e votações, os projectos das duas escolas, para criar um texto único de Recomendação à Assembleia da República representante do Círculo de Bragança, tal como a eleição da pergunta que iria ser feita ao Grupo Parlamentar do PP.

O dia 8 de Maio foi marcado por efusivas discussões e reflexões no debate democrático de opiniões durante a tão esperada Sessão Parlamentar. Nesta, todos os Círculos das várias regiões do país foram organizados



Sessão Plenária

em quatro Comissões. Bragança ficou integrada na se-

gunda e na terceira, devendo a sua moção ser debatida na terceira, juntamente com as moções dos Círculos de Faro, Portalegre, Setúbal e Viana do Castelo, estando ainda representados os Círculos dos Açores, Aveiro, Madeira, Porto. Na segunda Comissão, Bragança estava representada, juntamente com Lisboa, Madeira e Porto, com o objectivo de contribuir para a elaboração de um melhor projecto daquela Comissão, estando em discussão as moções de Braga, Castelo Branco, Leiria e Viseu. Para orientar os trabalhos e moderar o debate, estavam distribuídos, por cada comissão dois Deputados Parlamentares ou um Deputado e o seu Assessor. A primeira Comissão teve como orientadores Maria Júlia Caré (PS) e Alda Macedo (BE), a segunda Zita Seabra (PSD), a terceira Luís Fagundes Duarte, e, por fim, a quarta João Rebelo (CDS-PP) e Ribeiro Cristóvão (PSD).

As reuniões das diferentes Comissões tiveram lugar na parte da manhã, decorrendo as das três primeiras nas salas das Comissões do Parlamento, enquanto que a da quarta Comissão decorreu na sala do Senado, sendo que esta última, juntamente com a da primeira, foram transmitidas em directo no canal ARTV. Em cada reunião, os Deputados Parlamentares orientadores procederam imediatamente à análise dos quatro projectos presentes, à medida que iam relevando os aspectos mais importantes de cada um. Seguiu-se uma segunda apresentação, desta vez por parte dos Porta-Vozes de cada Círculo, que tentaram, assim, argumentar o melhor possível, procurando convencer os restantes em relação à pertinência das suas propostas. Após um período de esclarecimento de dúvidas relativamente às propostas, efectuou-se a votação das mesmas, sendo necessário frisar que o bom desempenho de Bragança se traduziu na eleição da sua moção com maioria absoluta para projecto-base. A partir deste, foi elaborado o projecto final, resultante da discussão e votação de propostas de aditamento, eliminação ou alteração de redacção. Seguidamente, após a eleição de um Relator representante da Comissão, este reuniu-se com os porta-vozes de cada Círculo que fez propostas, para elaborar um texto coerente e gramaticalmente correcto que integrasse as alterações feitas ao projecto. Os Relatores eleitos em cada Comissão, orientados pelos Deputados Luís Fagundes Duarte (PS), Maria Júlia Caré (PS), Ribeiro Cristóvão (PSD) e Alda Macedo (BE) constituíram a Comissão de Redacção que procedeu à selecção das medidas mais oportunas do projecto final de cada Comissão para elaborar um projecto final de Recomendação à Assembleia da República, que iria ser trabalhado no Período da Ordem do Dia (POD), na Sessão Plenária.

## VI Sessão Círculo de Bragança

### Projecto de Recomendação à Assembleia da República “Língua Portuguesa”

Os deputados eleitos no círculo de Bragança recomendam à Assembleia da República a adopção das seguintes medidas:

1. Garantir o efectivo investimento no ensino da Língua Portuguesa no estrangeiro, através de cursos e protocolos, como disciplina integrada no seu sistema escolar, bem como uma maior presença nos países da CPLP;
2. Criar um Observatório da Língua, organismo de acompanhamento sob a tutela da Presidência do Conselho de Ministros, que promova acções concretas junto das escolas, nomeadamente: realização de Olimpíadas de língua e literatura portuguesas, criação de ateliers de escrita e de oratória - que podem ser dinamizados por escritores e actores locais - através de protocolos com as autarquias; incentivos à publicação de jornais escolares, edição de trabalhos literários produzidos pelos alunos; ampliação e equipamento das bibliotecas escolares, com possibilidade de intercâmbios locais; divulgação de escritores nacionais através de exposições itinerantes, concursos literários, programas televisivos e radiofónicos; bolsas e prémios para jovens jornalistas e escritores; divulgação de roteiros para visitas de estudo alusivos à vida de escritores, etc.;
3. Incentivar a produção e difusão de música, cinema, teatro e literatura em português, a nível nacional e internacional, enquanto instrumento de promoção cultural e linguística;
4. Criar um «guião de utente da língua» nos serviços públicos, que não se limite a ser um prontuário de Português mas contenha documentos burocráticos como requerimentos, cartas de reclamação, formulários, ingressos e outros de carácter funcional. Os serviços públicos devem dispor deste elucidário e facultá-lo ao utente, inclusive através da Internet;
5. Assegurar que a produção científica, cultural e política se faça em língua portuguesa: os trabalhos académicos, didácticos e científicos publicados em instituições portuguesas, bem como os discursos oficiais e as comunicações em encontros científicos devem ser feitos e publicados em Língua Portuguesa ou, tratando-se de original de outra língua, apresentar obrigatoriamente tradução em língua portuguesa.
6. Criar a Alta Autoridade para a Língua Portuguesa, como entidade orientadora do bom uso da língua, que emita recomendações e pareceres, nos seguintes domínios:
  - a) meios de comunicação social;
  - b) administração pública;
  - c) artes e espectáculos em geral;
  - d) actividade comercial e turismo;
  - e) informática e telecomunicações;
  - f) actividade desportiva.

(Aprovado na Reunião Preparatória realizada a 16 de Março de 2006)



Para descomprimir (e não só... pois o trabalho desgasta!) foi oferecido pela Assembleia da República um fantástico almoço, envolvido por um clima de convívio, de boa disposição e de trocas de elogios e congratulações entre os membros dos diversos Círculos... do qual não podemos deixar de lembrar o fabuloso leite-creme, o delicioso bacalhau com natas, o saudável sumo de laranja e a tentadora mousse de chocolate!!!!!!!

Neste intervalo foi concedida, aos interessados, a oportunidade de realizar uma visita guiada à Sala de Sessões da Assembleia da República, Salão Nobre e Biblioteca.

Por volta das 15h, com marcantes discursos de circunstância, a abertura solene da Sessão deu-se pela voz do Senhor Vice-Presidente da Assembleia da República, Telmo Correia, com a presença do Senhor Ministro dos Assuntos Parlamentares, Augusto Santos Silva, do Senhor Secretário de Estado da Educação, Valter Lemos, da Presidente da Sessão anterior, Soraia Silva e da Coordenadora do Projecto. Os oradores debruçaram-se essencialmente sobre a importância da Língua Portuguesa e desta iniciativa na prática da democracia, sensibilizando os estudantes presentes para o seu papel preponderante pela luta de ambas.

Após este período de discursos, tomou posse a Mesa da "Assembleia na Escola", tendo este ano como Presidente Tobias Berardo, Vice-Presidente Sofia Queiroga (de Bragança), Primeira Secretária Mafalda de Oliveira Paulo e como Segunda Secretária Ana Filipa Magalhães.

No Período Antes da Ordem do Dia (PAOD), foram apresentadas as perguntas de tema livre aos Deputados em representa-

ção dos Grupos Parlamentares, António Filipe (PCP), Heloisa Apolónia (PEV), Zita Seabra (PSD), Luís Fagundes Duarte (PS) e Alda Macedo (BE). As perguntas inclinaram-se especialmente para temas bastante actuais, como a distribuição do Orçamento de Estado, a Educação em Portugal, entre outros. A pergunta de Bragança foi apresentada à Deputada Zita Seabra, já que o Deputado do PP previsto não pôde estar presente. No Período da Ordem do Dia (POD), de onde sairia a Recomendação final que seria apresentada à Assembleia da República, não havia grandes possibilidades de discussão, sendo que a proposta elaborada pela Comissão de Redacção apenas poderia sofrer alterações a nível da inclusão de pontos de outras propostas ou exclusão de pontos da mesma, conseguindo-se uma Recomendação final global bastante completa e consensual, incluindo os pontos fulcrais de todas as propostas.

O encerramento da Sessão foi da responsabilidade do Presidente da Comissão de Educação, Ciência e Cultura, Deputado António José Seguro. Este concedeu prontamente aos "jornalistas" trinta minutos numa conferência de imprensa, revelando-se seguidamente algumas das perguntas efectuadas e respectivas respostas:

**Pergunta - Acha que a nossa democracia caminha no bom sentido ou acha que ainda há aspectos a mudar?**

Há muitos aspectos a mudar porque nalguns casos, a nossa democracia ainda tem hábitos muito pouco democráticos porque as pessoas confundem democracia com a existência de liberdade de expressão e com a existência de eleições competitivas entre partidos. Ora a democracia é muito mais do que isso, quer dizer, sem isso não há democracia, mas só existe democracia se houver um processo democrático mas também homens e mulheres democráticos, caso contrário haverá abusos de poder, se não houver um estado democrático e um bom estado de direito é muito difícil. Não pode haver democracia se não houver justiça e esta é só administra-la de forma correcta, mas

para quem necessita que haja administração dessa justiça. E neste ponto de vista é preciso fazer um grande esforço, em primeiro lugar na educação: só é possível formar cidadãos democráticos investindo fortemente na educação. E esta é uma das grandes faltas dos anos de vivência da nossa democracia. Em 2.º lugar é preciso ter noção que a democracia não é uma varinha mágica capaz de resolver os problemas. As pessoas ligam democracia à existência de problemas. Ora isso não é verdade. Democracia é um processo em que as pessoas podem dizer o que pensam, votar, de se candidatarem (todas as pessoas com mais de 18 anos, a não ser para a presidência da república, à qual só se podem candidatar os cidadãos com mais de 35 anos) e

as pessoas precisam de perceber que tudo isto é feito por homens e mulheres, e que naturalmente não se podem resolver os problemas de um dia para o outro. Esta é outra dificuldade: explicar as pessoas como funciona o nosso sistema de governo, para que percebam que problemas existem no mundo, no nosso país e de que modo eles podem ou não ser resolvidos.

**P: Qual a sua opinião sobre este projecto?**

R: É necessário informar sobre o trabalho que os representantes do povo, ou seja os deputados, desenvolvem na A.R. Muitas das vezes o trabalho mais divulgado é aquele que se passa no plenário e onde os deputados

trabalham mais; aqueles que verdadeiramente trabalham é nas comissões, é nos contactos com o eleitorado e é na preparação de projectos de lei, de requerimentos ou em actividades. Em 2.º lugar, e talvez seja o mais importante é criar o bichinho da cidadania e da participação. Há duas maneiras de nós vivermos: é só nos interessarmos com os nossos problemas pessoais e profissionais e o outro é preocuparmo-nos com a vida da comunidade, é sermos cidadãos comprometidos, empenhados, disponíveis para assumirmos responsabilidades. É neste ponto de vista que encontrei razões que fazem com que eu pense muito bem deste projecto, alias as informações que eu tenho, quer das sessões preparatórias, quer desta sessão final, que tem mais visibilidade sobretudo no plano nacional, demonstram que as pessoas, neste caso os deputados que o são por um dia, ficam com boas recordações e consideram esta tarefa muito gratificante. É neste sentido que vamos continuar com este projecto; estamos a dinamizá-lo e como já devem saber, a partir do próximo ano, em vez de existirem este projecto e o jogo do hemiciclo, que era promovido pelo IPJ, vai passar a existir um único projecto que se chamará Parlamento dos Jovens. Vai deixar de se chamar Assembleia na escola para se passar a chamar Parlamento dos Jovens. É uma resolução que vai ser aprovada, se tudo, se tudo correr bem, na A.R esta quinta-feira.

**P: Assentando a reforma do programa do Português B numa estrutura antagónica ao que aqui hoje está a ser definido, ou seja, o amor e o gosto pela Língua Portuguesa, não**



## Assembleia na Escola

VI SESSÃO PARLAMENTAR

8 de Maio de 2006

"Língua Portuguesa"

### Recomendação à Assembleia da República

Os deputados à VI Sessão Parlamentar "Assembleia na Escola" recomendam à Assembleia da República a adopção das seguintes medidas:

1. Reforçar as condições que facilitam a integração dos imigrantes no nosso sistema de ensino, proporcionando-lhes, através de currículos próprios, um eficaz acompanhamento ao longo da aprendizagem da língua, nomeadamente, a atribuição de uma correcta, adequada e realista equivalência ao nosso sistema educativo, e aprofundar programas adequados de cooperação, acordos e parcerias, de objectivos bem definidos adaptados a cada região ou país;
2. Intervenção do Estado na diminuição do imposto sobre bens culturais, em virtude da importância da cultura para a preservação e divulgação da Língua Portuguesa, e apoio à promoção comercial dos mesmos;
3. Constituição de acordos entre Portugal e países onde se inserem comunidades portuguesas para reforçar a divulgação do ensino da Língua Portuguesa; generalização de uma rede de escolas de Língua Portuguesa em países estrangeiros onde haja comunidades portuguesas, através da criação de um instituto responsável pelo ensino do Português em Portugal e no Mundo, ao nível do pré-escolar e dos ensinos básico e secundário. Propõe-se que este instituto seja designado por Instituto "Sophia", em homenagem à grande autora portuguesa Sophia de Mello Breyner e à literatura portuguesa contemporânea;
4. Promover e assegurar, progressivamente, a presença da Língua Gestual Portuguesa na totalidade das transmissões televisivas nacionais, assegurando deste modo, não só a igualdade de aquisição de informação, conhecimento, conteúdo lúdico e/ou diverso entre os indivíduos que não dispõem da plenitude das suas capacidades auditivas e o resto da população, como também a difusão de um património riquíssimo e único, que esta mesma língua constitui. Deve, igualmente, ser assegurada a cobertura para Português padrão da programação infanto-juvenil;
5. Intervir activamente, em conjunto com os restantes países que constituem a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), junto da Organização das Nações Unidas (ONU), no sentido de esta adoptar o Português como idioma oficial (a par do árabe, chinês, espanhol, francês, inglês e russo), reconhecendo quer a sua enorme expressão em número de falantes, quer a sua importância sociocultural e geo-política em várias nações de todos os continentes;
6. Intensificar a expansão da língua nacional no estrangeiro, através de feiras do livro, exposições, intercâmbios escolares, apoio à projecção do mundo musical e cinematográfico e aprofundamento da transmissão de programas televisivos em todo o mundo;
7. Melhorar as condições para que todas as instituições de ensino, desde o pré-escolar ao ensino secundário, tenham bibliotecas ligadas em rede, quer entre si, quer às bibliotecas municipais e até nacionais – rede de bibliotecas – como forma de todos os utilizadores poderem aceder ao acervo documental de cada uma delas;
8. Recomenda-se que as acções do Instituto Camões se intensifiquem nos PALOP e que o governo Português, no quadro dos acordos de cooperação e financiamento com esses países, faça a pressão necessária para que uma parte dos referidos financiamentos seja, obrigatoriamente, investida na promoção da Língua Portuguesa, nomeadamente através de parcerias com a UNESCO e RTP Internacional;
9. Promover iniciativas, tais como Olimpíadas do Português, grupos de teatro e poesia, concursos literários, de reportagem, de investigação, de páginas da net, feiras do livro, etc., organizadas pelos estudantes com o apoio da comunidade escolar;
10. Acompanhar e estudar as consequências das mutações que estão a ocorrer no domínio linguístico em resultado da utilização crescente, sobretudo pelos jovens, de mensagens (telemóvel, teletexto e internet);
11. Criar livrarias portuguesas no estrangeiro, pelo Estado (Ministério dos Negócios Estrangeiros), colocando em articulação as embaixadas portuguesas com entidades locais (empresas, câmaras, editores, livreiros), à semelhança da Livraria Britânica, da Livraria Buchholz, entre outras;
12. De modo a promover a divulgação da nossa língua e da nossa história, a nível nacional e internacional, devia financiar-se a adaptação de obras literárias ou de retrato de momentos ou figuras relevantes no âmbito da cultura portuguesa e das artes mediatizáveis, através da abertura de concursos públicos e regulamentação específica criados exclusivamente para o efeito;
13. Financiar projectos de tradução de obras de referência, de teor técnico ou ficcional, por parte de entidades públicas ou privadas (Universidades; Fundações; Empresas; Instituições culturais; entre outras), através da abertura de concursos públicos exclusivamente criados para o efeito;
14. No âmbito da defesa da Língua Portuguesa nos suportes informáticos, implementar um tipo de ortografia de compreensão universal, de modo a garantir a integridade da Língua Portuguesa, tornando-a legível em qualquer sistema virtual do mundo, sem depender das definições dos sistemas operativos, à semelhança do que já sucede com outras línguas;
15. Criar um Observatório da Língua, organismo de acompanhamento sob a tutela da Presidência do Conselho de Ministros, que promova acções concretas junto das escolas, nomeadamente: criação de ateliers de escrita e de oratória – que

# Jogos de Poder

acha que a Assembleia devia ter um papel mais activo e preponderante nas reformas curriculares?

R: Cada grupo parlamentar tem o seu próprio olhar sobre as questões. É por isso que este parlamento é um espaço plural, de debate, onde cada um tem a sua opinião e instrumentos ao seu dispor para criticar, elogiar, requerer mais informações, pedir esclarecimentos ao Governo, ou oralmente ou por escrito. Portanto esses assuntos são debatidos. Alias, a comissão Parlamentar da educação ciência e cultura, a que eu presido, tem como prioridade a valorização da língua portuguesa. Alias, este tema não foi escolhido ao acaso. Tratou-se da primeira oportunidade para a comissão decidir o tema porque o do ano passado já vinha da anterior legislatura. Há 15 dias, foi analisada na nossa comissão uma petição que visava o ensino do português e o programa do português. Essa foi discutida, houve opiniões contrárias e neste momento se não obtivermos mais de 4000 mil assinaturas está arquivada,

caso contrário irá para plenário ser discutida. Mas quero-lhe dizer que não há uma única opinião sobre esse assunto.

De facto, a luta pela preservação e promoção da Língua Portuguesa é um projecto de complexidade evidente. Porém, "tudo vale a pena se a alma não é pequena", e, como tal, é exactamente na juventude de hoje que reside o futuro.

Esta iniciativa proporcionou a todos os participantes um contacto directo com o funcionamento do Parlamento, contribuindo, assim, para uma maior compreensão sobre a importância da acção das instituições democráticas.

Independentemente das simpatias partidárias de cada um, é necessário e unânime o reconhecimento do papel fundamental do Parlamento e dos Deputados na democracia Portuguesa.



Reunião da terceira comissão (Bragança) - intervenção da deputada da Escola Abade de Baçal, Rita Morais

podem ser dinamizados por escritores e actores locais – através de protocolos com as autarquias; incentivos à publicação de jornais escolares, edição de trabalhos literários produzidos pelos alunos; bolsas e prémios para jovens jornalistas e escritores; divulgação de roteiros para visitas de estudo alusivas à vida de escritores, etc.;

16. Fomentar o ensino do Português junto dos países lusófonos e junto aos focos de emigração de portugueses, organizando actividades de intercâmbio e contacto mútuo entre escritores de vários países de Língua Portuguesa, com criação de Casas Portuguesas e Lusófonas nos países com representação diplomática portuguesa, existindo obrigatoriamente nas mesmas professores licenciados em Língua Portuguesa;

17. Responsabilizar os meios de comunicação social pela difusão da Língua Portuguesa, através da apresentação de filmes, música e livros portugueses, recorrendo a uma "taxa de lusofonia"; criar programas de animação infantil em Português, legendados, acerca da História e lendas do povo português ou dos países da CPLP; aumentar o número de programas culturais e de entretenimento, aproveitando o contributo de figuras públicas, dando particular atenção à programação da RTP internacional; incentivar iniciativas como o "Google Books" em Português, em cooperação com entidades estrangeiras;

18. Incentivar a produção escrita e a sua dinamização através de oficinas de leitura em todas as escolas, a implementação de um suplemento sobre as escolas nos jornais regionais e a utilização de textos dos alunos nos livros escolares do ensino básico;

19. Reforçar, a nível nacional, um Plano de "Leitura Extensiva Orientada" (LEO) a partir do 1.º Ciclo do Ensino Básico, uma vez por semana, num módulo de 90 minutos e incentivar as representações teatrais nas Escolas das obras estudadas.

20. Divulgação da Língua Portuguesa por todo o mundo, nomeadamente através dos Meios de Comunicação Social e Internet, criando cursos de Português virtual, com acesso a materiais de apoio como dicionários e glossários, para lusófonos e estrangeiros abrangendo várias faixas etárias uma vez que são os canais privilegiados para transmitir conteúdos em Português, de carácter universalista. Assim, acredita-se que todos os países que falam a Língua Portuguesa deverão ser actores interventivos e dar a conhecer a sua cultura e os seus costumes.

Documento disponível em <http://www.parlamento.pt>



# Jogos de Poder

## JOVENS DEBATEM A EDUCAÇÃO E CIDADANIA PARA A SEGURANÇA RODOVIÁRIA NA XII SESSÃO PARLAMENTAR "A ESCOLA A ASSEMBLEIA"

E

João Anes (Repórter do "Outra Presença")

No dia 28 de Maio, o "grupo parlamentar" de Bragança deslocou-se a Lisboa, para se juntar a todos os outros "grupos parlamentares" e concretizar a quarta fase do projecto "A Escola e a Assembleia", promovido pela Assembleia da República, em cooperação com o Ministério da Educação, tomando parte na XII Sessão Parlamentar.

Nós, o grupo da nossa escola, constituído por Maria Inês Bento ("deputada" Porta-Voz), Carina Esteves ("deputada") e João Anes (Jornalista), juntamente com a Prof. Lurdes Bento, saímos para a capital, às catorze horas do dia 28, domingo, de autocarro. Chegamos por volta das nove e meia da noite à gare intermodal de Sete Rios, apanhámos um táxi que nos levaria à nossa hospedaria, gerida por religiosas católicas: a Casa de Santa Zita, onde fomos bem recebidos e acomodados.

Depois de uma boa e larga noite, mal dormida (culpa da ansiedade), dirigimo-nos pelas ruas de Lisboa rumo ao palácio de São Bento, onde fomos gentilmente recebidos.

Dentro das paredes do antigo palácio, ocorreria a XII Sessão do projecto "A Escola e a Assembleia", no qual participaram alunos dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico de escolas do continente, uma dos Açores, outra da Madeira e até uma de Macau.

Enfim, chegados à Assembleia, fomos separados em acompanhantes e "deputados", e foi oferecido a cada participante um saco dentro do qual se encontravam alguns objectos simpaticamente oferecidos pela organização do evento: blocos de notas (utilizados por todos os jornalistas), canetas, pins, documentação e outros.

Depois disso, os diferentes "grupos parlamentares" foram para as suas respectivas salas onde decorreriam as Reuniões das Comissões. O grupo de Bragança, constituído por três elementos da Escola Secundária/3 Abade de Baçal e três da EB2/3 de Vinhais, foi integrado na 3ª Comissão. Fomos dirigidos pelo Senhor Miguel Moreno para a respectiva sala, onde nos reuniríamos com os colegas com quem debateríamos os projectos aprovados nas Reuniões Preparatórias; os de Portalegre e os dos Açores, contando com a presença das Senhoras Deputadas Helena Pinto e Maria Júlia Caré e ainda com alguns colegas de outros círculos eleitorais, nomeadamente de Lisboa, Faro e Aveiro.

A reunião da Comissão tinha como objectivo produzir artigos para integrarem a Recomendação final, e estava dividida em 3 partes - A fase de esclarecimento, a votação para eleger o projecto base e o debate na especialidade. As duas primeiras decorreram rapidamente, com alguns pedidos de esclarecimento, e o projecto votado, aliás por unanimidade, foi o de Portalegre, que veio a constituir o projecto base, depois de quase duas horas e meia de debate, com intervenções várias, vindas de todos os grupos



de "deputados". No fim da reunião, foi lido o projecto resultante, constituído por 7 medidas, e foi eleito Relator o "deputado" Porta-Voz de Portalegre, por um voto de diferença relativamente ao segundo mais votado. Embora certos "deputados" tenham dito alguns absurdos, na maior parte das vezes foram ditas coisas que poderiam muito bem ter sido consideradas numa verdadeira Sessão da Assembleia da República, o que significa que os adolescentes também sabem pensar.

Terminada a reunião da Comissão, fomos almoçar. A refeição decorreu no claustro do palácio, onde foi servido peixe e batatas fritas e carne à Alentejana, acompanhados de coca-cola, que, embora quente, era digerível. Para satisfação de todos (já que não havia pizza) havia bastantes sobremesas à disposição: morangos, gelatinas, laranjas descascadas e outras bem apetitosas.

Até à continuação dos trabalhos, 2 horas depois, aproveitámos para conversar, explorar o palácio, ler a documentação, prepararmo-nos para a Sessão Plenária, ir ao café ou, simplesmente, sentarmo-nos e descansar, coisa que muita gente fez; porque isto de ser parlamentar cansa...

Terminado o período de descanso, começou a Sessão Plenária, na Sala do Senado. Aí, a Sessão

foi aberta por sua Excelência o Presidente da Assembleia da República, acompanhado na Mesa pelo Ministro dos Assuntos Parlamentares, O Secretário de Estado da Administração Interna e o Presidente da Sessão do ano anterior. Após a abertura solene, começou o Período Antes da Ordem do Dia, PAOD, em que a Mesa foi substituída por vários "deputados", vindos de certas escolas. No PAOD, foram feitas diversas perguntas (uma por escola) aos deputados presentes (Rosalina Martins, do PS; Fernando Santos Pereira, PSD; Miguel Tiago, PCP; Nuno Magalhães, CDS-PP; Helena Pinto, BE e Francisco Madeira Lopes, dos Verdes. Algumas dessas perguntas foram "Medidas tomadas para os casos de fogo posto", "Quais as medidas tomadas para combate da poluição das praias"; "O que faz o Estado para proteger as crianças maltratadas"

e, a nossa, "Porquê a diferença de desenvolvimento entre o interior e o litoral". Enquanto a sessão decorria, os jornalistas foram convidados a assistir a uma conferência de imprensa, dada pelo Presidente da Comissão de Educação, Ciência e Cultura, o deputado do PS, António José Seguro, onde foram colocadas diversas perguntas de tema livre, como o futuro económico de Portugal, a dependência energética portuguesa, o abandono escolar e outros da maior importância e actualidade.

Entretanto, a Reunião Plenária continuava, sendo os verdadeiros Deputados literalmente "bombardeados" com diversos tipos de perguntas. Por volta das 17 horas, começava o Período da Ordem do Dia, tendo sido votada a Recomendação final à Assembleia da República, os porta-vozes apresentaram as suas declarações finais, fizeram os agradecimentos e, finalmente, a XII Sessão deste magnífico projecto foi encerrada pelo Senhor Presidente da Comissão de Educação, Ciência e Cultura.

Foi, para mim, para as minhas colegas e para os meus conterrâneos, uma experiência muito agradável, divertida e culturalmente enriquecedora, pelo que todos estamos gratos.



# Clube "Despertar para a Ciência" comemora originalmente o Dia da Árvore



Porque o nosso presente e, provavelmente, o nosso futuro não pode passar sem a interação Ciência - Tecnologia, os alunos do Clube Despertar para a Ciência, em colaboração com outros colegas da escola, construíram folha a folha, esta modesta Árvore da Ciência e da Tecnologia como forma de reflexão da importância de ambas na vida do ser humano e na esperança de que sejam sempre usadas para o bem da Sociedade e do meio Ambiente.

Como forma de implementar a política dos 4Rs (Reduzir, Reciclar, Reutilizar, Recuperar) os materiais utilizados na construção da Árvore tiveram origem em embalagens de diferentes alimentos que vulgarmente constituiriam desperdícios em nossas casas.

O conhecimento e as descobertas científicas que permitiram o avanço tecnológico a partir do qual se construíram máquinas, aparelhos, instrumentos, transportes mais rápidos e seguros, maior facilidade de comunicações, melhorias significativas na medicina, etc. foram



apresentadas, sob a forma de folha, respeitando a cronologia da evolução científica nas diferentes áreas do saber (Astronomia, Biologia, Física, Geografia, Geologia, Matemática, Paleontologia, Química).

## TORNEIO DE XADREZ

*Maria dos Anjos Monteiro (profes-*

No âmbito das actividades da Biblioteca, foi organizado o 1º Torneio de Xadrez da Escola Secundária/3 Abade de Baçal, que decorreu nos dias 10, 17 e 24 de Maio, pelas 15 horas.

A ideia de realizar este torneio surgiu em conversas informais com os alunos praticantes da modalidade, já no final do segundo período, depois de ter constatado em diversas aulas de substituição, que fui fazendo ao longo do 1º e 2º período deste ano lectivo, (onde usei jogos lúdico-didácticos, entre eles o Xadrez), que havia um número significativo de alunos

que jogava Xadrez. Convicta das vantagens pessoais e intelectuais das regras deste jogo para os alunos, decidi organizar este torneio.

No entanto, este desporto, à semelhança de qualquer outro, exigia um árbitro, ou seja, uma pessoa que conhecesse bem as regras do jogo. Por isso, esta actividade só foi possível com a imprescindível colaboração do professor de Educação Física, José Manuel Ferreira, adepto incondicional da modalidade, que me ajudou quer na planificação quer na arbitragem dos jogos.

Ao torneio concorreram doze alunos, todos do sexo

masculino, de 7º, 8º, 9º e 10 anos.

No dia 10 de Maio realizou-se a 1ª eliminatória. Fez-se um sorteio para formar grupos de dois alunos, transitando para a fase seguinte o aluno que tivesse alcançado duas vitórias. Passaram à 2ª eliminatória 6 alunos. Esta eliminatória teve lugar no dia 17 de Maio, passando à meia-final três alunos mais o 4º melhor participante. A meia-final e a final realizaram-se no dia 24 de Maio, tendo ficado, em primeiro lugar o aluno, José Borges Alves do 9ºB, em segundo lugar

o aluno Luís Aleixo Afonso, do 10º B e em terceiro lugar o aluno João Carvalho Tomé do 9º C.

Foi realizada no próprio dia da final, 24 de Maio, a cerimónia de entrega dos prémios com a presença de elementos do Conselho Executivo, tendo sido atribuído ao primeiro classificado um tabuleiro de Xadrez em vidro (tamanho normal) e ao 2º e 3º 'Classificados um mini tabuleiro de Xadrez também em vidro.

Atendendo à atitude empenhada e competitiva demons-

trada pelos alunos durante a competição e também à especificidade da modalidade, que confere aos praticantes uma capacidade de raciocínio estratégico e concentração, muito importantes no processo evolutivo do pensamento, sem esquecer o respeito pelo adversário o tempo todo, manifesto aqui o meu desejo de que esta modalidade seja instituída nesta Escola.

### Memória...

Numa altura em que é possível observar o recente entusiasmo da juventude pela prática do Xadrez não podemos deixar de recuar no tempo cerca de duas décadas e recordarmos alguns dos antigos alunos da Escola, então meninos, e o interesse que algumas mesas cativavam. Interesse que resultava das estratégias desenvolvidas pelos praticantes num tabuleiro de que dificilmente desviavam o olhar.

Num período de grande expansão do Xadrez, também valerá a pena recuperar a memória da existência de vários professores que muito gostavam de ensaiar aberturas e movimentos susceptíveis de limitar a acção das peças do campo do adversário tendo em vista o lance final da captura do Rei. Para tal valiam-se preferencialmente da mesa que, para esse fim, existia na antiga sala dos professores: uma mesa cujo tampo era formado pelo tabuleiro e complementada com gavetas destinadas a guardar as pedras pretas e as pedras brancas.

Dor. Alexandre



Vencedores do I Torneio de Xadrez

# Fazer contas a Educação Física...

*“Melhorar a aptidão física, elevando as capacidades físicas de modo harmonioso e adequado às necessidades de desenvolvimento do aluno, promover a aprendizagem de conhecimentos relativos aos processos de elevação e manutenção das capacidades físicas, assegurar a aprendizagem de um conjunto de matérias representativas das diferentes actividades físicas, promovendo o desenvolvimento multilateral e harmonioso do aluno, através da prática de actividades físicas desportivas nas suas dimensões técnica, tática, regulamentar e organizativa, de actividades físicas expressivas (danças), nas suas dimensões técnica, de composição e interpretação, de actividades físicas de exploração da Natureza, nas suas dimensões técnica, organizativa e ecológica, de jogos tradicionais e populares. E ainda promover o gosto pela prática regular das actividades físicas e assegurar a compreensão da sua importância como factor de saúde e componente da cultura, na dimensão individual e social.”*

Estas são as algumas das finalidades da disciplina de Educação Física. Poucos serão aqueles que discordam delas. Aliás esta disciplina, sempre pacífica, está agora pela primeira vez no centro da polémica escolar. Qual a importância da Educação Física na escola? Que motivos a distinguiram até agora das outras disciplinas e fizeram com que possuísse um estatuto que a levava a não entrar nas contas finais das médias do 12º ano? Não conduzia isso a uma despreocupação e até desrespeito pelas aulas desta disciplina? Por outro lado, é justo que um aluno seja prejudicado por uma nota demasiado baixa nesta disciplina, quando é brilhante nas outras e a área que pretende seguir não se relaciona com a prática desportiva?

## Educação Física... a disciplina discriminada

Tenho-me deparado recentemente com a indignação e forte descontentamento por parte de muitos dos meus colegas relativamente ao novo papel da disciplina de Educação Física no Ensino Secundário. Refiro-me, claro, ao facto de esta contar a partir de agora, já para os alunos de 11.º ano, para a média final do secundário, nomeadamente na média com que se concorre ao Ensino Superior. Percebo, de facto, a preocupação dos estudantes relativamente a esta questão. No entanto não posso deixar de concordar com que assim seja. São muitos os motivos mas vou enunciar e explicar aqueles que me parecem mais lógicos.

Educação Física é uma disciplina que sofria, no panorama da anterior norma, uma enorme discriminação relativamente a todas as outras, pois era única que não se reflectia na média final do aluno e a que conta com menos horas semanais. Este facto descredibilizou-a ao longo de muitos anos, fazendo com que alunos, encarregados de educação e até mesmo muitos professores lhe atribuíssem uma importância reduzida relativamente àquilo que era suposto ela representar. Mas, de facto, Educação Física é uma disciplina como todas as outras, que tem um propósito, e decerto muito importante, na sua existência. Caso contrário, não seria a ÚNICA disciplina que acompanha obrigatoriamente o aluno desde o 5.º até ao 12.º ano.

Para aceitar que esta disciplina tenha o mesmo peso que qualquer outra, é preciso compreender a sua importância no desenvolvimento do sujeito. Embora haja muitas pessoas que argumentam não ter aptidão física para conseguir executar a maioria dos exercícios exigidos pela disciplina, toda e qualquer prática desportiva tem um enorme contributo no desenvolvimento psicológico dos indivíduos. E é esta a principal razão que me faz ser apologista desta nova medida. É, de facto, necessário dar a esta disciplina a importância que ela tem, porque tal facto só beneficiará o desenvolvimento de todos os que a praticam. Claro que nem toda a gente se sente apta para ter boas notas a E.F, mas ao longo do nosso percurso escolar há muitas disciplinas que nos agradam menos que outras, e nunca isso foi razão para elas perderem importância na média (veja-se o tão famoso caso da Matemática). Apesar dos esforços, há muitos casos em que os maus resultados a disciplinas que contarão igualmente para a média final são constantes? E afinal, Educação Física não é apenas uma aula em que se passam 90 minutos a tentar fazer piruetas complicadas. Há toda uma componente teórica que é esquecida e que é igualmente importante para a nossa formação.

Numa sociedade onde cada vez mais surgem problemas de saúde relacionados com a falta da prática de exercício físico, é necessário, mais que nunca, incentivar a criação de hábitos desporti-

vos nos jovens. É necessário que o desporto seja valorizado.

Claro que não se trata de um processo simples e que tenha sido, muito menos, bem conduzido pelo Ministério da Educação (se fosse, desta vez nós batíamos mesmo palmas...). A maioria das escolas portuguesas continua sem condições mínimas para que a Educação Física possa ser dada com proveito e conferir sucesso aos alunos! Trata-se, sem dúvida, de mais uma medida tomada irresponsavelmente pelo ministério da tutela. Primeiro, era necessário apetrechar as escolas com verdadeiros polidesportivos para que esta medida se tornasse, efectivamente, justa. Não é possível permitir que milhares de alunos por todo o país continuem a fazer as suas aulas em salões de festas improvisados (como nós bem sabemos...) ou, na pior das hipóteses, não fazendo porque não há polidesportivo algum e nem sempre as condições atmosféricas permitem que as actividades se desenvolvam ao relento, o que, consecutivamente, nos prejudica a todos.

Penso que seria igualmente necessário reajus-

tar os programas da disciplina, nomeadamente os conteúdos teóricos que se mostram desajustados e, muitos deles, demasiado exigentes em relação ao que seria razoável..

Por estas razões, penso que é de facto importante e justo que a Educação Física seja encarada como uma disciplina igual em importância a todas as outras. E quando os maus resultados pesarem na pauta, esforcemo-nos mais para melhorar.

Queria acabar este texto avançando um argumento de imparcialidade relativamente à opinião que aqui expressei. É que também eu sofro com as dificuldades de Educação Física. E os meus constantes “10” na pauta nesta disciplina ao longo do ano que o confirmem...

### Educação Física a influenciar a média? Só se opcional

Ana Luísa Esteves, 12ºB

A Educação Física, enquanto disciplina escolar que ensina as mais variadas práticas desportivas, visando sobretudo o desenvolvimento das capacidades motoras de um indivíduo, deve ser parte integrante da vida escolar de qualquer aluno. Além do importante processo de aquisição de aptidões físicas, a disciplina contribui, juntamente com as restantes, para o desenvolvimento coerente do ser humano nos seus aspectos intelectual, moral e físico. A adopção da disciplina nas diferentes áreas do ensino secundário torna-se, por isso, fundamental.

No entanto, e dado que vivemos um momento de transição, urge pensar acerca das vantagens e desvantagens do facto da nota de final de período da disciplina de Educação Física participar na média final de secundário, preponderante para o acesso ao ensino superior. Esta situação suscita opiniões algo controversas. Se por um lado, alunos com um nível científico sólido de conhecimentos, extremamente competentes no exercício de qualquer actividade futura, mas com menor capacitação física ficam prejudicados, outros há que, manifestando o conjunto de requisitos necessários para o pleno desempenho da sua actividade física, consideram justo que a nota participe na sua média final.

Neste contexto, e atendendo a que os critérios de avaliação não devem atender apenas à componente física, mas também a conceitos teóricos e comportamentais, considero que a Educação Física apenas deveria ser introduzida como disciplina com peso na média escolar caso fosse de carácter opcional.

Porém, definindo-se a Educação Física como o conjunto das disciplinas corporais destinadas à manutenção e melhoria das qualidades físicas, que alia a saúde mental à física, não deveria dissociar-se do percurso escolar de qualquer jovem, desde que o não prejudique em termos de futuro profissional.

# Exames nacionais - o 4º período

*Luís Pires, também ainda e sempre aluno desta escola*

Está a aproximar-se cada vez mais o que eu gosto de chamar de 4º período do 12º ano, ou seja, a época dos exames nacionais. Para uns, um terror. Para outros, mais um passo que lhes dá uma oportunidade de poderem ingressar no curso que querem. Seja como for, este tema sempre gerou polémica.

Sempre me lembro de dizerem que os exames eram muito injustos, porque podiam “deitar por terra” o trabalho de três anos. De facto, tudo isso é verdade, no entanto, para mim, é a única forma justa de todos os alunos serem avaliados de forma igual, pois todos sabemos que as escolas são diferentes, os alunos são diferentes, os professores e respectivos métodos de ensino e nível de exigência não fogem a esta regra. Assim, considerando que pretendem ingressar nos mesmos cursos, mas mesmas universidades, parece-me justo que esses alunos se sujeitem à mesma prova e iguais critérios de correcção.

Eu já sei o que é fazer exames e gostava que esta experiência ajudasse todos os que são caloiros nela. Em primeiro lugar é verdade que os exames não têm nada a ver com o que se imagina ao longo do ano. Naquele momento, aqueles 90 minutos são efectivamente diferentes. O período que antecede os exames propriamente ditos também é diferente. Estuda-se menos do que se planeia, porque afinal o tempo não estica

e o cansaço acumula-se. É aqui que vão valorizar a vossa aplicação ao longo do ano. Quando o estudo foi de facto feito de forma contínua e consistente (isto não se aplica a todos ... esqueçam as horas de memorização antes de um teste, aquelas que raramente deixaram vestígios depois desse teste, a não ser no cansaço...), vão sentir-se recompensados. Não quero dizer com isto que não se estuda na época de exames, estuda-se sim, mas o mais difícil foi feito ao longo do ano.

Que conselhos poderei dar? Vou arriscar alguns que considero essenciais e que no meu caso resultaram (vou repetir exames porque quero mudar de curso, para um ao qual não me candidatei porque não quis e cuja específica nem escolhi no 12º ano, de tal forma estava convencido da área que queria seguir... enganei-me... estou a recuar ... para voltar a avançar, desta vez, tenho a certeza, na direcção certa): estudem antecipadamente a maior parte da matéria, para o trabalho não se acumular na véspera das provas e o cansaço não vos impedir de trabalhar; levantem-se cedo



como se continuassem a ter aulas, não se perde o ritmo e aproveita-se a manhã, o que nos permite ganhar imenso tempo (além disso, os exames são habitualmente de manhã); alimentem-se bem, não importa se se ganham uns quilinhos nesta época, é por uma boa causa, o que não é frequente acontecer porque o desgaste, a ansiedade, o trabalho mental consome tudo; procurem manter-se calmos durante

o exame e leiam tudo com muita atenção, para não cometerem erros ridículos sobre uma matéria que até sabiam muito bem (eu sei isto por experiência própria...). Assim, conseguirão os vossos objectivos e honrarão a escola, que até agora tem sido bem representada.

Disciplina	1º Período	2º Período	3º Período	4º Período
Matemática A				
Matemática B				
Matemática C				
Matemática D				
Matemática E				
Matemática F				
Matemática G				
Matemática H				
Matemática I				
Matemática J				
Matemática K				
Matemática L				
Matemática M				
Matemática N				
Matemática O				
Matemática P				
Matemática Q				
Matemática R				
Matemática S				
Matemática T				
Matemática U				
Matemática V				
Matemática W				
Matemática X				
Matemática Y				
Matemática Z				

Disciplina	1º Período	2º Período	3º Período	4º Período
Matemática A				
Matemática B				
Matemática C				
Matemática D				
Matemática E				
Matemática F				
Matemática G				
Matemática H				
Matemática I				
Matemática J				
Matemática K				
Matemática L				
Matemática M				
Matemática N				
Matemática O				
Matemática P				
Matemática Q				
Matemática R				
Matemática S				
Matemática T				
Matemática U				
Matemática V				
Matemática W				
Matemática X				
Matemática Y				
Matemática Z				



# De Resíduo a Energia

## O BIODIESEL

Durante as últimas décadas, o homem tem-se tornado cada vez mais dependente dos combustíveis fósseis, que tão indispensáveis se tornaram na rotina e evolução da humanidade. Com a constante evolução, a necessidade de procurar fontes de energia alternativas torna-se cada vez mais evidente nos dias que correm.

O consumo excessivo de energias não renováveis (carvão, petróleo, gás natural) tem acatado graves problemas, sobretudo, ambientais. É pois imprescindível a utilização de energias renováveis. Uma das possíveis alternativas é o Biodiesel, combustível produzido a partir de óleo vegetal.

Durante as últimas décadas, o homem tem-se tornado cada vez mais dependente dos combustíveis fósseis (carvão, petróleo, gás natural).

Face aos problemas energéticos, à inexorável extinção dos recursos naturais e aos problemas ambientais suscitados pelo seu uso desmesurado, a ciência e a tecnologia investem fortemente em combustíveis alternativos.

Uma alternativa promissora nesta área passa pela reciclagem de óleos alimentares queimados. Trata-se da produção do chamado biodiesel, um combustível semelhante ao gasóleo.

Pode produzir-se biodiesel em casa, tal como se faz noutros países, ou na Escola, à escala laboratorial, a partir de óleo vegetal usado.

A produção deste biocombustível, a partir de óleos alimentares recolhidos nas nossas residências e na cantina escolar, foi a segunda Actividade de Projecto Laboratorial realizada pelas turmas de 12º ano do curso

científico-natural, no âmbito da disciplina de Química.

Produziu-se por transesterificação, através da reacção química entre os triglicéridos contidos no óleo e o álcool (metanol), na presença de hidróxido de sódio (catalisador). A actividade correu como previsto e obtiveram-se resultados bastante satisfatórios. Obtivemos, assim, um combustível pronto a ser utilizado.

Na maior parte dos países desenvolvidos, o biodiesel é adicionado em pequenas quantidades ao gasóleo (diesel mineral) que se vende nos postos de serviço, já que para estas quantidades não são necessárias alterações nos motores dos automóveis.

Este biocombustível, além de ser uma energia renovável, possui outras grandes vantagens: aumenta o tempo de vida dos motores, melhorando a sua lubrificação; reduz as emissões de gases poluentes, porque a sua combustão é mais completa; promove o desenvolvimento da

agricultura nas zonas rurais, criando emprego e evitando a desertificação.

Contudo, algumas desvantagens comprometem o seu potencial como substituto dos combustíveis fósseis. A produção de biodiesel em larga escala depende de áreas agrícolas disponíveis para o cultivo de plantas específicas como o girassol e a soja e, por isso, ainda não é possível produzi-lo em quantidades significativas. Também por este facto, a tentação económica proporcionada pela produção de biodiesel torna real a possibilidade de ocorrerem desflorestações massivas. Segundo um estudo conjunto das Universidades de Cornell e da Califórnia, a energia gasta na produção de biodiesel é maior do que a disponibilizada por este combustível para consumo. Apesar deste facto, têm-se desenvolvido avanços significativos nas técnicas de produção, de modo a tornar

este combustível uma alternativa sustentável e viável aos combustíveis fósseis.

de óleos alimentares usados.

Habitualmente os óleos alimentares usados são lançados



### Parabéns...

Os alunos de 12º Ano das turmas A, B e C, divididos em dois grupos, visitaram nos dias 19/04 e 17/05 a Companhia Industrial de Resinas Sintéticas, CIRES, localizada em Estarreja.

Esta visita de estudo foi realizada no âmbito da disciplina de Química, procurando dar cumprimento à terceira Actividade de Projecto Laboratorial, parte integrante da Unidade 3 - Plásticos, vidros e novos materiais.

Os responsáveis da CIRES elogiaram o exemplar comportamento, o interesse e a qualidade científica das questões formuladas pelos nossos alunos durante a visita aos laboratórios e às instalações industriais.

Também nós, professoras acompanhantes, queremos dar-vos os parabéns pela qualidade da vossa participação nesta actividade lectiva e dizer-vos que são atitudes como estas que fazem os encantos da nossa profissão.

Em certos espaços rurais propícios ao cultivo de girassol e de soja, em particular nas zonas de regadio da barragem do Alqueva, poderá tornar-se viável um projecto de instalação de uma unidade de produção de biodiesel que contribua para reduzir a dependência energética de Portugal. Em Torres Novas há uma fábrica a produzir 40 000 ton/ano de biodiesel a partir de óleos importados. Existem, também, várias pequenas unidades de produção deste biocombustível a partir

no esgoto ou colocados no lixo, provocando a poluição das águas e dos solos. Calcula-se que em Portugal sejam produzidas anualmente cerca de 125 000 ton deste resíduo.

Gostaríamos de deixar aqui um alerta para a necessidade de colocar os óleos resultantes de utilizações domésticas em reservatórios destinados à sua recolha para posterior transformação em biodiesel.

Turma 12º B



# Inquérito

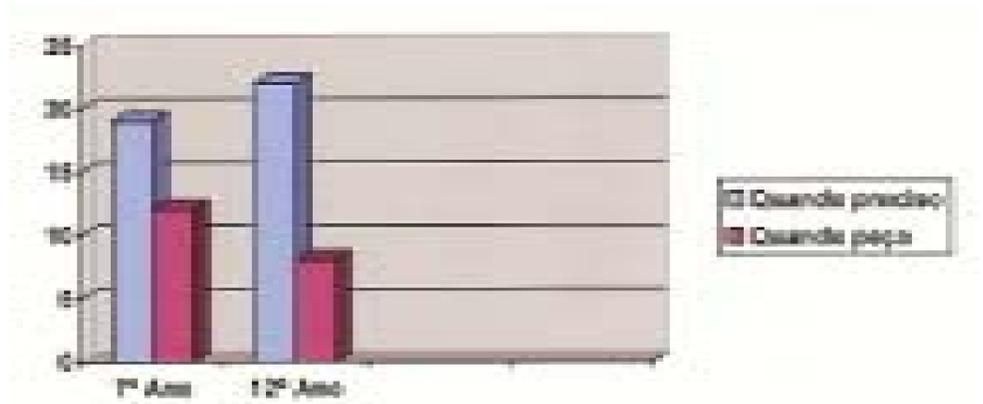
## Diz-me como gastas, dir-te-ei quem és...

O Outra Presença quis analisar alguns dos hábitos de consumo dos alunos da escola e a forma como se relacionam com o dinheiro. Se os jovens de hoje são os adultos de amanhã, é importante saber o que significa para eles o dinheiro, o que consomem, como escolhem o que adquirem, quais as suas prioridades. Neste sentido, a equipa do O.P levou a cabo um estudo em forma de inquérito, tendo como alvo os alunos do 7ºano e os do 12º procurando, assim, analisar a evolução dos comportamentos dos alunos relativamente a estes aspectos.

Aqui ficam os resultados:

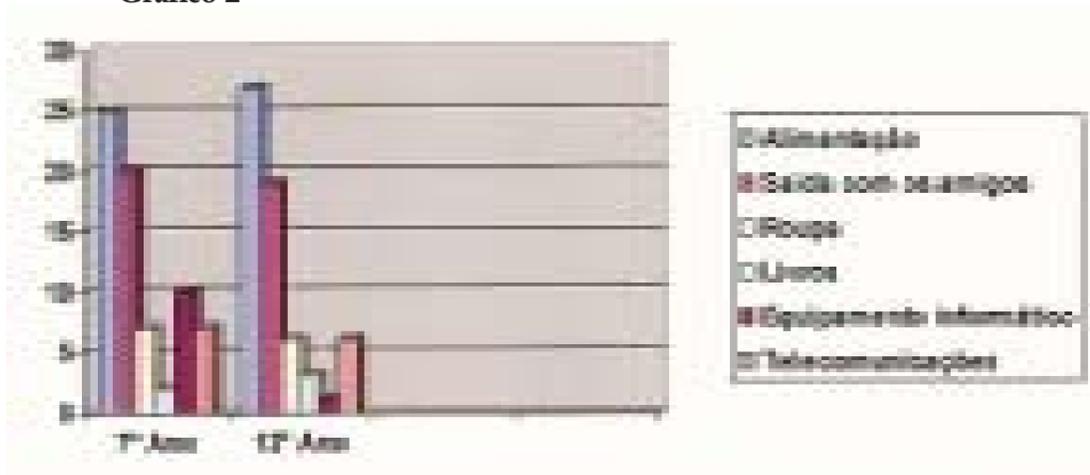
- 1) Como recibes o dinheiro de que necessitas? (gráfico1 - ao lado)

Ao analisar estes resultados podemos concluir que a maioria dos estudantes, independentemente da sua faixa etária, consegue ter dinheiro quando necessita.



- 2) Em que usas a tua semanada/mesada? (gráfico2)

Gráfico 2



- 3) Excluindo o que gastas em alimentação, quanto gastas em média por semana?

Ao analisarmos estes resultados concluímos que os alunos mais velhos gastam em média por semana mais do que os estudantes mais novos.

Os gastos dos alunos de 12º ano encontram-se entre 5 e 15 euros, enquanto que os estudantes de 7º ano gastam entre 5 e 10 euros.

- 4) O que fazes quando gastas a tua semanada/mesada?

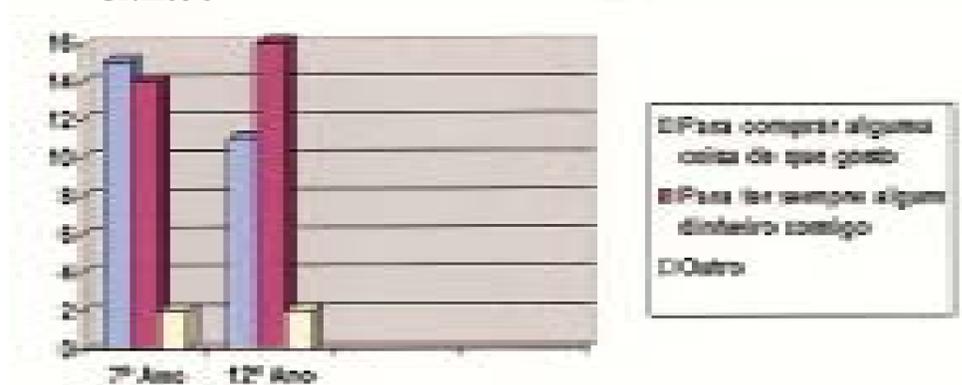
Concluímos que a maior parte dos estudantes, quando confrontada com a falta de dinheiro, pede novamente aos pais ou fica sem dinheiro até receber novamente. No entanto são os alunos mais velhos aqueles que têm maior facilidade em pedir novamente dinheiro aos pais quando a sua mesada/semanada acaba.

- 5) Tentas poupar algum dinheiro?

Mais de metade dos alunos, tanto de 7º ano como de 12º afirmam que normalmente se esforçam para poupar algum dinheiro, pois sabem valorizá-lo. Porém existe uma minoria que afirma que só o faz às vezes.

- 3) Se respondeste afirmativamente à questão anterior, diz o motivo por que poupas dinheiro. (Gráfico 3- ao lado)

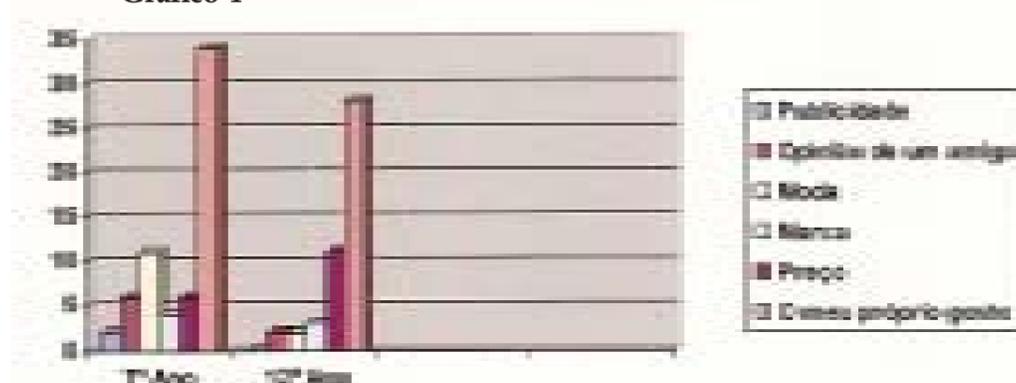
Gráfico 3



- 6) Planeias com antecedência onde vais gastar o teu dinheiro?

A maior parte dos alunos de 7º ano planeiam com antecedência onde vão gastar o seu dinheiro, no entanto os alunos de 12º ano têm opiniões variadas, havendo percentagem semelhante de jovens que resolvem planejar com antecedência os seus gastos, outros que preferem não fazê-lo e outros que só os fazem às vezes.

Gráfico 4



- 7) Quando compras qualquer vestuário ou calçado, o que influencia a tua escolha? ( gráfico 4 - ao lado)

Nos dois escalões os alunos parecem valorizar claramente o seu próprio gosto. Curiosamente a publicidade vem em último lugar e a marca também não parece ter grande importância. Nos alunos de 12º ano a opinião do amigo é mais importante do que nos de 7º, valorizando estes muito mais a moda. As aulas da Formação Cívica parecem estar a dar grandes resultados...

## Semana Cultural Europeia

# Por essa Europa acima

Maria de Lurdes Bento (coordenadora do Clube Europeu)

O Clube Europeu promoveu de 8 a 12 de Maio, na Biblioteca da nossa Escola, várias sessões dedicadas à União Europeia e, em particular, aos vinte anos de adesão de Portugal à UE, no âmbito das comemorações do Dia da Europa, 9 de Maio.

No dia 8 de Maio, pela manhã, fez-se a exposição de fotografias das viagens de estudo realizadas por alunos e professores da Escola ao Parlamento Europeu em Estrasburgo, nos anos lectivos 2003-2004, 2004-2005 e 2005-2006, e de cartazes alusivos à referida efeméride.

À tarde, houve sessões de exploração do CD-ROM "Olá, Europa! Guia da Europa e da União Europeia para jovens", documento oriundo do Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias, sediado no Luxemburgo, e facultado pelo Centro de Informação *Europe Direct* de Bragança.

O ponto alto das comemorações do Dia da Europa aconteceu, como é óbvio, no dia 9 de Maio. Já que foi neste dia do ano de 1950 que a Declaração de Robert Schuman, constituindo a primeira ideia/proposta de criação de uma instituição europeia supranacional com a capacidade de gerir o carvão e o aço, deu origem à União Europeia (*vide* anexo). Assim, pelas 10 horas e 30 minutos, deu-se início à 1ª sessão da conferência destinada ao terceiro ciclo, e às 12 horas, à 2ª sessão para o Ensino Secundário. A palestra, subordinada ao tema: "Vinte anos de Adesão de Portugal à União Europeia, foi proferida pela Dra Alzira Costa, gerente do Centro de Informação *Europe Direct* de Bragança. No início, foi projectada uma reportagem realizada e cedida pela *SIC Notícias* respeitante às seguintes regiões: Algarve, Alentejo, Madeira; Douro Superior e Trás-os-Montes. Houve, então, a oportunidade de ver e ouvir jornalistas, autarcas, empresários, personalidades e eurodeputados discorrerem acerca dos aspectos positivos e negativos que a adesão de Portugal à UE provocou nas referidas regiões do país. Assim, foram destacados os benefícios a nível do saneamento básico e do abastecimento de água no Algarve; da construção da barragem do Alqueva no Alentejo; da construção de estradas e do aeroporto na Madeira; do impacto da Política Agrícola Comum no Alentejo e em Trás-os-Montes. Também foram referidos os desafios que estas regiões têm de enfrentar, sobretudo, no que diz respeito ao combate à desertificação e às assimetrias que as distinguem do resto do país.

De seguida, a Dra Alzira Costa apresentou, em multimédia, as principais etapas da construção europeia, referindo-se, pormenorizadamente, ao pedido de adesão de Portugal à CEE em 1977, aceite em 18 de Outubro de 1978, aprovado pela Assembleia da República em 18 de

Setembro de 1985, e ratificado por todos os Estados-Membros a 1 de Janeiro de 1986.

Posteriormente, teceu algumas considerações acerca dos aspectos positivos da adesão de Portugal à União Europeia, tais como: a qualidade de vida dos portugueses que se aproximou da média de outros países; deu-se a socialização da educação; houve mais acesso à habitação própria; foram construídos mais equipamentos desportivos e culturais; criaram-se espaços para jovens e idosos; houve o reconhecimento dos direitos das crianças e dos idosos; melhorou-se a rede viária, o saneamento e o abastecimento de água; fez-se o tratamento de resíduos sólidos; houve a entrada de montantes financeiros dos fundos estruturais e de coesão, no país; consolidou-se a democracia; reforçou-se a cultura portuguesa; modernizou-se o país; houve desenvolvimento e prosperidade com o reforço da estabilidade e da competitividade; deu-se a mobilidade dos cidadãos e dos estudantes no espaço europeu.

No que concerne aos aspectos negativos, mencionou os recursos mal aplicados; a indefinição de uma estratégia nacional a longo prazo; a crise na indústria; a grande dependência do exterior; a estagnação e recessão económica; o crescimento do desemprego; a precariedade laboral; a desertificação do interior do país; a diminuição dos níveis de convergência em relação à UE; o crescimento das desigualdades sociais. Ainda a este propósito, salientou que o atrás exposto se deve às políticas do mercado interno; à Política Agrícola Comum; à estratégia de Lisboa e à não aplicação dos fundos de coesão que têm de ser devolvidos à UE.

Em relação aos reflexos que se fizeram sentir na região de Trás-os-Montes, e mais propriamente em Bragança, referiu as ajudas financeiras da União Europeia na construção da Biblioteca Municipal, do Teatro Municipal, do Museu Abade de Baçal, do Conservatório, do Centro Cultural e do Instituto Politécnico de Bragança.

Quanto aos meios proporcionados às escolas, enumerou os seguintes: melhores equipamentos audiovisuais; programas de apoio que permitem trocas de experiências com escolas do estrangeiro; melhores bibliotecas; computadores com acesso à Internet e rede de transporte para



alunos das aldeias.

Para finalizar a intervenção, referiu que talvez não houvesse motivos, em Portugal, para festejar o Dia da Europa. Deixou algumas perguntas no ar: qual vai ser o futuro da Europa? Qual o futuro da Constituição?

Seguiu-se um breve debate, tendo um aluno do Ensino Secundário colocado a seguinte questão: Por que é que Portugal vai estar na cauda da Europa, nos próximos anos? A resposta da palestrante foi a de que não houve uma estratégia nacional a médio e a longo prazo, não se fizeram as reformas necessárias, e houve falta de projectos a nível de investimentos.

Concluindo, lançou um apelo aos jovens presentes para que tomassem consciência da necessidade de formar uma opinião e de participar activamente na construção da União Europeia que é de nós todos.

As actividades continuaram nos dias seguintes, tendo sido projectado o filme: "A Residência Espanhola" do realizador Cédric Klapisch, nos dias 10 e 11 de Maio, e apresentado de novo o CD-ROM "Olá, Europa!" com particular destaque para os programas Sócrates, Leonardo Da Vinci; Comenius e Erasmus e também o modo de vida e a geografia dos vinte e cinco Estados-Membros da UE.

Para terminar a Semana Cultural Europeia, foi distribuído um concurso aos alunos do 3º ciclo, do Ensino Secundário e do Ensino Recorrente, subordinado ao tema: "A Europa dos 25", com questões de escolha múltipla relativas a personalidades, à construção europeia, a aspectos geográficos e históricos dos vinte e cinco países que constituem a União Europeia.

As actividades prolongaram-

se Dra Alzira Costa, conferencista atribuição dos prémios (livros e brindes diversos) aos vencedores do concurso (ver página ao lado).

Em suma, pode dizer-se que a semana da Europa agradou e inspirou. Veja-se a título de exemplo, o poema da lavra da aluna, Cláudia Coelho, do 7º A, em baixo transcrito.

### O sonho europeu

Depois da II Guerra Mundial  
O mundo nunca mais foi igual  
Seis países se uniram  
E uma Europa construíram.

Em 1957, a CEE se fundou  
E aí a livre circulação começou  
Novo mar de mudanças  
Uma Europa de esperanças.

Em 1991, já eram 12 países  
Para o Tratado de Maastricht assinar  
E com ele novas directrizes  
Para, sem fronteiras, o cidadão se afirmar.

Na União, Portugal  
Logo quis entrar  
O país mais Ocidental  
Que abraça a Europa ao Mar.

Quer agora o distante Orien-

## Semana Cultural Europeia

# Por essa Europa acima

## Declaração Schuman de 9 de Maio de 1950

Este é o texto integral da proposta, apresentada por Robert Schuman, Francês dos Negócios Estrangeiros, e que levou à criação da União Europeia:

A paz mundial não poderá ser salvaguardada sem esforços criadores à medida dos perigos que a ameaçam. A contribuição que uma Europa organizada e viva pode dar à civilização é indispensável para a manutenção de relações pacíficas. A França, ao assumir-se desde há mais de 20 anos como defensora de uma Europa unida, teve sempre por objectivo essencial servir a paz. A Europa não foi construída, tivemos a guerra. A Europa não se fará de um golpe, nem numa construção de conjunto: far-se-á por meio de realizações concretas que criem em primeiro lugar uma solidariedade de facto. A união das nações europeias exige que seja eliminada a secular oposição entre a França e a Alemanha.

Com esse objectivo, o Governo francês propõe actuar imediatamente num plano limitado mas decisivo.

O Governo francês propõe subordinar o conjunto da produção franco-alemã de carvão e de aço a uma Alta Autoridade, numa organização aberta à participação dos outros países da Europa.

A comunitarização das produções de carvão e de aço assegura imediatamente o estabelecimento de bases comuns de desenvolvimento económico, primeira etapa da federação europeia, e mudará o destino das regiões durante muito tempo condenadas ao fabrico de armas de guerra, das quais constituíram as mais constantes vítimas.

A solidariedade de produção assim alcançada revelará que qualquer guerra entre a França e a Alemanha se tornará não apenas impensável como também materialmente impossível. O

estabelecimento desta poderosa unidade de produção aberta a todos os países que nela queiram participar, que permitirá o fornecimento a todos os países que a compõem dos elementos fundamentais da produção industrial em idênticas condições, lançará os fundamentos reais da sua unificação económica. Esta produção será oferecida a todos os países do mundo sem distinção nem exclusão, a fim de participar no aumento do nível de vida e no desenvolvimento das obras de paz. [...]

Assim se realizará, simples e rapidamente, a fusão de interesses indispensáveis para o estabelecimento de uma comunidade económica e introduzirá o fermento de uma comunidade mais larga e mais profunda entre países durante muito tempo opostos por divisões sangrentas.

Esta proposta, por intermédio da comunitarização de produções de base e da instituição de uma nova Alta Autoridade cujas decisões vincularão a França, a Alemanha e os países aderentes, realizará as primeiras bases concretas de uma federação europeia indispensável à preservação da paz. O Governo francês, a fim de prosseguir a realização dos objectivos assim definidos, está disposto a iniciar negociações nas seguintes bases. A missão atribuída à Alta Autoridade comum consistirá em, nos mais breves prazos, assegurar: a modernização da produção e a melhoria da sua qualidade; o fornecimento nos mercados francês, alemão e nos países aderentes de carvão e de aço em condições idênticas; o desenvolvimento da exportação comum para outros países; a harmonização no progresso das condições de vida da mão-de-obra dessas indústrias.

Para atingir estes objectivos a partir das condições muito diversas em

que se encontram actualmente as produções dos países aderentes, deverão ser postas em prática, a título provisório, determinadas disposições, incluindo a aplicação de um plano de produção e de investimentos, a instituição de mecanismos de perequação dos preços e a criação de um fundo de reconversão destinado a facilitar a racionalização da produção. A circulação do carvão e do aço entre países aderentes será imediatamente isenta de qualquer direito aduaneiro e não poderá ser afectada por tarifas de transportes distintas.

Criar-se-ão progressivamente as condições para assegurar espontaneamente a repartição mais racional da produção ao nível de produtividade mais elevada.

Ao contrário de um cartel internacional que tende a repartir e a explorar os mercados nacionais com base em práticas restritivas e na manutenção de elevados lucros, a organização projectada assegurará a fusão dos mercados e a expansão da produção.

Os princípios e os compromissos essenciais acima definidos serão objecto de um tratado assinado entre os estados. As negociações indispensáveis a fim de precisar as medidas de aplicação serão realizadas com a assistência de um mediador designado por comum acordo; este terá a missão de velar para que os acordos sejam conformes com os princípios e, em caso de oposição irreductível, fixará a solução a adoptar. A Alta Autoridade comum, responsável pelo funcionamento de todo o regime, será composta por personalidades independentes e designada numa base paritária pelos governos; será escolhido um

presidente por comum acordo entre os governos; as suas decisões serão de execução obrigatória em França, na Alemanha e nos restantes países aderentes. As necessárias vias de recurso contra as decisões da Alta Autoridade serão asseguradas por disposições adequadas.

Será elaborado semestralmente por um representante das Nações Unidas junto da referida Alta Auto-

ridade um relatório público destinado à ONU e dando conta do funcionamento do novo organismo, nomeadamente no que diz respeito à salvaguarda dos seus fins pacíficos. A instituição de Alta Autoridade em nada prejudica o regime de propriedade das empresas. No exercício da sua função, a Alta Autoridade comum terá em conta os poderes conferidos à autoridade internacional da região do Rur e as obrigações de qualquer natureza impostas à Alemanha, enquanto estas subsistirem.

Fonte: un <http://europa.eu.int/labc/symbols/9-mav/decl Dt.htm>

### 3º ciclo

1º Prémio  
Guilherme Eduardo R. Sá Pires  
José Alberto R. Vaz  
Nuno Miguel A. Ventura  
Noémia Santos Teles  
Sónia Isabel R. Gonçalves

2º Prémio  
Bruno Tiago Chincalce Pousa  
Luís Paulo Morais Fernandes  
Paulo Jorge da Gama Gomes  
José Miguel Sousa de F. Carmona

3º Prémio  
Sara Camila Filipe de Andrade  
Eduarda Alexandra Pires Caldeireiro  
Tiago Nuno M. Cristóvão  
Vítor Carlos Pinto de Freitas  
Ana Filipa Borges Padrão

3º Prémio Ex aequo  
Hugo Alexandre Caldeira Peredo  
Paulo Daniel Oliveira Lopes  
Daniel Filipe Pinto  
Marc Steven Branco T. Moutinho  
Susana Raquel Oliveira Lopes

### Ensino Secundário

1º Prémio  
Rita Carvalho Morais  
Margarida Isabel Fernandes Gil Pires  
Margarida G. De F. Carmona e Lima  
Inês Sofia de Sá M. Sousa Alves

2º Prémio  
Alexandre Magno Alves Sá  
Sílvia Arantes Lourenço Rodrigues  
Carlos André Barbosa Rowe

3º Prémio  
Maria Luís Barros Ferreira  
Luís Miguel Afonso Fernandes  
Joana Isabel Marvilha  
Gustavo Filipe Turiel Bento  
Kevin Marc Alves



Biblioteca da Escola - palestra sobre a União Euro-

# FREUD - mergulhar no centro do Ser

Verdadeiramente inovador e fortemente controverso, Freud não deixou ninguém indiferente perante as suas teorias e descobertas. Os seus adeptos e seguidores opunham-se aos que o condenavam e fugiam dele como se se preparasse para abrir uma caixa de Pandora, quando era o interior do Homem que ele queria revelar..Mas todos acabaram por contribuir para a sua popularidade e o cinema, a música, a literatura e a pintura são exemplo disso. É conhecido o fascínio de Dalí, pintor surrealista espanhol, pelo pai da psicanálise, o que o levou a representar em imagens as teorias do médico vienense. Também ele considerava que "o corpo humano estava cheio de gavetas que só a psicanálise seria capaz de abrir".

## O pai da psicanálise

por Joana Isabel Fernandes e Fernandes,

Neurologista austríaco, nasceu em 1856, em Freiberg, Morávia (actual República Checa), e morreu em 1939, em Londres. Freud fundou a Psicanálise e esta teoria teve um grande efeito na psicologia e na psiquiatria. A psicanálise é uma ciência que tem como objecto o inconsciente (tudo aquilo que está fora do alcance da consciência), isto é, procura as raízes do comportamento humano nas motivações e nos conflitos inconscientes.

É na interpretação do inconsciente que reside o trabalho do psicoterapeuta. Este realiza tal interpretação (análise psíquica) a partir de uma análise dos sonhos, dos actos falhados (lapsos ou falhas da linguagem que traduzem desejos inconscientes), dos sintomas que os doentes apresentam e da forma como as pessoas livremente fazem a associação de ideias (falarem livremente sobre o que lhes ocorre, mas que está a ser analisado pelo psicoterapeuta).

Théodore Ribot, Pierre Janet e Jean-Martin Charcot foram os primeiros a verificar a existência da actividade psíquica inconsciente mas, no entanto, foi Freud que conseguiu ser o primeiro a fazer a demonstração da existência da actividade psíquica inconsciente e a formular as leis do dinamismo inconsciente. Ao estudar os casos de histeria, concluiu que determinados factos passados na infância ficavam gravados no psiquismo e que ao trazer tais factos ligados a vivências traumatizantes para a vida consciente as manifestações de histeria desapareciam.

O seu ponto de partida foi com o conceito da libido (considerada uma energia, instinto, de natureza sexual) e com a estipulação do princípio do prazer e do princípio da realidade que regem a nossa vida psíquica. O primeiro, que governa o inconsciente, explica que o homem age procurando o prazer, satisfazendo os desejos e evitando a dor. O segundo explica que a vida em sociedade não se rege por esses princípios, tendo o homem que tomar consciência e conformar-se com as exigências do meio ambiente. Freud idealizou duas teorias que explicariam a composição do psiquismo humano. Na primeira teoria, estipulou que o nosso aparelho psíquico é constituído pelo inconsciente (zona dos desejos e impulsos de natureza sexual), pelo subconsciente (zona intermédia entre o consciente e o inconsciente) e pelo consciente (zona da razão e do contacto com o mundo exterior). Numa segunda teoria, apresenta os conceitos do Id (campo de natureza primitiva e instintiva), do Ego (parte que contacta com a realidade) e do Superego (que actua como um "juiz" das nossas actividades e pensamentos). Em 1905 aparece o seu estudo mais controverso, no qual Freud apresenta a teoria que afirma que a repressão da sexualidade infantil está na origem de neuroses em adulto (de que o complexo de Édipo é um exemplo). O "pai" da psicanálise desenvolveu então um modelo de estádios pelos quais todos os seres humanos passam. Este modelo apresenta cinco fases de desenvolvimento baseadas em formas de gratificação e

localizadas em diferentes áreas físicas (zona erógena - região do corpo que, quando estimulada, dá lugar a uma sensação sexual) que ocorrem desde o nascimento ao estado adulto.

A primeira fase (a oral) inicia-se com o nascimento e é caracterizada por as necessidades e as gratificações estarem centradas na zona da boca. A fase anal, ocorre entre os dois e os quatro anos, porque a criança passa a ter prazer com a expulsão ou retenção das fezes.

A fase fálica inicia-se a partir dos três anos e termina por volta dos cinco, seis anos. As crianças centram o seu prazer na estimulação das zonas genitais do seu corpo. Posteriormente, ao longo desta fase, aparecem os famosos complexo de Édipo e complexo de Electra. Acredita-se que todas as crianças, nesta altura, sentem o desejo de possuir o progenitor do sexo oposto e, simultaneamente, o desejo de eliminar o rival do mesmo sexo.

A etapa seguinte é a do período de lactência que ocorre entre os cinco, seis anos até à puberdade (período da maturação total dos órgãos sexuais).

A quinta etapa é a fase genital ou, por outras palavras, da puberdade e da adolescência.

As etapas ou fases do desenvolvimento terminam no período adulto. O jovem torna-se afectivamente e economicamente independente.

Alguns defensores deste modelo terapêutico, partindo das doutrinas

cont. na pág. seguinte

### Sigmund Freud

por Lúcia Fernandes, 11°C  
6 de Maio de 1856

Nascimento de sigismund (mais tarde mudará este nome para sigmund) Freud, em freigerg (Morávia), numa família judia; o seu pai é negociante de lãs.

1860- A família Freud, arruinada pela crise económica, instala-se em Viena.

1865- Freud entra para o liceu clássico Sperl.

1873 -Empreende estudos de medicina.

1874- Segue os cursos de Brentano.

1876-1878- Entra para o laboratório de Brucke.

1881- Freud torna-se doutor em Medicina pela Universidade de Viena.

1882-1885- Exerce funções no hospital de Viena.

1885- É nomeado *Privatdozent* e professor auxiliar de Neuropatologia. Obtém uma bolsa para viagem de estudo.

Outubro de 1885-ferreiro de 1886 - Estada em paris; segue os cursos de charcot na Salpêtrière e orienta-se para a psicopatologia.

1886- Em Abril, apresenta a sua dissertação em Viena um consultório de doenças nervosas. Em Setembro, casa com Martha Bernays, de quem terá seis filhos.

1889- Viagem a Nancy: Freud visita Bernheim.

1890- Começa a utilizar o método catártico.

1895- Nascimento da sua filha Anna.

1896- Pela primeira vez, num artigo, emprega o termo «psicanálise» em vez de «método catártico».

Agosto de 1897 - Início de auto-análise. Adquire consciência da sexualidade infantil.

Outubro de 1902 - Começa a formar-se em seu redor um grupo que se reúne todas as quartas-feiras à noite.

1905- *Três Ensaios sobre a sexualidade*.

1906-1913- Colaboração com Jung.

1908- As reuniões das quartas-feiras à noite dão origem a sociedade Vienense de Psicanálise. Em Abril, I Congresso Internacional de Psicanálise, em Salisburgo.

1909- Freud analisa o caso do pequeno Hans. Em Setembro, viagem à América com Jung e Ferenczi; Freud profere 5 con-



Em baixo, O Contador Antrópomórfico, Dalí

# FREUD - mergulhar no centro do Ser

## Sonhos e Pesadelos

por Catarina Peixinho, 11°C

Freud, o pai da psicanálise, realizou estudos acerca dos sonhos e consequentemente dos pesadelos. O que são os sonhos e os pesadelos? FREUD salientou basicamente que os sonhos seriam essencialmente a tentativa de realização de um desejo reprimido que se alojava no inconsciente, sendo que esse desejo seria primordialmente de natureza sexual ou encerraria aspectos proibidos pelo contexto moral, como por exemplo o incesto ou o que FREUD veio a rotular de "complexo de Édipo" (uma ligação neurótica da criança visando exclusividade a relação afectiva com o progenitor do sexo oposto).

O sonho é produzido por dois elementos centrais: a "condensação e deslocamento", que respectivamente significam: recolher partes de diferentes períodos do desenvolvimento de uma pessoa, e reproduzi-las através de simbolismos que ocultem o seu verdadeiro significado, evitando que a consciência entre em contacto directo com o material proibido ou com o qual se sinta culpada.

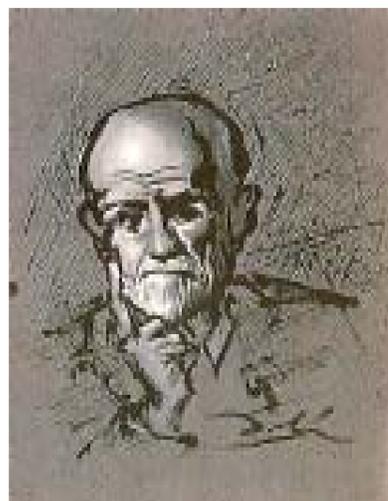
Parece, portanto, que o inconsciente, por vezes, está sobrecarregado de vazio e carência, e esse espaço cada vez mais é preenchido pelo medo ou pânico. Nesse exacto ponto fala-se em pesadelo.

FREUD deparou-se com uma contradição na sua teoria dos sonhos, pois se os mesmos eram a realização de desejos como ficaria a questão dos pesadelos? A resposta para essa questão ocorreu-lhe quando elaborou a teoria do masoquismo, teoria esta que diz que o prazer se manifesta na dor, numa tentativa de aliviar a tensão e aculpa (sendo a essência do masoquista ter que se punir por desejar ou querer o prazer, e a dita punição libertá-lo-ia para vivenciar os seus desejos recalcados) e mais tarde na teoria do instinto de morte, sendo este um instinto accionado que visaria o retorno ao inanimado, à destruição da vida e do prazer, em suma, auto-destruição.

FREUD, com bastante perspicácia, percebeu mais tarde que o pesadelo

era uma tentativa do ego de controlar um material reprimido que causava extremo sofrimento à pessoa. O pesadelo apenas se concretiza no espaço vago deixado pela ausência de prazer e realização pessoal, sendo que o resultado será a tirania de imagens ou vivências dolorosas. Em suma, o pesadelo ocorre numa personalidade onde a fonte diária de prazer não depende da sua vontade ou controle, sendo o terror nocturno a consequência lógica de tal mecanismo. A ansiedade e expectativa por determinadas experiências gratificantes são transformadas em angústia e decepção através dos sonhos.

Pode ou não concordar-se com Freud no que respeita a estes temas ou outros, na certeza porém que as suas teorias constituem marcos incontornáveis da interpretação do comportamento e da personalidade,



Retrato de Freud, por Salvador Dalí

mas também da arte, da religião e da cultura em geral.



Ao lado, *Vénus de Milo com Gavetas*, Dalí.

ferências na Universidade Clark (Worcester, Mass).  
1910-Fundação da sociedade Internacional de Psicanálise, da qual Jung é nomeado presidente.  
1911- Demissão de Adler.  
1913 -ruptura com Jung. *Totem e Tabu*.  
1914- De Fevereiro a Junho, Freud trata o «homem dos lobos».  
1923- *O Ego e o Id*.  
Abril de 1923-Primeira operação a um cancro na mandíbula.  
1930- Freud recebe o prémio Goethe.  
Maio de 1933 - Os livros de Freud é queimado pelos nazis em Berlim.  
Maio de 1936- Freud festeja os seus 80 anos. É nomeado membro correspondente da Royal Society.  
1938- Na altura do Anschluss, Roosevelt e Mussolini intervêm a seu favor. Em Junho, parte para Londres.  
1939- *Moisés e o Monoteísmo*. Freud morre no dia 23 de Setembro.

cont. da pág. anterior

de Freud, discordaram delas em alguns dos seus pressupostos, formando outros modelos com base na psicanálise.

As principais obras de Freud são: *Estudos sobre a Histeria* em 1895, (obra que contém a apresentação pioneira do método psicanalítico da livre associação), *A Interpretação dos Sonhos* em 1899, *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* em 1905, *O Inconsciente* em 1915, *Introdução à Psicanálise* em 1916-1917, *Psicologia das Massas e Análise do Ego* em 1923, *Psicanálise e Teoria da Libido* em 1923, *Neurose e Psicose* em 1924. No livro *A interpretação dos Sonhos*, Freud analisa a grande complexidade simbólica subjacente à formação dos sonhos.

É possível concluir então que a partir dele, os comportamentos anti-sociais são compreendidos como

## Grupo de Teatro da ESAB Apresentou



Leonor, filha do engenheiro de minas, é a mais jovem das personagens.

Educada num meio marcadamente fútil e extravagante, vive num mundo cor-de-rosa "hipnotizado" pela sensualidade, sonhos e ilusões.

Esta menina, "vestida" de princesa, julga ostentar na sua ignorância a sabedoria de uma cultura falsamente livresca.

Apaixonada pelo amor, a "bondosa" e "querida" Leonor é uma personagem hilariante, que reflecte o carácter social feminino da época na qual a peça se insere.

Cristiana Afonso, 12ºB



Interiorizar o papel de Adelaide Cabete, "médica obstetra, republicana e maçom" foi um desafio muito interessante. Adelaide é uma mulher cheia de força, coragem e espírito revolucionário. É carinhosa para aqueles de quem gosta e marginaliza-se daqueles que despreza como as madames e respectivos que com ela viajam no mesmo navio. No entanto há uma parte da personagem que mais gosto me dá representar: por vezes Adelaide Cabete tem momentos que tendem para a loucura, talvez devidos à sua avançada idade mentora de alguma senilidade, pelo que representá-los é mesmo muito envolvente, afinal não é todos os dias que nos convencemos estar perante outro alguém que não aqueles que realmente lá estão. Esperemos agora pelo resultado final, prometo não enlouquecer eu também e tentar revelar o verdadeiro espírito da Maçon.

Joana Gomes, 12ºC



A minha personagem é pouco complexa. não tem nome, sendo apenas designada por mulher do General. Dada a afinidade com um general rico e de extrema importância na sociedade, a minha personagem representa a alta burguesia da época, tornando-se por vezes irritante devido às características fúteis que vai manifestando ao longo da peça. Além de fútil, é irritante, afectada, frívola e extremamente petulante. A sua actividade favorita é acenar aos navios, sendo por vezes exibicionista ou mesmo espalhafatosa

Joana Moreira, 12ºC



Miranda representa nesta peça a ordem dos banqueiros. É um homem rico, poderoso, defensor do regime ditatorial que se instala em Portugal no fim da década de 20. Não obstante é o mais moderado de todos os homens importantes que vão no navio, saltando frequentemente em defesa de Adelaide Cabete.

É alvo das alucinações desta que o confunde com o seu falecido marido, Cabete.

Represento ainda um maçom, presente no ritual de iniciação de Adelaide Cabete.

Rita Morais, 12ºD



# “A MAÇON”

“A Maçon” de Lúcia Jorge é a peça que o grupo de teatro da nossa escola vai levar a palco já no dia 1 de Abril. O Outra Presença quis antecipar a estreia e revelar um pouco de algumas das personagens...

Representada pelo Grupo de Teatro da Escola Secundária Abade de Baçal, A MAÇON teve a sua estreia em Bragança, no passado dia 1 de Abril, no Teatro Municipal desta cidade, inserida na Mostra de Teatro Escolar, organizada pela Junta de Freguesia da Sé. O público presente teve o privilégio de ver e ouvir a autora da peça, Lúcia Jorge, que, antes de assistir à representação, se referiu à protagonista da peça – Adelaide Cabete – como uma mulher extraordinária, muito à frente do seu tempo, e dotada de um enorme sentido humanista, social e político. Com palavras elogiosas e incentivadoras para os jovens intérpretes, Lúcia Jorge conquistou mais um espaço no coração dos alunos e professores da comunidade escolar. Vinte dias depois, foi a vez da própria Escola servir de palco à representação da peça, em 21 de Abril, data escolhida para assinalar o Dia da Escola Abade de Baçal. Na Gala das Escolas, que decorreu no dia 20 de Maio, no Teatro Municipal – e após a prestação da Tuna da ESAB, que interpretou “Guantanamo” – foram apresentadas algumas cenas de A MAÇON que privilegiaram várias sequências musicais e, ainda, o ritual de iniciação na Maçonaria, que Adelaide Cabete recorda, ao som da 5ª Sinfonia de Beethoven.



## O texto

Em 1929, Adelaide Cabete (a protagonista) embarca para Angola, na companhia de Arnaldo Brasão, seu sobrinho. Durante a viagem – e sob o efeito desnorteante da linha do Equador – Adelaide Cabete recorda episódios da sua vida, através de imagens que lhe assaltam o espírito: a relação com o marido já falecido; a sua iniciação na Maçonaria; e o suicídio do republicano Almirante Reis, em 1910, na madrugada da revolução.

Nascida em Elvas, em 1867, no seio de uma família humilde, Adelaide Cabete nunca permitiu que a ausência de recursos limitasse o seu desejo de saber. Apoiada pelo marido, Manuel Fernandes Cabete, tornou-se médica obstetra, iniciando, paralelamente, uma luta pelos direitos da mulher, tendo fundado o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas.

Em 1 de Março de 1907, Adelaide Cabete, então com 40 anos, é iniciada na Maçonaria, na Loja Humanidade, do Grande Oriente Lusitano.

Notável figura de Mulher, distinguiu-se em todas as áreas em que exerceu a sua actividade: médica, professora, jornalista, pedagoga, escritora, ensaísta, política, maçon. E foi, também, dentro dos valores da Maçonaria, uma mulher profundamente generosa, sempre disposta a auxiliar os mais humildes e desfavorecidos.

Em 10 de Junho de 1995, Adelaide Cabete foi condecorada, a título póstumo, pelo então Presidente da República, com o grau de grande-oficial da Ordem da Liberdade.

## Ficha Técnica

### Personagens:

### Intérpretes:

Adelaide Cabete	Joana Gomes
Arnaldo Brasão	Élio Rodrigues
Comandante / Almirante Reis	Luís Alves
Actriz Lírica	Ágata Freire
Miranda / Fernandes Cabete	Rita Morais
Mulher do General	Joana Moreira
Mulher do Madeireiro	Luísa Rodrigues
Mulher do Engenheiro	Ana Luísa Esteves
Filha do Engenheiro	Cristiana Afonso
General de Três Estrelas	Rui Bordalo
Madeireiro	Filipe Rodrigues
Engenheiro de Minas	Pedro Carmona
Marinheiro	André Carneiro
Mulheres da terceira classe	Margarida Pires
	Nádia Afonso
	Margarida Carmona
Guarrda-roupa	Fernanda Alves
Cenário e desenho de luz	João Fernandes
Assistente de cena	António Sá
Operador de Som	Luís Catumba
Encenação	Paula Romão

# Verso e Reverso

## Avaliação de Actividades extra-curriculares

### *Correr por gosto sem cansar!*

por Joana Gomes, 12°C

Desde sempre, aliás, desde que entrei para a Escola, que me murmuram aos ouvidos: a escola não é só os livros e a matéria, a Escola é as pessoas, a amizade, a interacção cooperativa que se mantêm entre a o binómio estudos/relacionamentos. Foi desde esse sempre que já referi, o sempre da altura em que aprendi a distinguir o coser e o cozer ao mesmo tempo que reconhecia a escola da Escola, que fui tomando percepção da necessidade que existe em conseguir manter dinamismo e actividade física e intelectual. Como estudante que sou e somos, passamos grande parte da nossa vida em estabelecimentos de ensino, portanto estar activo e promover o dinamismo individual para mim tornou-se sinónimo de manter vivas actividades no meio escolar.

As actividades extracurriculares a meu ver são sem sombra de dúvidas uma excelente oportunidade para se conseguir criar numa escola um espírito dinâmico e motivador de um crescimento intelectual, uma vez que além de serem um ponto de fuga do stress e dos trabalhos que cada disciplina abriga, promove a necessidade de gestão do tempo, leva a mais abrangentes conhecimentos, permite conhecer e dialogar com mais pessoas que não as caras que estamos habituados a ver durante as aulas. Em suma, aprendemos a crescer de forma divertida.

No entanto, a adesão a este tipo de actividades está bastante longe de se inserir na faixa do sucesso e se algo está mal é porque tem decerto remédio. Se formos observadores conseguimos ir às raízes do problema. O lote de actividades oferecidas por uma escola deve assegurar que todos os alunos encontrem os seus interesses representados em alguma área: clube do ambiente/física/química/matemática/astronomia/música/leitura/jornalismo/desportos/teatro/jardinagem/primeiros socorros/culinária..., jogos de cidadania como o Hemiciclo e Assembleia na Escola, a As-

sociação de Estudantes, entre outros. O importante é que se possa e consiga dinamizar grupos de jovens sem que a palavra obrigatoriedade entre no universo de pensamentos. De forma divertida consegue-se ficar mais bem preparado para o mundo exterior.

Mas, temos de contar sempre com o factor preguiça que por vezes nos persegue. Não é a condenar quem não adere a este tipo de iniciativas que algo se consegue, não é a ameaçar com uma nota mais baixa porque não se participou numa determinada actividade mais directamente ligada a determinada disciplina, mas não me parece de excluir a proposta de existirem benefícios a nível de avaliação final a quem tem uma participação activa no meio escolar e tenta promover o bem estar de uma Escola. Não é que quem normalmente adira pense nisso ao aderir, fá-lo porque o faz sentir bem e porque se sente realizado com isso. É a tal frase

As actividades extracurriculares a meu ver são sem sombra de dúvidas uma excelente oportunidade para se conseguir criar numa escola um espírito dinâmico e motivador de um crescimento intelectual, uma vez que além de serem um ponto de fuga do stress e dos trabalhos que cada disciplina abriga, promove a necessidade de gestão do tempo, leva a mais abrangentes conhecimentos, permite conhecer e dialogar com mais pessoas que não as caras que estamos habituados a ver durante as aulas. Em suma, aprendemos a crescer de forma divertida.

que já vem dos antigos, quem corre por gosto não cansa, mas cansamo-nos ainda menos se virmos o nosso esforço reconhecido. Às vezes até as palavras são ouro para quem se orgulha de fazer uma escola brilhar, um sorriso de satisfação dá ânimo para o interesse pela componente lectiva subir ainda mais. Mas são incentivos que se pretendem quando se quer incentivar, o aconselhamento dos professores é essencial para que nós, alunos, consigamos vingar nos dois sectores da questão.

Ninguém quer descurar os estudos para ter garantido um futuro, é óbvio que pode surgir medo de integrar actividades fora do período lectivo, mas aquela hora em frente à televisão a ver morangos com soda caustica pode muito bem

ser substituída por outra mais produtiva.

Custa-me reparar que desde que entrei para esta escola até agora que estou prestes a sair, a quantidade de pessoas que adere as às ditas actividades extracurriculares está em evidente decadência. Quando vim para cá, andava sempre ansiosa por fazer como aqueles meus colegas mais velhos faziam: participavam no teatro, escreviam textos enormes para o jornal, iam ao hemiciclo, pertenciam à associação de estudantes, à tuna, às semanas das ciências com laboratórios abertos a todos... Eu no fundo antecipava a beleza destas questões pelo entusiasmo deles. E agora gostava de inverter a tendência e impedir que certas actividades tenham de desaparecer apesar de sentir que eu, como tantos colegas meus do meu ano, temos a tarefa cumprida e nos sentimos com felizes e realizados com o que obtivemos destas actividades. Também tentámos cativar com

o nosso entusiasmo em aprender coisas novas, protagonizar diferentes papéis, conhecer imensas pessoas. Pelos vistos o entusiasmo expresso por si só não está a resultar, por isso não vejo mal algum em se recorrer à consideração no processo de avaliação da participação em actividades extracurriculares pelos professores das várias disciplinas como forma de incentivo e reconhecimento do trabalho realizado.

Não quero, não gosto, nem quero ver a Escola a converter-se num espaço estático que por tantos e belos anos repletos de tradição se tentou elevar bem alto. Gostava de continuar a ouvir falar do nome desta escola já cheia de boas referências, porque muitos dos que vão ficar se distinguiram em alguma área. Aos alunos coragem e boa sorte: ousem arriscar! Aos professores, paciência (essa que tão bem conhecem) e apoio a quem continuar a manter esta tão especial Escola!

### *Participação sem avaliação*

por Luís Pires, 12°C

Desde o meu 7º ano que me lembro de haver várias actividades extracurriculares tais como o clube de jornalismo, o teatro, o clube de aeromodelismo, o clube de informática. Hoje existe o teatro, o clube de jornalismo com menos participantes do que há uns anos atrás, mas nem por isso de menos qualidade, o clube Despertar para a ciência, o clube de fotografia, o clube da Europa.

Mas deverão os participantes destas actividades ser beneficiados? Sinceramente, acho que não. É verdade que os alunos que participam nestas actividades são alunos muito mais interessados e mais participa-

ticipa.

É verdade que, no caso de alguns departamentos curriculares, um dos parâmetros de avaliação é a «participação em actividades extracurriculares», mas esta situação é completamente virtual porque se um aluno tiver média de 17 nos testes e participa em actividades extracurriculares e o outro aluno que não participa nestas actividades tiver dois 18, este aluno vai ter 18 no final do período e o aluno que participa nas actividades extracurriculares terá 17, o que eu acho correcto. Vou dar um exemplo: se a disciplina em causa é Matemática ou Física e a actividade extracurricular for o clube de jornalismo

...numa disciplina não faz grande sentido que se avalie de forma diferente alunos que participam em actividades extracurriculares e alunos que não participam neste tipo de actividades. Em primeiro lugar, as actividades extracurriculares são (e muito bem!) opcionais e só participa quem está realmente interessado e gosta desta actividade (ou actividades), em segundo lugar, os alunos que não participam até podem ter interesse em certas actividades que não são aquelas que a escola oferece.

tivos na vida da escola do que aqueles que se fecham em casa a estudar; também é verdade que estes alunos desenvolvem outras competências e realizam aprendizagens mais abrangentes do que os que não participam desta forma activa na escola. No entanto não é menos verdade que numa disciplina não faz grande sentido que se avalie de forma diferente alunos que participam em actividades extracurriculares e alunos que não participam neste tipo de actividades. Em primeiro lugar, as actividades extracurriculares são (e muito bem!) opcionais e só participa quem está realmente interessado e gosta desta actividade (ou actividades), em segundo lugar, os alunos que não participam até podem ter interesse em certas actividades que não são aquelas que a escola oferece. Por isso não me parece que o a l u n o que participa na actividade extra-curricular deva ser beneficiado na nota do final de período em relação ao aluno que não par-

não tem grande lógica estar a beneficiar um aluno que participa numa actividade que nada tem a ver com a

disciplina. Se assim fosse, muita gente iria para as actividades só para dizer que participava e para receber mais um valor na nota, não estando lá por gosto, mas sim por interesse. Este é outro ponto que deve ser tido em consideração. Acho que os alunos devem envolver-se na vida da escola de forma consciente e desinteressada e não porque esse envolvimento se pode traduzir num benefício na sua nota. As actividades extra-curriculares contribuem para o crescimento e desenvolvimento do aluno e reflectir-se-ão sempre na sua avaliação, mas de forma indirecta, pelo seu desenvolvimento cultural, pela maior facilidade em comunicar de forma oral e escrita, etc.

Por isso, e caso estejam interessados, participem em actividades extracurriculares como

Acho que os alunos devem envolver-se na vida da escola de forma consciente e desinteressada e não porque esse envolvimento se pode traduzir num benefício na sua nota

forma de diversão e acima de tudo participem com gosto.

# Serão os TPC o bicho papão?

por Rita Gonçalves, 12°C

Não existe nenhum aluno que quando ouça falar dos TPC não torça o nariz e não comente “que seca!”, normalmente acompanhando com um tom de voz mais ou menos exasperado. Pois é, os TPC são como uma praga que nos acompanha no dia-a-dia e ao longo de todo o nosso percurso escolar. São como que um fardo que carregamos, aquela “seca” que lá está presa à nossa consciência, em todos os momentos, a condicionar o nosso tempo e a nossa vida. O que vale é que nem todos os “stôres” verificam os TPC e assim uma pessoa ainda se vai safando, diz que fez, mostra qualquer coisa escrita, já para não falar das vezes em que o TPC é devotamente copiado pelo colega do lado na aula anterior. É assim, que às vezes toda a turma tem o TPC igual; mas não há problema, pois a maior parte das vezes os “stôres” nem os corrigem, alguns deles também devem achá-los uma perda de tempo, só assim se explica.

Mas será que os TPC são só uma forma de os “stôres” massacrarem os alunos? Ou será que por mais estranho que nos pareça, eles até têm alguma utilidade?

Bem, a verdade é que mesmo sendo aluna não posso deixar de reconhecer alguma utilidade dos TPC. Os seus objectivos até são muito legítimos, promover hábitos de trabalho e sedimentar conhecimentos adquiridos na aula. Sem dúvida que, principalmente no ensino básico, os TPC têm uma importância inegável. Se forem bem doseados e geridos, podem ajudar as crianças a desenvolver hábitos de estudo, ensinando-lhes que as obrigações devem ser vistas antes da diversão e de certa forma, garantindo que a criança aplique a matéria dada na aula. Permitem ainda treinar os conhecimentos, algo que por vezes é difícil fazer na aula devido ao elevado número de alunos na sala, o que dificulta que cada aluno possa trabalhar ao seu ritmo.

Para além disso, certos TPC, como os trabalhos de pesquisa, podem estimular a curiosidade dos

alunos e ajudar a aumentar a motivação e o gosto pelas matérias. Os TPC mais estimulantes são aqueles que puxam pela criatividade, pois não permitem que o aluno os veja como algo mecânico e rotineiro e os faça de qualquer maneira, “obrigam” o aluno a “puxar pela cabeça”, encontrar novas estratégias para resolver os problemas, pesquisar, trabalhar, promovendo a criatividade, a imaginação e a individualidade do aluno, ao mesmo tempo que ajudam a sedimentar e adquirir novos conhecimentos.

Mas será que é isto que acontece nas nossas escolas? Será que os TPC estimulam a criatividade dos alunos e ajudam a motivá-los, ou têm exactamente o efeito contrário? Será que eles têm uma verdadeira importância na aprendizagem? E no ensino secundário, será que ainda fazem sentido?

Na verdade, o tema dos TPC é cada vez mais discutido e muitas são as opiniões acerca do assunto, que divide pais, professores, psicólogos. Só entre os alunos parece haver uma opinião unânime. Em Singapura, uma “criança de dez anos mata-se por causa dos trabalhos de casa” informa o Público na sua edição de 1/9/01, p. 33, o que prova que o problema dos TPC ultrapassa as fronteiras portuguesas. Os governos da Bélgica, Finlândia, Dinamarca, Luxemburgo, França, Grécia e alguns estados alemães, já criaram legislação no sentido de proibir ou reduzir os trabalhos de casa, pois consideram que estes perturbam o desenvolvimento das crianças, impedindo-as de brincar e diminuindo o tempo livre das famílias.

E em Portugal, como é que estamos? Não há dúvida que os trabalhos de casa têm utilidade mas a forma como são aplicados provoca muitas discussões. Normalmente os trabalhos de casa são um prolongamento da aula, tarefas rotineiras que promovem a mecanização do conhecimento em vez da criatividade, vistas pelos alunos como algo de maçador o que diminui a sua motivação em relação à matéria. Nalguns casos a matéria

ainda nem foi treinada na aula, o que vai ajudar a frustrar ainda mais o aluno. Todos sabemos que, na maior parte dos casos, os TPC são parcial ou totalmente feitos pelos pais ou irmãos mais velhos, que têm pena da criança e decidem dispensá-la do trabalho. A partir do terceiro ciclo e secundário a coisa ainda piora pois os TPC são feitos na explicação sem que o aluno seja obrigado a esforçar-se e muitas vezes sem ter percebido.

Sendo assim os TPC perdem o seu objectivo principal, especialmente no secundário. Aqui, tudo muda de figura. Sem dúvida que os TPC ajudam o aluno a estudar, rever a matéria, facilitando o estudo na hora dos testes, mas será que se justificam verdadeiramente nesta fase de ensino?

No secundário, cada aluno já deverá saber o que quer e encarar o estudo não como algo imposto pelos professores mas sim como uma necessidade que interessa apenas a cada um, dado que os professores não ganham nada com isso. Sendo assim, os TPC não terão apenas a função de roubar tempo aos alunos, numa altura em que eles estão tão sobrecarregados?

Bem, a discussão está aberta e não parece ter fim para breve. Talvez os TPC afinal até nem sejam tão maus e nos possamos beneficiar sobretudo a nós, mas não há dúvida que o assunto precisa de uma reflexão. Talvez o problema seja o próprio modelo de ensino e todos os seus problemas, a enorme carga horária dos alunos e a distância entre os ministérios e a realidade das escolas. A verdade é que por mais modificações que se façam os problemas mantêm-se. Serão os TPC o “bicho papão”? Enfim, para nós, por enquanto, não há remédio, há que continuar a fazê-los!

## Desporto Escolar

O Desporto Escolar continuou activo neste período.

A equipa de Iniciados Masculinos, de Futsal, terminou a sua participação no Campeonato Distrital do CAE Bragança em 4º Lugar.

A equipa de Futsal, Juvenis Masculinos, após ter vencido a sua série foi à Torre de D.Chama disputar a Final Distrital do CAE, aí as coisas não correram muito bem e perdeu o 1º jogo o que desde logo a afastou da hipótese de ser Campeã distrital.

Quem se tem portado excelentemente é a equipa de Basquetebol de Infantis B Femininos, pois conta por vitórias todos os jogos disputados e é a 1ª classificada no seu grupo.

Também se disputaram as Fases Local (em Vinhais) e Regional (em Mirandela) do Torneio Compal Air (Basquetebol) 3x3 com uma excelente participação dos alunos da nossa escola.

O Quadro seguinte demonstra as equipas desta escola apuradas para a Fase Regional.

Equipa	Divisão	Final	Classif. Final	Campeão	Minicampeão	Vice-Campeão
Infantis	Masculinos	F	2º			
	Femininos					
Iniciados	Masculinos	2º	4º			
	Femininos		2º			F
Juvenis	Masculinos	F				2º
	Femininos		2º		F	
Básicos	Masculinos	F				
	Femininos			F		

Infelizmente, uns por não terem comparecido na Fase Regional, outros por não terem conseguido resultados que o permitissem, nenhuma equipa foi apurada para a Fase



  
**Produtos e Derivados da Madeira**  
 Bairro Mãe de Água, Rua do Souto, nºs 17 e 19  
 5300-266 Bragança  
 Telefone/fax - 273 333 323

# Leituras de Abril, pelos netos da Revolução

Joana Gonçalves (ex-aluna desta escola)

*Revolução dos cravos.* Foi há 32 anos, no mítico dia 25 de Abril de 1974. Com um golpe de estado, o MFA – Movimento das Forças Armadas – procurou pôr fim ao regime de ditadura vigente em Portugal durante quase 50 anos, e instaurar a democracia.



Abril foi um período de sonhos e ilusões. Os cravos vermelhos, presentes em cada mão, simbolizavam a liberdade. E, sobretudo, a esperança. A esperança num futuro melhor. As «portas que Abril abriu» para a democracia eram vistas como uma ponte para o desenvolvimento, para o futuro. Esperava-se não apenas uma democracia multipartidária, mas, essencialmente, mais direitos e melhores condições

de vida.

Trinta e dois anos volvidos, Abril «foi um sonho lindo que acabou» e as suas conquistas caem em descrédito. Conquistámos a liberdade de expressão, mas continuamos a não

ser ouvidos. O desemprego toma proporções assustadoras; os direitos conquistados pelos trabalhadores são usurpados; o desenvolvimento do interior é constantemente ignorado e contrariado pelos sucessivos governos. Trinta e dois anos depois, Portugal mantém-se (e cada vez mais) na cauda da Europa.

Para nós, gerações mais jovens,

«netos de Abril», o 25 começa a ser apenas mais um feriado, não lhe sendo atribuído o devido valor. Continuar Abril é, antes de mais, não permitir que este seja esquecido.

É neste âmbito que surge «Leituras de Abril», um trabalho realizado pelos alunos de 10º ano do curso de Artes Visuais da ESEG, dirigidos pelo professor Dr. Manuel Trovisco.

Partindo da poesia de contestação ao Estado Novo e do pós 25 de Abril, da autoria de alguns dos melhores poetas da revolução, como Ary dos Santos, Manuel Alegre, Natália Correia, ou mesmo Fernando Pessoa, um visionário que descreveu antecipadamente o que viria a ser o regime Salazarista, os alunos recriaram Abril a três dimensões.

Com recurso a múltiplos materiais, como o vidro, a madeira, a terra, o sal, o arame, a água, o barro, a pedra ou o pão, pretende atingir-se um resultado harmonioso e ao mesmo tempo simbólico, conjugando diferentes cores e texturas e jogando com os contrastes



e com o efeito forma massa e forma esquelética.

«Leituras de Abril» esteve patente ao público no Liceu, de 24 de Abril a 1 de Maio, e aí regressou no dia 17 de Maio (dia aberto na ESEG), após ter estado em exposição na Biblioteca Municipal, onde foi vista com agrado por um público muito variado.

## Pintar Montesinho

por Joana Gonçalves

«Pintar Montesinho», uma iniciativa do Rotary Club de Bragança, decorreu pela primeira vez no passado dia 18 de Maio. Embora supostamente direccionado apenas a alunos do 2º e 3º ciclos do ensino básico, contou também com a participação de estudantes da área de artes do ensino secundário.

Durante cerca de quatro horas (das 10h às 16h, embora a partida estivesse prevista para as 8h30...) os alunos foram convidados a retratar «in loco» o meio envolvente, ou seja, a aldeia de Montesinho e a própria zona do parque. Para orientar os alunos foram convidados artistas nacionais e internacionais (Porto, Viana do castelo, Amsterdão, Salamanca...), para além dos professores que acompanhavam as respectivas turmas. Participaram no total aproximadamente 120 alunos, estando representadas a Escola Augusto Moreno, a Escola Paulo Quintela, a Escola Miguel Torga e a Secundária Emídio Garcia.

Entre os objectivos desta actividade destacam-se a divulgação do Parque de Montesinho, a promoção das relações interpessoais, assim como um incentivo à criatividade dos mais novos. Para além deste primeiro momento de pintura haverá ainda uma sequela, com a exposição dos trabalhos dele resultantes.

A tão ansiada «maratona de desenho» não foi afinal mais que um dia divertido na companhia de bons colegas, tempo para diversão, partilha, aprendizagem... Experiência a repetir, o que já está prometido pelo Rotary Club.



# Bragança Vista Por Fora

Paula Romão ( coordenadora do Centro de Recursos)

No filme “Quarto com vista sobre a cidade”, de James Ivory, há uma cena deliciosamente teatral, na qual duas personagens femininas, e muito inglesas, se queixam da vista que o quarto que ocupam numa pensão de Florença não lhes permite ter. Resignadas a resignar-se, encontram-se com um seu conterrâneo, também turista, que lhes propõe uma generosa troca de quartos, já que da sua janela a paisagem é deslumbrante. E, como o próprio afirma, “Não me importa o que vejo lá fora. A minha visão está dentro de mim. Aqui é que oíço cantar pássaros. É aqui que o céu é azul.”

Lembrei-me deste momento de cinema, depois de ter visto – e antes de ter revisto – a Exposição de Fotografia do Luís Rodrigues, ainda em exibição no Clube de Bragança., na Praça da Sé. BRAGANÇA VISTA POR FORA é o título que o autor atribuiu a treze séries de imagens onde Bragança é sempre confrontada com locais tão inesperados como Chelas, Sagres, ou a espanhola Granada, entre muitos outros.

O Luís Rodrigues – que foi meu aluno nesta escola – é hoje finalista de Arquitectura no Instituto Superior Técnico, em Lisboa. E, ao longo de seis anos, foi olhando Bragança, tornando-a sempre presente durante a sua ausência. Porque a foi confrontando com outros espaços, criando relações que a aproximavam ou afastavam das muitas referências para as quais foi olhando. Como se vê na série à qual o Luís Rodrigues deu o nome de Contentores e onde Bragança e Chelas constituem os dois pólos de uma analogia que nasceu com o trabalho de fim de curso do autor. As torres habitacionais dessa zona lisboeta são olhadas na perspectiva dos silos da EPAC, em Bragança, e da possibilidade, surgida há anos, de os transformar numa residência para estudantes.

Na série Skyline, nas linhas geométricas que com-



prometem o céu, a zona brigantina dos Batocos é confrontada com Lisboa e o Algarve de Lagos, onde as formas apenas anunciadas denunciam os desarranjos de senso urbano e cívico. E através das imagens da série Longe... Lounge, Luís Rodrigues perspectiva a metáfora do lazer em Bragança, Tróia e Sagres. Sugerindo que os espaços distantes dos grandes centros devem potenciar a paz ambiental, negando o suposto desenvolvimento com que a ambição desplanificada encurta a qualidade urbanística da vida dos cidadãos.

Nos Resíduos – grupo de cinco fotografias – o olhar de Luís Rodrigues fixa-se nos pormenores daquilo que ficou por haver, como restos de uma realidade perecível que as imagens tornam perene: em Lisboa, a linha de fumo deixada num céu sobre a cidade; em Bragança, os destroços escalavrados da linha-férrea cercada pelas ervas e pelos anos. Na série Interiores, é confrontado o espaço exterior de uma travessa da vila, em Bragança, com uma rua da alentejana Mértola, surgindo, inesperadamente, a percepção de que é da relação entre a altura e a largura que nasce o efeito de local aberto ou fechado. O que reforça o carácter simbólico do castelo que, num e noutro caso, aparece nas imagens.

As duas fotografias a que Luís Rodrigues deu o nome de Recortes pareceram-me particularmente inesperadas, pela simetria imprevisível com que ele aproxima o perfeito jogo de sobreposições de um telhado de Granada com o beiral carcomido de uma casa da aldeia de Espinhosela. Na série Génesis, onde se juntam os castelos de Bragança, Evoramonte e S. Jorge, é criado o efeito de gradação entre luz e sombra, o que constitui sinal de uma origem a que as imagens fazem referência. Por outro lado, as fotografias de Travessias revelam, sobretudo, as marcas de uma passagem que oscila entre o movimento de um viaduto em Lisboa e o silêncio nocturno de



uma ponte junto à barragem do Picote.

Na série “dedicada” a Lucien Guerche, Luís Rodrigues não esconde a admiração que sente por esse engenheiro francês que criou a primeira central eléctrica de Bragança, no início do século XX, e que abandonou Portugal para se alistar nas fileiras da Guerra de 1914-18. Os painéis de controlo que o Luís fotografou, na central já perdida – e por isso “aberta” ao público – ficaram registados pelo olhar de quem quis resguardar um tempo que hoje nem se adivinha, nos Batocos, junto ao Fervença.

Outros espaços, formatados por tantos tempos, ficaram assinalados nas treze séries de fotografias que constituem esta exposição. Onde o Luís Rodrigues mostra a lucidez do seu olhar e a capacidade criativa de equilibrar o sentido das imagens com a sua intenção crítica. Aos vinte e três anos, nesta sua primeira exposição, o Luís propõe uma multiplicidade de perspectivas, junto daqueles que olham, levando-os a recriar a visão com que ele projectou Bragança noutros espaços.

Como no filme “Quarto com vista sobre a Cidade”, também em BRAGANÇA VISTA POR FORA a paisagem olhada constitui uma forma de ver dentro de nós. Percebendo que é aí que se joga a capacidade de distinguir entre o que nos é mostrado e aquilo que o nosso olhar vai reconstruindo e aprendendo a ver.

## Matemática sobre Rodas

### CAIXAMAT – aprender a gostar

Guilherme Sá Pires, 9<sup>o</sup>C

Numa iniciativa conjunta, a Universidade de Aveiro, através do Projecto Matemática Ensino ( Pmate) e a Caixa Geral de Depósitos, determinadas em inverter a tendência negativa do gosto dos alunos pela Matemática, deram as mãos, criaram o CAIXAMAT e fizeram-no percorrer o país. Dirigido a todos os alunos, o CAIXAMAT foi um projecto muito interessante e educativo.

Um estudo realizado na área tu-

telada pela Direcção Regional de Educação do Centro concluiu que o ensino excessivamente mecanizado da Matemática não desenvolve o raciocínio dos alunos. Segundo o mesmo estudo esta situação ajuda a explicar o mau desempenho dos alunos nesta disciplina. Por isso a iniciativa liderada em termos educacionais pela Universidade de Aveiro merece uma atenção particular.

Na nossa cidade, o camião – de-

pósito desta iniciativa estacionou na Escola Secundária Emídio Garcia, no dia 21 de Março, e todas as escolas se deslocaram até lá. Assim, a nossa não foi excepção. Depois de algum tempo de espera, chegou a vez de entrar no camião. O espanto foi geral, pois este estava cheio de computadores. As actividades foram bastante diversificadas. Houve tempo para jogos interactivos e on-line que verdadeiramente testavam a competência matemática de forma

lúdica. Por isso, embora os resultados nem sempre fossem brilhantes, ninguém desmotivou, cumprindo-se deste modo um dos objectivos desta actividade: desenvolver o gosto pela Matemática.

## Carta Aberta

É lamentável o motivo que nos leva a escrever estas linhas. Há umas semanas deparámo-nos com um artigo de opinião num jornal regional, Nordeste Informativo, no qual era referida uma certa escola, de uma certa cidade, cujo espaço exterior arbóreo estava então a ser limpo e reorganizado e que rapidamente identificámos como sendo a nossa. Embora o dom da escrita e inteligência tivessem definido uma boa estratégia na construção do texto, é importante que haja responsabilidade naquilo que se faz e principalmente ter maturidade e coragem para o assumir, traçando uma crítica justa, construtiva, apoiada em argumentos válidos, pois, para nós, toda a razão, legitimidade e valor que este texto poderia ter perde-se por completo no carácter insultuoso (muito bem!) explícito em todo o texto.

É importante que fique, desde já, claro que a nossa desilusão e revolta não diz respeito ao assunto abordado pelo autor do artigo, pois qualquer pessoa é livre de ter a sua opinião, mas o que mais nos magoou foi a forma como a Liberdade de Expressão foi desrespeitada por um artigo em

que, pelos vistos, a linha orientadora se reduziu ao insulto pessoal. Alegando a riqueza desse espaço, a todos os níveis, como a biodiversidade, o trabalho necessário, a beleza natural que este conferia à escola, o valor sentimental que, pelos anos, já tinha adquirido, tal como, alegando os objectivos do projecto educativo relativamente à preservação do ambiente e à construção de uma consciência ecológica, o autor do artigo, Dr. Manuel Eduardo Pires, lançou-se num mexerico insultuoso ao membro do conselho executivo que, segundo o autor, autorizou (sozinho!?) a limpeza das árvores. Tendo em conta que o artigo assenta numa acusação directa a uma única pessoa não directamente identificada, afunda-se num carácter falso. Além disso, a Liga de Protecção do Ambiente tomou conhecimento do caso concluindo que não se verificava nenhum atentado ambiental.

Acreditamos que "mexerico" não é uma palavra despropositada nem falaciosa, pois o que poderemos nós dizer e pensar perante acusações e insultos, tão graves como: "alienado, asno teimoso, prepotente", "estouvada criatura, deformada na área das

Geografias", "cromo, com a sensibilidade ambiental de um protozoário", "tonto", "mente afectada".

Voltando a referir a inteligência estratégica da construção textual, é condenável que o princípio que parece encaminhar o artigo se baseie no "assente a carapuça a quem assentar" ao não referir nomes concretos. Assim, desprezando esta atitude que nos parece ser uma fuga a uma possível acusação jurídica, é importante sermos directos e responsáveis e, pondo tudo em "pratos limpos", assumir que todos estes insultos se dirigem directamente ao Dr. Paulo Correia, vice-presidente do Conselho Executivo da Escola Abade de Baçal.

Sem nos alongarmos, é importante reforçar que é inacreditável e inconcebível que uma incontornável responsabilidade como a educação para o Respeito Mútuo seja deturpada com uma postura completamente anti-pedagógica.

*Nádia Afonso Margarida Carmona  
Rita Morais  
Joana Moreira  
12º*

## ESCOLA SECUNDÁRIA /3 ABADE DE BAÇAL - BRAGANÇA

Oferta Educativa para o Ano Lectivo 2006/2007

# INFORMA-TE!!!

### Curso Científico-Humanístico:

- Ciências e Tecnologias
- Ciências Socioeconómicas
- Ciências Sociais e Humanas

### Curso Técnico:

- Construção Civil e Edificações
- Electrotecnia e Electrónica
- Ordenamento de Território e Ambiente
- Administração

### Curso Técnico:

- Curso Instalação e Operação de Sistemas Informáticos
- Operador de Acabamento de Madeira e Mobiliário (Nível 12.E equivalência ao 9.º ano)
- Técnico de Análise Laboratorial (Nível 3/E equivalência ao 12.º ano)

### Curso Profissional:

- Técnico de Instalações Eléctricas
- Técnico de Energias renováveis
- Técnico de Construção Civil/Condução de obra  
Duração de 3 anos (Nível 3/E equivalência ao 12.º ano)

### Ensino Recorrente

- 7.º/8.º/9.º Unidades Capitalizáveis
- 10.º/11.º/12.º Unidades Capitalizáveis (Ciências, Letras, Contabilidade e Secretariado)
- 10.º/11.º/12.º Módulos Capitalizáveis (Ciências, Letras, Outros)



Escola Secundária/3 Abade de Baçal

Av. General Humberto Delgado

5300 Bragança  
baçal.rcts.pt

Tel: 273322163/273322462

Fax: 273331114

[www.esec-abade-bacal.rcts.pt](http://www.esec-abade-bacal.rcts.pt)

Info@esec-abade-

## Sabias que...?

### Sabias que é fácil verificar se um número é divisível por 3?

Basta somares todos os algarismos de um número entre si e se o número resultante da soma for um múltiplo de 3, então o número é divisível por 3.

Exemplo:

Temos o número 156.

Vamos somar todos os algarismos desse número entre si,  $1+5+6=12$

Uma vez que 12 é um múltiplo de 3 ( $3 \times 4=12$ ) então o número 156 é divisível por 3, como se pode confirmar depois  $156/3=52$ .

### Sabias que é fácil saber o resultado dum número terminado em 5 elevado ao quadrado?

Basta pões o quadrado de 5 (25) e depois multiplicares o resto do número inteiro pelo número seguinte.

Exemplo:

Temos o número 65 e queremos saber o resultado deste número elevado ao quadrado ( $65^2$ ).

Para isso sabemos à partida que  $5^2=25$  e dessa forma que o número  $65^2$  vai terminar em 25. E de seguida multiplicamos o resto do número (que é o algarismo 6 neste caso) pelo número seguinte (que é o 7 neste caso) fazendo então  $6 \times 7=42$  dessa forma sabemos que o resultado de  $65^2=4225$ .

Luís Pires



Obs. Este trabalho não foi publicado, por lapso, no último número em que se assinalava o dia da mulher. Fica aqui o reparo.

# Humberto Delgado o espírito da revolução

O dia 14 de Maio de 2006 ganha importância por nele se assinalar o centenário do nascimento de Humberto Delgado. A Escola Secundária Abade de Baçal fica situada na Av. General Humberto Delgado e por isso fita o busto que em 2004 ali foi colocado, numa homenagem da Junta de Freguesia da Sé, presenciada pela filha do “general sem medo”. Figura de valor inquestionável enquanto defensor da Liberdade, veio a Bragança quando o país estava fechado e ele o queria abrir e quando a cidade estava cultural e geograficamente amordaçada.

Estes parecem ser motivos suficientes para lembrar quem foi Humberto Delgado.

É celebrado este ano o centenário do nascimento de Humberto Delgado, também conhecido por “general sem medo” devido à sua ousadia e certo atrevimento ao desafiar um regime que abafava qualquer tipo de pronúncia que pusesse em causa a própria segurança do governo.

Humberto Delgado nasce em 1906, e, desde cedo, toma uma presença activa na política nacional. Participa no Movimento Militar de 28 de Maio de 1926, que institucionalizaria a Ditadura Militar que, mais tarde, iria dar lugar ao Estado Novo em Portugal, liderado por Salazar. General mais novo da Força Aérea, ocupou sempre lugares notórios como Director da Aeronáutica Civil, pela sua intervenção a nível internacional (negociou com o Reino Unido a utilização de instalações militares nos Açores na fase final contra o Eixo na Europa), ou como membro representante na NATO, nos Estados Unidos. Desta forma é lançado para a vida política das democracias ocidentais e nelas se deslumbra pondo então em causa o regime que tinha ajudado a consolidar.

De volta a Portugal, é abordado por opositoristas ao Regime que o estimulam à candidatura à Presidência da República. Como oponentes tinha Dr. Arlindo Vicente, que desiste a favor de Humberto Delgado, e Américo Tomás. Assume então ideias revolucionárias em tudo contrastantes com o Regime conservantista actual. A partir deste momento, acentua a sua coragem e ousadia através de uma célebre entrevista na qual lhe foi perguntado o que faria a Salazar caso fosse eleito Presidente da República, respondendo friamente: “Obviamente / demito-o”. Esta simples declaração foi considerada, como não poderia deixar de ser, uma afronta ao Regime, daí que tenha sido cognominado de “general sem medo”. O seu arrojo e audácia conquistou a atenção das massas populares que ansiavam verdadeiramente pelo fim de uma

ditadura que punha em causa um dos direitos cruciais da Humanidade, a Liberdade de Expressão. Contudo, fora derrotado devido à sabotagem dos votos a favor de Américo Tomás.

Mas Humberto Delgado, assim como os opositores ao regime, não aceitara a derrota. Tenta então um golpe de estado, mas em vão, dada a escassez de ajudas que possuía. Devido às circunstâncias e sabendo que o regime o iria punir, foge para a Embaixada do Brasil e daí para o exílio, onde tenta, inutilmente, arranjar forças oponentes que se aliassem a ele. Encontra então uma forma de propagandear, internacionalmente, a situação do País, a Operação Dulcinea: toma de assalto, ao lado do seu aliado, Capitão Henrique Galvão, o paquete de Santa Maria ou “Santa Liberdade”. Esta Operação iria coincidir com o início da Guerra de Angola onde os africanos reclamavam o direito de independência e consequente descolonização, suscitando uma ligação nesta luta de direitos entre Humberto Delgado e Henrique Galvão e os africanos.

Não satisfeito, conspira uma nova tentativa revolucionária juntamente com militares e civis e invadem o Quartel de Beja, assim como outros lugares estratégicos, com o intuito de pôr fim ao governo. Falha!

Decide então afastar-se para sempre do País. Sai clandestinamente com destino ao Magrebe onde esboçou golpes juntamente com apoiantes, tais como o Partido Comunista Português, Ben Bella, movimentos antiregime, entre outros, formas de derrubar o regime nacional. Todavia, o seu golpe de estado fora reprovado pelas forças aliadas, posto que o General defendia um ataque artilhado cujos apoiantes se recusaram a participar.

Anulava-se o golpe. Humberto Delgado decide voltar a Portugal, confiante e destemido, na tentativa de arranjar apoiantes dispostos a abolir o regime. No

entanto, como se previa, tinha-lhe sido montada uma armadilha fatal e em 1965 é assassinado por um comando da PIDE, na fronteira de Badajoz.

Embora não saibamos qual teria sido o seu desempenho caso tivesse tomado realmente o País em suas mãos, sabemos que através da sua morte, honrada, assim como da sua ousadia, a 25 de Abril de 1974 se comemorou e ainda hoje se comemora a abolição de um regime, um País fechado ao mundo, como o próprio Salazar chegou a afirmar: “Orgulhosamente sós”.

A figura do General Humberto



Busto do General Humberto Delgado, na Av com o mesmo nome, em Bragança

Delgado teve uma enorme importância na viragem política que se deu. Desde a sua candidatura que moveu massas de apoiantes, tendo estado mesmo em Bragança, ainda novo, assim como em vários pontos do País e em todos eles deixou marcas de coragem por tanta determinação e insistência em querer derrubar um regime tão opressivo e desumano, fazendo valer os seus ideais de liberdade e com a percepção de uma nova política aberta ao mundo, originando uma consequente alteração de mentalidades até então impostas pelo



Praça Carlos Alberto, Porto - Humberto Delgado saúda a multidão

# Cristóvão Colombo

## “O tempo revela a verdade”

Cristiana Afonso, 12ºB

21 de Maio de 2006 – Cristóvão Colombo morreu há 500 anos. Fez história, deixou histórias e muitos mistérios. O espírito inquieto que o impulsionou para as descobertas prolongou-se após a sua morte com as várias mudanças de local do seu túmulo e com o permanente aparecimento de novas teorias relativamente à sua origem. Itália, Noruega, França, Espanha e Portugal reclamam ser a pátria do descobridor da América, que ocultou a sua própria identidade talvez por, como alguns defendem, ser um agente secreto de D. João II. São vários os historiadores que provam a nacionalidade portuguesa do navegador que é até apontado como filho do Infante D. Henrique, neto do rei D. Duarte. A verdade é que o mistério alimenta a discussão, a investigação entusiasmo e ambos são ingredientes excelentes para um empolgante romance. É o que acontece no “Codex 632” de José Rodrigues dos Santos que, partindo da análise das cartas escritas pelo navegador prova que só um português as podia escrever.



“PARA SER GRANDE, sê inteiro: nada Teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és No mínimo que fazes. Assim em cada lago a lua toda Brilha, porque alta vive.”

Ricardo Reis

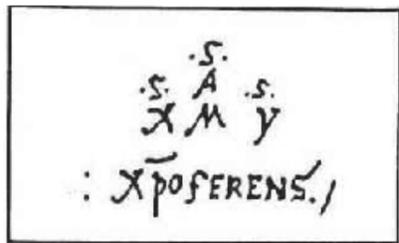
Ricardo Reis

O “Codex 632”, de José Rodrigues dos Santos, é uma “história dentro da História” capaz de nos embrenhar na trama das personagens ao mesmo tempo que acompanhamos uma investigação que nos transporta para a realidade.

As origens e a identidade de Cristóvão Colombo são o tema controverso sobre o qual o autor fez uma investigação profunda, que decidiu “guardar” e dar a conhecer sob a forma de romance. Assim, temos acesso a uma obra fantástica, em que caminhando com a personagem principal, Tomás Noronha, vamos descortinando os segredos que envolvem o descobridor da América, descodificando enigmas cifrados e sentindo a emoção desta história que quer desvendar a História.

Será genovês? Espanhol? Ou será Português?

Vários factos e aspectos da vida de Colombo, como a língua, o brasão de família, o seu casamento com uma nobre portuguesa, a simbologia e misticidade que envolvem a sua assinatura reportam a sua origem para o nosso país, contradizendo as teorias que defendem a sua naturalidade genovesa e as suas raízes pobres de tecelão de seda.



Assinatura de Cristóvão Colombo

Este livro consegue aproximar-nos da grandeza e misticidade dos descobrimentos, suscitando a nossa curiosidade e colocando-nos no papel de investigadores fugazes e desejosos de conhecimento.

“Como um encantamento esotérico, que nada revela e tudo sugere, aquelas palavras indecifráveis exalavam o enigmático perfume do mistério”, levando-me a procurar na conversa com o autor a sua verdadeira essência.

## José Rodrigues dos Santos

José Rodrigues dos Santos é jornalista, escritor e professor. A sua popularidade, que até aqui se devia sobretudo à presença constante na televisão, foi acentuada pelo sucesso dos livros que publicou. O mais recente é também o mais polémico: “Codex 632” defende que Cristóvão Colombo é português...



CIA: Olá, chamo-me Cristiana Afonso, vivo em Bragança e frequento o 12º ano de escolaridade na Escola Secundária Abade de

Baçal. Li o seu livro (*O codex 632*) recentemente e decidi fazer sobre ele o meu trabalho obrigatório de Português, que consiste numa exposição oral acerca de um livro que achamos pertinente e do qual tenhamos gostado. Por isso, e uma vez que escolhi o seu livro gostava de lhe fazer algumas perguntas relacionadas com a veracidade dos factos e documentos nele presentes. Espero que consiga ajudar-me, obrigada pela atenção.

JRS: Olá Cristiana, obrigado pelo mail. Podes fazer as perguntas que quiseres.

CIA: O que o levou a escrever um livro sobre uma questão tão controversa como as origens de Cristóvão Colombo?

JRS: O que me levou a escrever sobre este tema foi o desejo de fazer um romance sobre os Descobrimentos, mas a partir de um ângulo diferente.

CIA: Visitou mesmo Jerusalém e falou com alguém como o rabino da história? E esteve nas restantes cidades e respectivos arquivos e bibliotecas referidos no livro?

JRS: Visitei Jerusalém, falei com o rabino Boas Paz; estive em todas as cidades e na maior parte dos arquivos mencionados.

CIA: Existe de facto um documento como o *Codex 632*? E até que ponto a existência da rasura é verdadeira?

JRS: O *Codex 632* existe e está guardado na Biblioteca Nacional, em Lisboa. A rasura, porém, é ficcional – o único elemento ficcional do romance no que diz respeito a documentos históricos.

CIA: Foi fácil conciliar a sua vida profissional com a escrita do livro?

JRS: Não tive dificuldade em conciliar as duas coisas.

CIA: Teve alguma bolsa ou algum outro tipo de financiamento para a realização das viagens?

JRS: Não tive nenhuma bolsa.

CIA: Acredita de facto que Cristóvão Colombo nasceu na Cuba?

JRS: Não existem provas sobre a hipótese de Cuba. É apenas uma possibilidade.

CIA: Foi você que inventou todos aqueles enigmas, só decifráveis recorrendo à criptologia?

JRS: Fui eu que inventei as mensagens cifradas.

CIA: O que o levou a introduzir no livro a história de uma menina com trissomia 21?

JRS: Introduzi a história da Margarida para dar uma dimensão humana à personagem principal.

CIA: Revê-se de alguma forma, e tendo em conta o final do livro, na personagem do professor Tomás Noronha?

JRS: Não me revejo na pessoa do Tomás, embora tenhamos algumas coisas em comum.

CIA: Pretende continuar a trabalhar na descodificação das origens do (talvez) “nosso” descobridor?

JRS: Continuar este trabalho é uma hipótese em aberto.

(Esta conversa resulta de uma troca de e-mails com o autor)



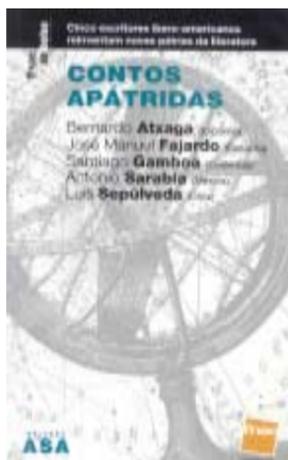
A descoberta da América por Cristóvão Colombo, por Salvador Dalí

# Para bom leitor um livro não basta

## Contos Apátridas

Vários

Edições Asa



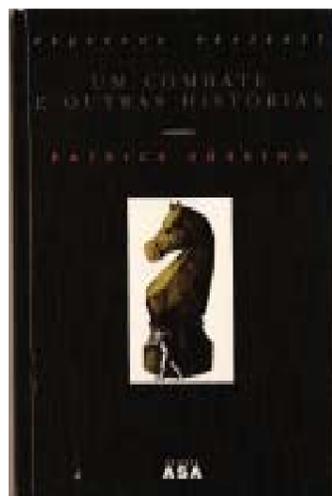
“Bem-vindos ao futuro. Aqui todos são cidadãos do mesmo estado: Globália. Sob o lema “Liberdade, Segurança e Prosperidade”, com a união política há tanto desejada, os humanos aproximam-se cada vez mais da perfeição... As empresas vão de vento em popa devido ao consumismo em que a sociedade assenta... os conflitos étnicos e históricos desapareceram graças à abolição da História. Todos falam o mesmo idioma – a anglobal.. mas há um jovem que recusa obedecer à ordem imposta...”

(do editor)

## Um combate e outras histórias

Patrick Suskind

Edições Asa



Três contos fantásticos sobre a destruição do homem devido às forças que se erguem no seu percurso - a aparência; a crítica e a incapacidade de lidar com ela; a doença e a inevitável “fossilização concoidal do mundo”...

Em todos eles as personagens possuem uma densidade interior que nos interpela e agita.

## O Prazer da Leitura

Marcel Proust

Editorial Teorema



George Steiner identifica nesta obra, “A Ideia da Europa”, a essência da ideia deste Velho Continente. Abre-nos novas perspectivas sobre esta velha ideia de Europa numa escala humana e cultural e obriga-nos a repensar o futuro.

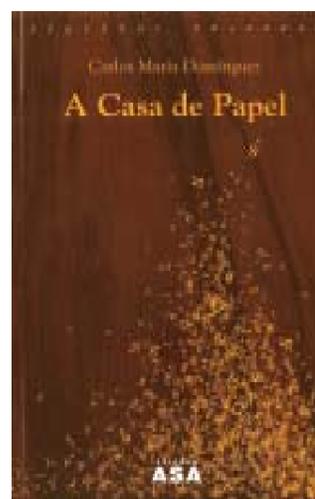
Começa assim... “ A Europa é feita de cafetarias, de cafés. Estes vão da cafetaria preferida de Pessoa, em Lisboa, aos cafés de Odessa frequentados pelos gangsters de Isaac Babel(...) Desenhe-se o mapa das cafetarias e obter-se-á um dos marcadores essenciais da “ideia da Europa”.

E mais adiante ...

## A Casa de Papel

Carlos María Domínguez

Edições Asa

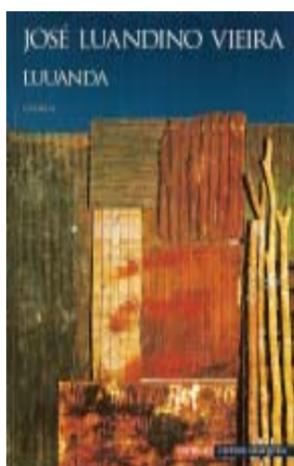


“A casa de papel” é um pequeno prazer sentido à volta, literalmente, de uma casa de papel e daquele que a idealizou, construiu e destruiu. Tudo porque os livros eram a sua paixão: “um leitor é um viajante através de uma paisagem que se foi fazendo. E é infinita (...) não encontro melhor sina que percorrer, em poucas horas diárias, um tempo humano que, de outro modo, me seria alheio”.

## Luuanda

Luandino Vieira

Editorial Caminho

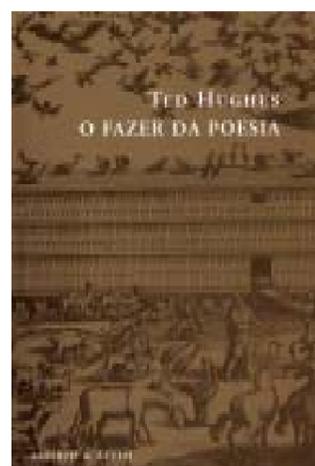


Em “Luuanda” há um rio de uma ternura única enraizada na África que Luandino, de uma forma ímpar, partilha connosco. É preciso ler, em voz alta “vavó tinha avisado, é verdade, e na sua sabedoria de mais-velha custava falar mentira...” para que o texto nos transporte até lá, faça nascer em nós esse espaço e sintamos na autenticidade de cada palavra a riqueza dessa cultura.

## O Fazer da Poesia

Ted Hughes

Ed. Temas & Debates



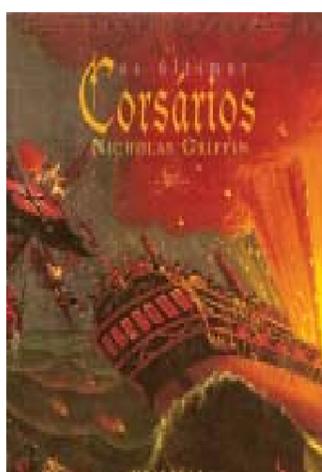
Este livro fala-nos sobre a escrita em geral, espicaçando-nos a dedicar esforços mais atentos à nossa própria escrita. Na má poesia, segundo o autor, “as palavras matam-se umas às outras (...) É importante deixar a escrita andar o tempo que for preciso e depois voltar atrás para ver o que se escreveu”.

É um livro indispensável para quem gosta de usar as palavras e sabe que estas têm vida: “São as que ouvimos, como cacarejar, ou vemos, como sardento, ou tocamos, como espinho, ou cheiramos, como cebola”. Após a leitura deste livro nunca mais seremos os mesmos! Ou melhor, nunca mais escreveremos da mesma forma.

## Os Últimos Corsários

Nicholas Griffin

Editorial Ulisseia



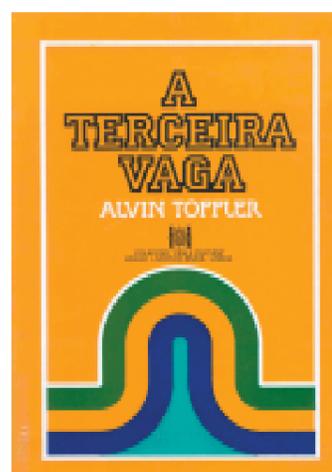
Uma barco pirata, um capitão, um biógrafo, escravos, a marinha britânica...

De uma forma realista, firme e dura, acompanhamos William Williams, biógrafo do capitão do navio, numa viagem de África às Caraíbas e assistimos ao seu envolvimento crescente no ambiente de pirataria e escravatura que o rodeia...

## A Terceira Vaga

Alvin Toffler

Ed. Livros do Brasil



“ Uma obra explosiva que altera dramaticamente a maneira como cada qual se vê a si próprio e analisa o mundo que o rodeia. Antevê a economia do mundo do futuro e o sentido de personalidade individual e familiar numa sociedade post-nuclear. Assim como as atitudes sexuais dos humanos vindouros, as suas preferências na política, no trabalho, no lazer.”

Do editor

# Foi há seis anos...

Para os alunos do 12º ano fecha-se um ciclo. O Outra Presença não podia deixar de os inscrever neste espaço, porque é de alunos que a escola é feita e estes que partem deixaram a sua marca nas paredes que os rodearam, nos professores que tiveram, nos funcionários que os aturaram, nos colegas que lhes sorriram.

Voz da comunidade escolar, o Outra Presença deseja a todos muitas felicidades e sauda especialmente aqueles que ao longo dos anos souberam com determinação, voluntarismo, entrega, generosidade e integridade fazer da escola um espaço mais vivo e melhor; aqueles cuja perseverança e ousadia projectou o nome desta escola e a tornou conhecida por esse Portugal. Saibam que esta escola que escolheram e dignificaram se orgulha de vós e vai sentir a vossa falta.

Até sempre.



“Não é uma despedida, é um até já, é uma palavra de agradecimento é um sentimento que aqui está.

Quando alguma coisa se encontra perto de mudar, lembramo-nos de coisas que tínhamos colocado já há algum tempo no compartimento da memória que já estava com algum pó por tão poucas vezes lá termos ido. Lembro-me, então, de como sempre quis vir para esta escola estudar, lembro-me de correr por estes corredores ainda usava fitas no cabelo, lembro-me do carinho que funcionários e amigos professores desde há muito mostravam quando diziam “olá joaninha”. Recordo-me agora do dia em que finalmente vim para esta escola de pasta às costas, conhecia cada cantinho da escola mas, de repente, já não me parecia tão grande e eu tão pequenina. Recordo-me de andar na brincadeira no campo, de poucas vezes entrar no bar, de ter aulas nos “barracões” de escrever nos quadros a giz de tirar má nota a história, de escrever o meu primeiro texto para o jornal, de participar pela primeira vez no teatro... Tantas coisas boas, tantas coisas menos boas, um só sentimento: saudade do que passou e teimo em não querer largar.

Depois fui crescendo, como todos os maravilhosos amigos que fiz e ficarão para sempre, sobretudo os meus colegas de turma. Penso agora como eram parvas as birras que fazíamos e o tempo que deixamos por aproveitar mas, fico o mais feliz que posso quando agora percebo que, apesar de tudo, fomos nutrindo uns pelos outros um carinho tal que agora, mais que nunca, nos faz sentir pena de nos separarmos e receio do que vamos ter de deixar para trás mesmo ansiando o futuro.

Não gosto de despedidas, nem nunca o faria a esta Escola que tanto me diz. Não consigo dizer adeus aos professores que cá ficam, esses que tanto nos ajudaram tanto a nível científico como a nível pessoal, “aturaram” as minhas trapalhices, riram-se comigo, repreenderam-me sempre que foi preciso, ajudaram-me a ser quem agora sou (trapalhona na mesma, deve dizer-se). Não direi até sempre a nenhum dos meus amigos porque tenho a certeza que os laços que criámos são suficientemente fortes para nos continuarmos a encontrar mesmo fora desta Escola: Xis, Baixinha, Joana Alexandra, Rita, Ana Lu, Nádia, Joaninha, André, Carlos, Vítor, Faiões, Pedro, Catarina, Luísa, Heloísa, Nina, Ema, Ágata, todos juntos faremos sempre A força!

Até já, já volto.”

Joana Gomes, 12ºC

## “APARIÇÃO”

Decidi não relatar neste meu último texto, (pelo menos enquanto aluna desta escola,) o que foi o meu percurso por aqui. Rapidamente resumo a história, dizendo que vim para cá no 7.º ano e que gradualmente aprendi a gostar desta escola. Aqui habitam algumas das personagens mais significativas da minha vida e, por isso, anticipo já os agradecimentos a todos aqueles que são a ESAB: funcionários, colegas e professores. Neste último grupo, destaco a presença, sempre constante de três professoras (das quais, por motivos óbvios não revelarei nomes) que me ajudaram a crescer, seja nas estranhas linhas dos livros e da poesia, do palco tão assustador ou das Histórias dos homens relatadas com tanta doçura. Pessoas a quem devo tanto, e que nunca palavras serão suficientes para agradecer.

Agora que vejo e que sinto tão próximo o fim desta época (tremo sempre ao pensar esta palavra - fim...) é tudo estranho demais. É como uma mudança de casa, sendo que a nova habitação é em tudo desconhecida. Eu desconheço todo o meu futuro, a minha nova casa. Ainda não escolhi o meu curso e enfim... não consigo imaginar o que serei daqui a um ano.

E desculpem se não posso deixar de estar triste, mas estou mesmo assustada.

Pensei por várias vezes evitar este estreitamento com a Escola, porque sabia que mais tarde algo assim se iria passar em mim. Mas a cada dia que passava, a sentia mais, mais ela me puxava. É ensurdecedor o barulho das batidas do seu coração em mim! Sinto que nestas paredes há sangue a passar, sinto que são tudo menos pedra e cimento.

Agora que conto pelos dedos os dias que faltam para a abandonar, vejo-A “aparecer” (como diria o amigo Virgílio) como a maior de todas as árvores.

É difícil escrever. Sinto uma dificuldade imensa em organizar palavras para falar de algo que está tão dentro de mim.

Sei que fui e sou ainda muito feliz aqui e que nem o nó na garganta que me está a doer agora (e já desde há algum tempo) pode anular o que cada canto deste espaço é de facto para mim. Escola que será sempre casa, mesmo agora, quase demolida para sempre.

Porque sim. Sinto realmente que depois de fugir daqui após o meu último exame, esta escola se ruirá atrás de mim, deixando um rasto de pó que me cobrirá toda e para sempre. Mas não olharei para trás. E por isso me custa tanto esta já despedida.

Sim, hei-de voltar (se conseguir). Mas a ESAB (a próxima), não passará de um imperfeito holograma de tudo aquilo que foi um dia.

Porque não terei 13 anos e não estarei no gabinete com a stora Luísa chorando baba e ranho, implorando-lhe que me mude de turma. Porque já não correrei aos berros atrás das minhas amigas (irmãs). Porque não estarei em qualquer sala de aula quase a dormir ou a desfalecer em cima de um teste qualquer para o qual não estudei minimamente. Porque já não haverá sextas à noite de teatro e quartas à tarde de jornalismo. Porque já não estarei no Conselho Executivo com a Galila a pedinchar algo à stora Teresa e ao stor Paulo para a Associação de Estudantes. Porque não estarei no bar com milhares de amigos à volta e porque não estarei nas escadinhas a sentir o sol. Porque já não serei eu própria para estar! Por isso a ESAB não existirá mais em mim. Nem eu nela.

Talvez por isso me alongue e repita tanto nas palavras. Para alguém presenciar que uma certa Rita já foi bem feliz nesta certa escola. Que um dia destes, ambas nos “aparecermos” diante uma da outra numa cumplicidade que nunca saberei explicar.

Por isso tanta saudade. Por isso a ESAB será sempre a eterna falta em mim.

Rita Morais 12.ºD

“Seis anos! Parece tanto tempo, mas a verdade é que passou tão depressa. Quantas vezes dissemos: “Nunca mais temos dezoito anos, nunca mais vamos embora!” E agora? Agora temos dezoito anos, agora vêm aí os exames, agora vamos embora. E sentimos ao mesmo tempo vontade de viver num sítio novo e saudade do que fica: o espaço, os amigos, os professores, os funcionários.

À professora Paula Romão digo para não se enervar com o novo grupo de teatro e para arranjar uma nova massagista. As saudades de todos os momentos do teatro, até os secantes, são grandes.

Obrigada a todos os que contribuíram para a minha boa passagem por esta escola. Até já!”

Luísa Rodrigues, 12ºB

“Foi com apreensão que pisei pela primeira vez nesta “casa”, mas saio hoje com a certeza da importância que estes seis anos tiveram na minha evolução como estudante, e sobretudo como pessoa. Todos os conhecimentos e valores transmitidos dentro das quatro paredes foram fundamentais na minha evolução e na definição daquilo que sou.

Estas linhas não são um “adeus” mas um “até já”, pois pretendo visitar este espaço sempre.”

Ricardo Almendra, 12ºB

# E agora?...

“Depois destes seis anos é inevitável não ficar com saudades desta escola... do bar, daqueles amigos que estavam connosco todos os dias, das caras que passavam por nós, dos professores, dos bons momentos que aqui passei...”

Ainda me lembro quando aqui cheguei e pensei: “Tanta gente que eu não conheço! Tanta gente nova na minha turma!” Mas foi com todos eles que aprendi a crescer, que passei aqueles momentos dos quais vou ter saudades.

Obrigada a todos aqueles que me ajudaram a chegar ao final desta etapa... aos auxiliares de acção educativa, aos meus colegas, aos “meus” professores...

Foram bons todos estes anos passados na Escola Secundária Abade de Baçal!”

Ana Margarida, 12°C

“A escola é conhecimento, aprendizagem, convivência e crescimento. nela aprendemos os significado de viver e formamos a nossa personalidade.”

Isabel Jerónimo, 12ºB

“Agora, já muito perto do final, é que me apercebo de coisas que nestes seis anos me passaram ao lado. Sentimentos, emoções, vivências que nunca pensei dar a importância com que as vejo agora. É tão difícil e angustiante falar do fim, e sempre que tenho de o fazer tento fugir a isso. Mesmo assim, sinto que vai haver sempre tempo para viver muito mais. E todas as recordações que guardo comigo destes seis anos são demasiado especiais e eternas para as conseguir descrever.

O medo e a confusão do 7ºano, a loucura do 8º e 9º anos, a responsabilidade do 10º, a confiança do 11º, e o sentido de pertença do 12º...sim...porque ao longo destes anos fomos sentido que tudo isto é bem mais do que uma escola... é a NOSSA escola. E foi fazendo cada vez mais parte de mim, com uma intensidade que é só explicada pela magia vivida ao longo dos seis anos.

Levo comigo um misto de sentimentos únicos! Sei que jamais esquecerei tudo o que aqui me envolveu... a AE, os professores, amigos, colegas, as festas, o jornalismo, a rádio, as viagens, e até mesmo aqueles momentos que aqui passámos sem nada em concreto para fazer, apenas para viver mais sorrisos, neste espaço que sinto meu...

Porque estes seis anos mágicos vão muito além das palavras, muito além do que se consegue explicar.”

Joana Moreira 12°C

“Lembro-me do primeiro dia em que entrei nesta escola e a senti como minha, em que iniciei a aventura que é chegar a este espaço e encará-lo como nosso nesse instante, em todos os que pertencem ao futuro.

A ti, escola, não digo adeus, apenas um até já, um fechar de cortina no intervalo do teatro, capaz de me manter unida às memórias que construí contigo.”

Cristiana Afonso, 12ºB

“Por vezes, dou por mim pensar na mudança, na evolução, as recordações vão ficando distantes, mas sinto-as tão próximas que quase lhes toco. O passado e o futuro unem-se num grito mudo tantas vezes angustiante, responsável por lágrimas visíveis ou maioritariamente invisíveis. Mas as lágrimas fazem bem quando cada uma derramada corresponde a uma recordação que pelo seu valor sentimental se torna imutável. É tão estranho que em cada capítulo que avançamos na história da vida tanto fique para trás: sonhos, desejos, medos, personagens. Contudo, este percurso desde o sétimo até ao 12º ano nesta escola, fica registada num capítulo eterno, de consulta sempre possível.”

Nádia Afonso

“É difícil escrever o que sinto nesta hora de despedida pois a verdade é que ainda não consigo imaginar-me fora da escola! Na verdade seis anos é muito, mesmo muito, em seis anos, cabem muitos sonhos, muitas alegrias, muitas tristezas também, muitas mudanças, mas essas fazem parte, muitas vidas, muita gente! Foram tantos os que conheci nesta escola, pessoas diferentes, quase todas amigas, que nos acarinharam a todos nós e nos fizeram sentir quase uma família. Na verdade nós somos a grande família da Abade de Baçal, aprendemos a pertencer a ela, a partilhar a sua vida, a sua forma de ser, aprendemos a crescer, a sonhar, a viver! Resta-nos, assim dizer obrigada a todos, os amigos, os professores, os funcionários, até aos mais novos que nos vão substituir (que tristeza!), pois todos juntos somos um grande grupo, todos nós vivemos esta escola! Mas sei que vá para onde for, passem os anos que passarem, levarei esta escola dentro de mim, pois uma parte do que eu sou foi construída por ela! E espero que para o próximo ano estejam com paciência para receber as nossas visitas saudosas... Mas até lá, ainda cá estamos e aproveitaremos os últimos dias com tudo a que temos direito!”

“Foi há seis anos que cheguei a esta escola. Encontrei pessoas e espaços diferentes. Seis anos passaram ( como o tempo passa depressa!) e a novidade tornou-se rotina. A chegada, o bar, o riso, o olá para todos os que me acompanharam nas actividades lectivas, nas extracurriculares que a escola me proporcionou, nas viagens de estudo.

Agora sinto a nostalgia de abandonar uma escola que durante tanto tempo me acolheu e uma turma à qual pertenci estes seis anos. Sinto que para o ano tudo mudará e vou querer voltar a este cantinho.

Mas perante esta nova etapa quero agradecer a todos aqueles que estiveram presentes, amigos, colegas, professores, auxiliares de acção educativa. Foi bom fazer parte do núcleo de estudantes da Escola Secundária Abade de Baçal.”

Ana Luísa Fernandes, 12°C



“É muito difícil falar sobre algo tão pessoal como a minha passagem pela Escola Secundária Abade de Baçal... A MINHA escola!!! Ao longo de 6 anos passei aqui momentos mágicos, inesquecíveis nos quais é difícil pensar sem uma lágrima no canto do olho e um grande sorriso nos lábios... Parte de mim e da minha vida está nesta escola... Os meus colegas, amigos, professores, auxiliares estarão sempre no meu coração, todos eles contribuíram para o meu desenvolvimento de uma forma muito especial.

Orgulho-me de ser aluna desta escola, de ter tido a oportunidade de estudar numa escola em que me foi permitido e me foi concedido ter experiências fantásticas a todos os níveis que contribuíram imenso para a minha formação como pessoa, como estudante, etc.. Não me ensinaram apenas a matéria dos programas escolares, a escola e toda a sociedade encarregou-se de me ensinar algo muito mais importante: valores, afectos... Por favor lutem por esta escola!

Obrigada a todos!”

Heloísa Nunes

# Os amigos são para as ocasiões...

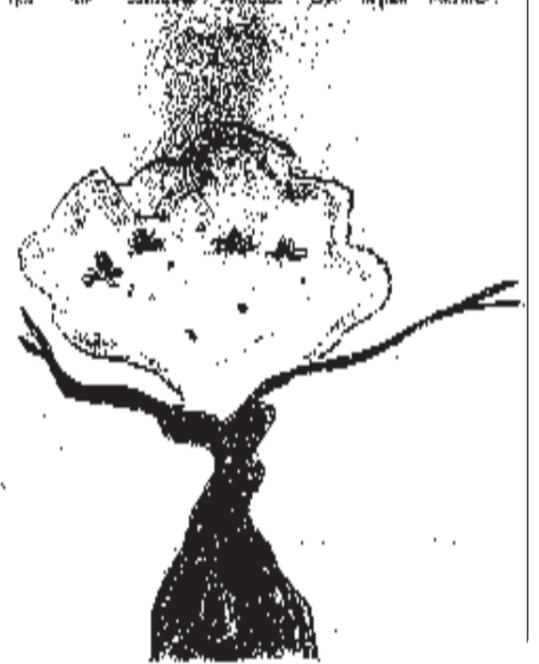
Uma vez, havia um passarinho que vivia numa árvore e tinha um amigo que era um papagaio. Um dia, o papagaio foi embora e o passarinho ficou muito triste.



Ele era muito feliz, muito alegre e muito amigo.



Um dia, o papagaio foi embora e o passarinho ficou muito triste. Ele ficou sozinho e muito triste.



Um dia, o papagaio veio de novo e o passarinho ficou muito feliz.



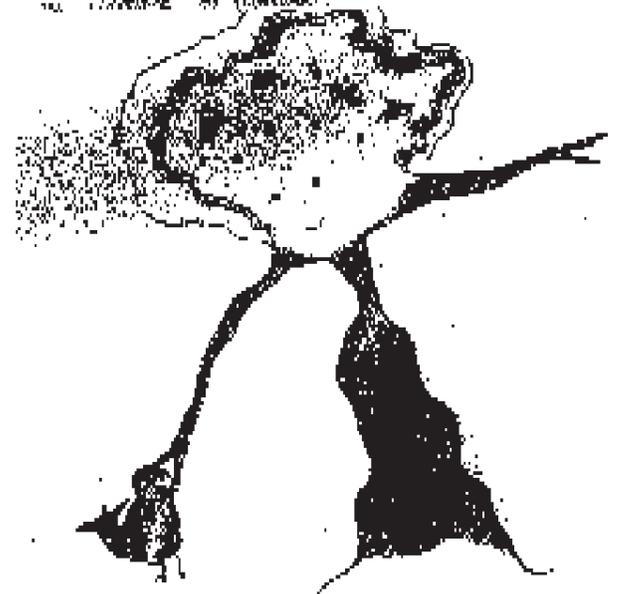
O papagaio veio de novo e o passarinho ficou muito feliz. Ele ficou muito feliz e muito amigo.

Um dia, o papagaio veio de novo e o passarinho ficou muito feliz. Ele ficou muito feliz e muito amigo.



O papagaio veio de novo e o passarinho ficou muito feliz.

Um dia, o papagaio veio de novo e o passarinho ficou muito feliz. Ele ficou muito feliz e muito amigo.



O papagaio veio de novo e o passarinho ficou muito feliz.

Conclusão:



O papagaio veio de novo e o passarinho ficou muito feliz.

Um dia, o papagaio veio de novo e o passarinho ficou muito feliz. Ele ficou muito feliz e muito amigo.

Um dia, o papagaio veio de novo e o passarinho ficou muito feliz. Ele ficou muito feliz e muito amigo.



O papagaio veio de novo e o passarinho ficou muito feliz.

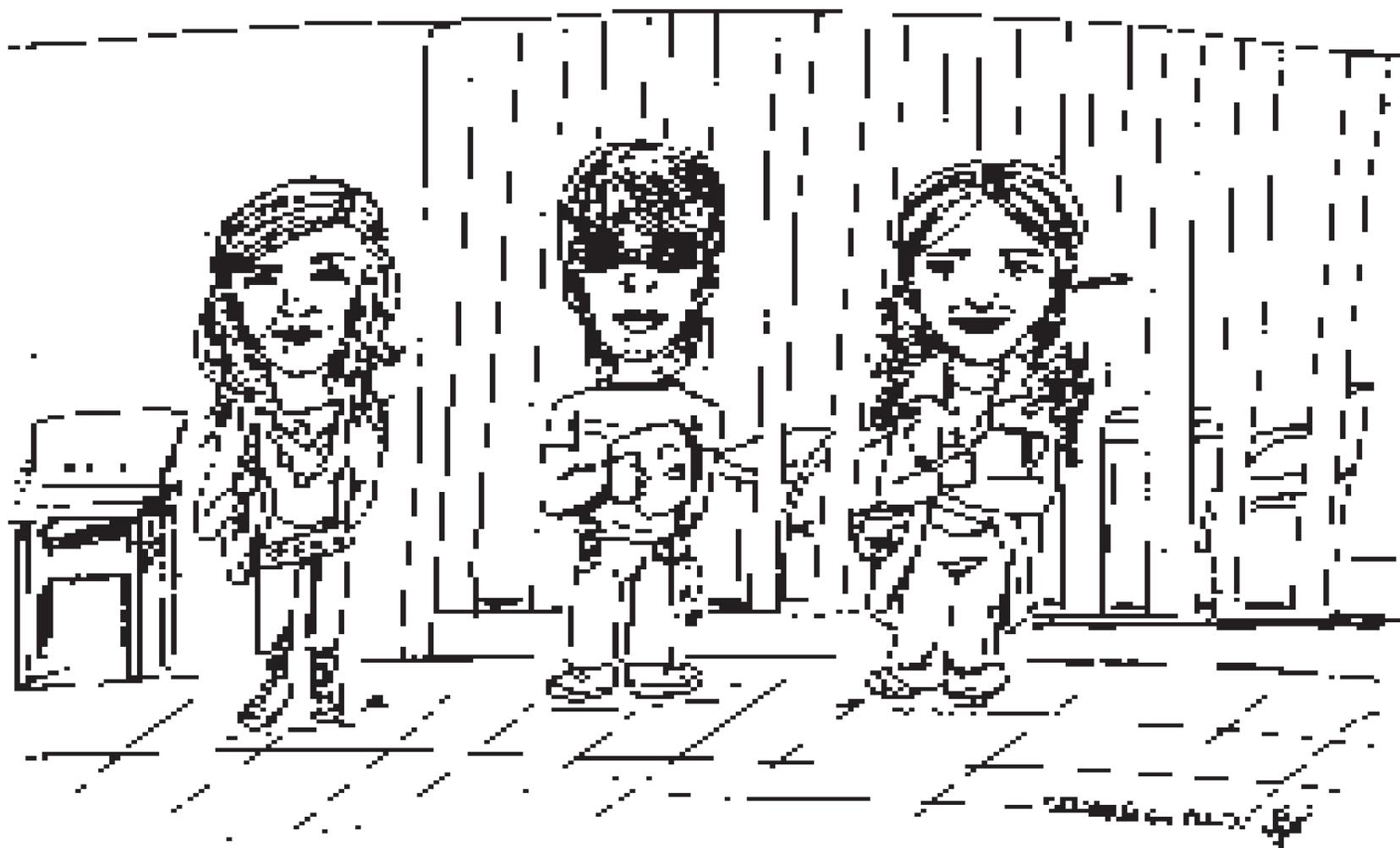


O papagaio veio de novo e o passarinho ficou muito feliz.

Sofia Montanha, 8ºB

# de Olhos e Ouvidos bem "abertos"

## Figuras da ESAB...



- Ah! A sério? Porque eu, Adelaide Cabete, luto pela emancipação das mulheres.  
- Temos pena! É bem...

- Rita, chega-te para lá que o teu perfume faz-me alergia...  
- Toma-me conta daquela garota!  
- Ai, uma aranha! Tira-ma, tira-ma!

- O quê?  
- São tão giros os elefantes, os bebés... e o papa João Paulo II, gostava muito dele!  
- Desculpe ,stôra, os meus irmãos atrasaram-se...

## Foi há seis anos...

Já sabia que isto ia acontecer...EH EH! Sabia que me ia sentar aqui para escrever algo sobre estes seis inesquecíveis anos e que só ia conseguir dizer que não sou capaz de articular duas palavras em condições! Não por não haver nada a dizer mas, antes pelo contrário... porque foram incríveis, especiais, incomparáveis, importantes e intensos demais! não consigo dizer mais para além de que... se um dia alguém me perguntar onde me deixei, a resposta não poderá ser outra:

- não me esqueci de nada, não me perdi, ainda estou aqui e ainda sou a mesma, podes perguntar às paredes, aos corredores e a todos os recantos daquela escola, aos professores (não vou dar agora graxa porque parece mal, não é?!!!!!!! Mas no fundo eles sabem quem são!), aos funcionários, aos amigos que fiz naquela escola, às manas a quem devo a minha vida e para quem vou ter que arranjar muitos filhinhos para elas poderem ser madrinhas!!!!!!! A tudo, podes perguntar a tudo e a todos e vais ver que eles vão saber que não me perdi porque foram eles que fizeram de mim aquilo que sou hoje e eles sabem que eu estou lá. Uns mais que outros estão dentro de mim para sempre em cada palavra, em cada sorriso ou gargalhada, em cada lágrima, em tudo! Disto não podes duvidar. E se lhes perguntares, agradece-lhes por mim o privilégio de os ter conhecido... porque não quero nunca que me saia dos lábios a palavra... aquela palavra que se diz nas despedidas... sabes? Não vou dizer.

Margarida Carmona 12ºD

# The Elder Scrolls IV: Oblivion

por João Anes, 9º B

The Elder Scrolls IV: Oblivion (chamemos-lhe apenas Oblivion) é um jogo de Acção na primeira/terceira pessoa (Não confundir com FPS), com elementos de jogos RPG. Um novo capítulo na sequência de jogos The Elder Scrolls, este Oblivion é um jogo fantástico em termos de conteúdo, jogabilidade, gráficos e diversão.

A acção decorre no mundo de Tamriel, mais concretamente na área de Cyrodiil. O jogo começa, como todos os Elder Scrolls, com o jogador na prisão, por motivos desconhecidos (Não chega a ser revelado por que razão, embora possamos ser presos e parar lá outra vez). É um dia normal para um prisioneiro, mas somos surpreendidos por um grupo de guardas que acompanham nada mais, nada menos, que o Imperador de Tamriel, Uriel Septim. Os guardas dizem-nos que existe uma passagem secreta para fora da cidade na nossa cela (Passagem tal que nos levará à liberdade). Uriel diz-nos que um grupo chamado Mythic Dawn assassinou os seus herdeiros, e quer agora destruí-lo a ele. Nós acompanhamos o grupo de guardas e o Imperador, até que o Imperador é assassinado, mas, antes de ser levado, deu-nos a tarefa de entregar o "amuleto dos reis" ao mestre dos "Blades", uma facção que protege o Imperador, para que seja entregue seu filho ilegítimo, para "Fechar as mandíbulas de Oblivion". Este Oblivion é uma dimensão alternativa onde habitam os "Daedra", os demónios do jogo. Pode-se considerar que Oblivion é o inferno, mas as almas daqueles que morrem não vão para lá. Acontece que, com a morte do imperador, uma chama que simboliza a barreira entre o mundo dito "físico" e Oblivion, a "Dragonfire", extinguiu-se, resultando na abertura de portais para Oblivion. A única maneira de prevenir isso é encontrando alguém da linhagem do "Sangue de Dragão", coroá-lo Imperador e, utilizando o Amuleto dos Reis, reacender a Dragonfire no "Temple of the one".

Mas completar a "main quest" não é totalmente necessário - Ao sairmos da prisão em si, podemos fazer a Main Quest, fazer as numerosas "side-quests" espalhadas pelo mundo (são muitas, acreditem), ir lutar na arena, juntar-mo-nos às diversas guildas do mundo (As guildas dos Ladroes, dos Magos e dos Guerreiros) e fazer as suas "quests", explorar o vasto mundo, limpar as diversas dungeons de monstros, etc. Uma das coisas espectaculares deste jogo é que, se vires uma montanha, podes ir para lá.

Aspectos que se têm que salientar neste grandioso jogo são a AI espectacular, desenvolvida pela Bethesda, chamada "Radiant AI". Cada NPC tem uma rotina que tem que cumprir, além das necessidades básicas. Os diversos NPCs também interagem entre si, conversando sobre temas importantes

da era, partilhando rumores, etc. Tudo isto com horas e horas de dialogo gravado e "lip-syncing" a altura. Impressionante também é o número gigantesco de itens que existem no jogo, tanto como armas (shortswords, longswords, claymores, daggers, battleaxes, etc.), como armaduras, escudos, poções, artefactos, etc. Também temos que salientar o sistema de luta: Temos 3 maneiras de fazer guerra, uma arma numa mão e um escudo; uma arma maior nas duas mãos, como uma "claymore" ou um "battleaxe" ou podemos usar magia (e uma combinação de armas e escudo). Em todas elas temos um botão para atacar e outro para fazer "block". É boa pratica fazer "block" quando o inimigo estiver a atacar, porque o escudo evita o ataque dele, sendo ele projectado para trás, não se podendo defender, dando-nos uma oportunidade para atacar. Este esquema de combate é bom para combate 1 VS 1, mas complicado para combates 1 VS <1

Bem, este jogo está a frente da competição em todos os aspectos, incluindo no aspecto gráfico. Este Oblivion, em termos gráficos, está espectacular. O mundo não parece nada artificial, estando as montanhas, os vales e os lagos, tudo repleto de vegetação incrível, e tudo incrivelmente detalhado. Em termos de tecnologias, o Oblivion também está muito à frente: HDR, blooming, normal mapping, shaders 2.0 e 3.0... Este jogo tem tudo! Com ou sem uma excelente placa gráfica, este jogo é dos mais bonitos que se podem ver.

Outra coisa sensacional do jogo é a sua modabilidade. Foi lançado juntamente com ele uma coisa chamada "TES: Oblivion Construction Set", que permite a todos modificar o jogo, sejam modificações leves, como adicionar armaduras novas ou novos "scripts", a modificações enormes, como construir de raiz uma área nova, com novos NPCs, amigos ou inimigos, novas quests, etc.

Enfim, este é um jogo que se recomenda a todos, até a jogadores que não gostam de RPGs de acção. No meu sistema, recebe um 97%.

E aqui estão alguns sites que vos podem ser úteis, se pensam comprar o jogo:

<http://www.fileplanet.com/oblivion/> - A parte do FilePlanet dedicada a Oblivion

<http://www.tessource.net/files/> - Repositório de mods para Morrowind e Oblivion

<http://www.oblivionsource.com/>





## o teu explicador pessoal

Na Internet

Em CD-ROM




[www.escolavirtual.pt](http://www.escolavirtual.pt)

**Disciplinas e anos disponíveis**

<p>✓ <b>4.º ano</b> Integra o programa curricular do Matemática, Língua Portuguesa e Estudo do Meio.</p> <p>✓ <b>9.º ano</b> Matemática, Língua Portuguesa</p>	<p>✓ <b>10.º ano</b> Matemática A, Português.</p> <p>✓ <b>10.º ou 11.º (ano 1)</b> Biologia e Química, Física e Química A.</p> <p>✓ <b>12.º ano</b> Matemática A, Português.</p>
--	--

Para obter mais informações sobre a disponibilidade das disciplinas pedes contactar o Serviço Apoio ao Cliente através do telefone 22 864 84 84 ou do e-mail [ajuda@escolavirtual.pt](mailto:ajuda@escolavirtual.pt) ou <http://www.escolavirtual.pt/contato>



# Polónia- a memória da história

Por Guilherme Sá Pires,

Após um intenso dia de chuva e de uma viagem de 5 horas, de Bragança a Lisboa, chegamos ao Aeroporto da Portela com destino à Polónia onde o último fôlego do Inverno faz as suas despedidas. Depois de quatro horas de voo, directo de Lisboa a Varsóvia, chega-se ao aeroporto Fryderick Chopin às 6 da manhã (5h em Portugal). Vamos directos ao hotel e depois de algum descanso e um bom pequeno-almoço aí vamos à descoberta da cidade.

Varsóvia é a maior cidade da Polónia, com cerca de dois milhões de habitantes, e situa-se nas margens do rio Vístula. Para grande surpresa nossa encontramos uma capital polaca profundamente ocidentalizada, as multinacionais do consumo estão por todo o lado, não faltando as zonas luxuosas. É aqui o centro da actividade política, a sede do parlamento, do governo e dos mais importantes partidos políticos. É uma cidade que conta com uma rica tradição cultural e um interessante ambiente artístico. Além do mais é o símbolo da história polaca, no passado aqui se coroavam os reis e onde se recordam os grandes levantamentos do gueto de Varsóvia e de 1 de Agosto de 1944. Mas curiosa e interessante é a reconstrução da parte histórica da cidade, completamente destruída durante a 2ª Guerra Mundial e que foi posteriormente recriada ao pormenor.

Do gueto de Varsóvia já nada existe. Neste local, onde viveram meio milhão de judeus, construíram-se zonas residenciais logo após a ocupação, pois a necessidade de um tecto era premente. Mas não podemos esquecer a cidade velha com o castelo e a catedral de São João, o monumento ao soldado desconhecido, a rua Krakowskie Przdmiescie e o monumental Palácio da Cultura e da Ciência (legado do povo soviético ao povo polaco).

Ponto obrigatório da nossa visita – o mercado Europa – um gigantesco mercado de rua que se desenrola à volta de um campo de futebol e onde se pode encontrar de tudo. Ali, reina o contrabando ucraniano a par da mercadoria asiática e vemos lado a lado a banca de peles com os casacos de vison e a banca de tabaco americano. Diga-se que este destino é só para os mais destemidos!

Mas Varsóvia tem uma coisa maravilhosa, é que aqui os espaços verdes ocupam quase 30% da cidade. De todos, talvez o que chame mais atenção é o Parque Lazienki, uma ex-residência real, com vários palácios, jardins, um lago e até uma ilha artificial. Tudo es-

palhado por mais de sete quilómetros quadrados.

Depois de muito andar e calcorrear despedimo-nos desta cidade rumo a Cracóvia, a capital cultural do país, património da UNESCO, e que surpreendentemente foi poupada pelos alemães. É o berço da nação polaca.

Na colina de Wawel, onde se encontra a cidade velha com o castelo real e a catedral de Cracóvia e onde jazem grandes figuras da história polaca, vive-se ainda o espírito de João Paulo II. Foi aqui que Karol Wojtila, antigo cardeal de Cracóvia, celebrou a primeira missa e de onde partiu para o Vaticano. Todas as igrejas da cidade lembram o amado papa e prestam-lhe homenagem, é que uma semana antes da nossa chegada tinha-se celebrado o primeiro aniversário da morte do papa polaco.

Visitamos também a cidade velha com a Praça Maior, a maior da Europa, a igreja de

Santa Maria chamada igreja Mariacki com o seu famoso altar, obra do genial escultor Vito Stoss.

Ao atravessar o rio Vístula, o rio que rasga o país de sul para norte e que também banha Varsóvia, entra-se no antigo gueto judeu onde no nº 4 da rua Lipowa ainda se encontra a antiga fábrica de Óscar Schindler. Tudo está como no passado, razão pela qual Steven Spielberg usou este cenário para o filme A Lista de Schindler. No Kazimierz, ou bairro judeu, preservase a memória das 64 mil pessoas que daqui foram levadas para o gueto e, posteriormente, para os campos de extermínio de Auschwitz.

A uma hora de distância de Cracóvia, visitamos Óswiecim, ou pior, Auschwitz, a cidade rebaptizada pelos alemães durante a ocupação nazi. Dos três campos de concentração que aqui se construíram: Auschwitz 1, Auschwitz 2 e Birkenau só o primeiro se mantém intacto. Vemos ainda os barracões cercados por uma dupla vedação electrificada e torres de vigia de cem em cem metros. No interior, a visão do horror: toneladas de cabelo, milhares de peças de vestuário e de calçado, tudo o que aos alemães não interessava e que foi deixado para trás, sem tempo para destruir, as câmaras de gás e fotos, muitas fotos dos milhões de exterminados pontuam as paredes. À entrada lê-se a frase “Arbeit Macht Frei” (o trabalho liberta-te). A visita não é alegre, muitas famílias prestam ainda homenagem aos seus mortos junto durante os séculos de existência da mina ao muro de fuzilamento. No entanto, a exploração turística do lugar dá que pensar.

Mas nem tudo são tristezas e a viagem continua

com visitas bem mais agradáveis e que nos elevam a alma: as minas de sal de Wieliczka. Monumento único da cultura industrial na Europa e declarado património mundial da UNESCO, é um local maravilhoso. Lagos subterrâneos, galerias e capelas escavadas no sal pelos mineiros polacos, fazem parte da “arquitectura” subterrânea da mina. A viagem pelos subterrâneos da mina significa atravessar mais de dois quilómetros num microclima curativo. Nas galerias e em algumas câmaras

que fazem parte do percurso a visitar, conservam-se os vestígios de técnicas antigas de exploração de jazidas e das maneiras de assegurar a segurança dos mineiros durante as escavações. Tudo isto, bonito e único em si mesmo, está enriquecido com as formas artísticas, que são as obras de imaginação e talento de várias gerações de mineiros. São esculturas, baixos-relevos e composições de sal variadas e relacionadas com a mina. Na mina encontra-se também um templo subterrâneo, a capela de Santa Kinga, uma pérola entre tudo o que aqui nos foi dado ver. Segundo a lenda, a descoberta das jazidas salinas em Wieliczka atribui-se a Santa Kinga, filha do rei da Hungria, Bela IV. Mas não há palavras que cheguem para descrever tudo isto e nem mesmo as melhores fotografias substituem as imagens reais.

E a viagem estava a aproximar-se do fim. Ainda houve tempo para umas compritas, não nos podemos esquecer do celebrado âmbar – o ouro da Polónia.

Quando regressámos vínhamos

apaixonados por este país: pela sua riquíssima história milenar, pelo seu acervo cultural e acima de tudo pela sua gente acolhedora que conserva a sua identidade. Apenas lamentamos uma coisa, muitos pormenores nos passaram despercebidos pelo facto das notas explicativas em museus, palácios ou outros lugares de interesse estarem apenas em polaco.



Royal Castle



Parque sobre o Vístula



Palácio sobre a



Mercado da Europa

#### Curiosidades:

Moeda: Zloty – 1 euro equivale a 3,7 zlotys

Pratos típicos: Zurek – sopa agria; Bigos – chucrute com carne; Pierogi – ravioli

Palavras-chave: Dzień Dobry – bom dia; Dziękuję – obrigado; Proszne – por favor; Na Zdrowie – saúde

Polacos famosos: Nicolau Copérnico; Fryderick Chopin; Karol Wojtila; Roman Polanski; Jersey Dudek

# Viajar é conhecer...

## Madrid

por Guilherme de Sá Pires e João Anes, 9º ano

No dia 31 de Março deste mesmíssimo ano, no último dia de aulas do 2º período, dia incrivelmente feliz, um grupo de alunos do 9º ano juntou-se para realizar uma actividade que iria transformar um dia já por si feliz, num dia mais que memorável. À 1:30 da tarde, apanhámos o autocarro que nos levaria à capital da terra dos “nuestro hermanos”, Madrid. A viagem em si foi muitíssimo animada, com muitas risadas, piadas, e divertimento. Embora a paisagem fosse bela, ninguém lhe prestou atenção, excepto para as inúmeras fotografias que certos entusiastas tiravam. Por volta das 8 horas, chegámos ao nosso hotel, situado nos subúrbios de Madrid. Mas não pensem que a situação geográfica o impedia de ser um hotel com qualidade, pois tinha todos os luxos, tirando as paredes maciças, das quais falaremos mais à frente.

Depois de uma breve pausa para guardar a bagagem, jantámos no restaurante do hotel. A ementa não foi do agrado de todos, mas a fome apertava, o que é normal depois de uma viagem de 4 horas.

Embora cansados, os professores fizeram questão de um passeio nocturno pela capital de Espanha. Não vimos muito devido à fraca sinalização das ruas Madrilenas e ao facto da cidade estar completamente esburacada, graças às diversas obras que ali se realizavam. Regressados aos quartos do hotel, foi-nos pedido que dormíssemos, pois o dia seguinte seria estafante. É claro que dormir naquela noite foi algo que ninguém fez, apesar de, a partir das 3:30, a festa ter acalmado, tirando alguns colegas que optaram por fazer directa. Entre ouvir música, jogar jogos de vídeo, ver televisão e conversar até a língua doer, o cansaço foi ganhando terreno, arrastando os mais fracos para o seu leito.

Por volta das 7:30, o pessoal foi-se levantando, já que o professor Vieira serviu de despertador humano. Mal acabámos de tomar o pequeno-almoço, metemo-nos no autocarro, em direcção à parte mais esperada da viagem: a visita ao parque da Warner Brothers. Embora estivesse toda a gente excitada, isso não impediu alguns de “passar pelas brasas” durante a viagem.

Mal chegados ao parque de estacionamento, os fotógrafos de serviço já estavam “de arma na mão”, tirando fotos a tudo o que se mexesse. Estivemos por volta de 20 minutos à espera dos bilhetes, e outros 10 à espera que o parque abrisse. Embora fosse o dia

de abertura, ficámos surpresos por este ano não ter havido multidões gigantescas às portas do parque, embora à tarde já estivesse completamente cheio. Os professores, num acto de coragem, deixaram-nos sozinhos e, automaticamente, dividimo-nos por grupos, indo cada grupo para seu lado. As atracções eram fantásticas, desde os jogos de sorte e azar, passando pelas atracções aquáticas, até às enormes montanhas russas que provocavam náuseas só de olhar. Embora houvesse restaurantes no parque, para saciar a fome que todos sentíamos, não eram cinco-estrelas, muito menos que isso. Entre pizzas mal feitas e hamburguers “ensaladas”, tínhamos um variado leque de escolha. As principais atracções do parque variavam entre torres gigantes, quedas de água (principalmente uma que apelidámos de “Splash!”, onde todos os que entravam saíam completamente molhados), montanhas russas vertiginosas e cheias de loops, entre outros tantos que não nos conseguimos lembrar, tais foram os giros e voltas que demos. Reunimo-nos por volta das 7:00 na praça principal do parque, na área de Hollywood Boulevard, para voltarmos sãos e salvos para o nosso querido hotel. Escusado será dizer que estávamos todos cansados, sempre sonhando com camas fofas e apetitosas. Jantámos, e depois disso, fomos dar uma volta por uma localidade próxima do hotel.

Nessa noite, ninguém teve força para resistir ao apelo do sono, muito menos os indivíduos que fizeram directa na noite anterior, e que às 11 da noite, já dormiam ferrados.

No dia seguinte, último da nossa estadia em Espanha, depois de prontamente acordados pelo nosso querido professor Vieira, arrumámos o nosso equipamento e metemo-lo no autocarro, pois já não voltaríamos ao hotel. De seguida rumámos a Madrid, desta vez não para ver coisas de longe, separados por um vidro de autocarro, mas sim para ir visitar um dos mais emblemáticos museus de Madrid, o Museu Rainha Sofia. Com sorte, a fila começou a crescer apenas atrás de nós, já que chegámos primeiro, apenas tendo um grupo de estudantes franceses à nossa frente. A visita foi interessante e enriquecedora, pois vimos quadros, esculturas e vídeos de grandes artistas mundiais, como Picasso, Dali e outros. A “jóia da coroa” deste museu é um quadro de Picasso denominado “Guernica”. Este quadro de dimensões astronómicas retrata os horrores de uma cidade espanhola

bombardeada durante a guerra civil pelos alemães. Depois de um almoço rápido no McDonald’s, o nosso restaurante de comida rápida por excelência, voltámos para o autocarro em direcção à exposição temporária sobre as maravilhas do Egipto, tendo oportunidade de ver pelo caminho algumas obras-primas da arquitectura contemporânea. Passamos à volta de meia hora sob o quente sol espanhol, à espera da nossa vez para entrar na exposição propriamente dita, que se revelou muito interessante. Saídos da exposição, e passados pela loja de recordações, embarcámos no autocarro que nos levou, depois de uma viagem relativamente longa, para o “Vale de los Caídos”, uma igreja monumental debaixo de uma montanha. A igreja em si é uma verdadeira obra arquitectónica, com uma cúpula imensa, e os arredores são luxuriantes, de um verde muito especial. É de referir que

nessa mesma igreja está sepultado o velho ditador espanhol, Francisco Franco, que governou a Espanha entre 1939 e 1975. Depois da visita, metemo-nos no autocarro, que tinha Bragança como paragem definitiva.



No parque da Warner Bros, em Madrid

# Viajar é conhecer... Lloret?! Lool

por Ana Luísa Esteves, 12ºB

Como tudo começou: ...o *Inácio* (querido autocarro!) tinha finalmente chegado e só houve tempo de dar as habituais beijocas de despedida antes do início de uma viagem (em que não faltaram as queijadas!) que se adivinhava memorável...

Todas as expectativas e anseios se concentraram num único objectivo: fazer das férias que nos esperavam o resumo de todos os momentos inesquecíveis passados ao longo do secundário... Objectivo cumprido! Mais do que isso, a viagem a *Lloret de Mar* significou um mar de novas experiências, emoções, amizades, sensações...

Recebidos pelos guias da agência que nos acompanhou (*Pólis*) e graças às indicações sempre atentas do nosso chefe de grupo (grande Carlinhos!) havíamos aplanado, ainda antes de levantar voo!

*Bolero* era o nome do hotel que nos acolheu durante a estadia e *Lloret* o nome da nossa aventura!

Foram dias e noites vividos intensamente, estando sempre presentes a alegria e a boa disposição...

Não admira a imensidão de jovens que escolhem *Lloret* como destino para a sua viagem de finalistas... Percebemos porquê! Não há palavras quando existe um espaço com o qual nos identificamos, não tanto pelo número de ruas, bares, hotéis ou discotecas, mas porque nele foram vividos peque-



nos grandes instantes em grupo.

Dias de sol, praia, piscina, compras, passeios (*Queres un Tèréré?*)... Noites de pura diversão: *Surf*, *Tropics*, entre outros, foram os locais de eleição (*Vamu à Tropics??! Humm... Nos vamos ayer!!*). Momentos que não se esquecerão (passo a citação do Estrela) "pelo companheirismo, pelas "bubas", pelas promoções"! Houve até uns doidos que lhes deu para chorar... "Oh, maluquinhos!", dizia o Vítor. Foi tempo de descarregar energias, fazer ou reforçar amizades, cometer pequenas loucuras, aproveitar cada segundo daquela jornada, que se foi num sopro... Um que ficou conhecido como *Lopo de la Noche*, outro que deu banho ao telemóvel (e mais

não digo!), houve de tudo em *Lloret de Mar*.

O jantar no Castelo Medieval foi outro dos momentos altos da viagem. Verdadeiros reis e rainhas (nós!), reunidos à mesa para comemorar e ver desfilarem o leque das autênticas tradições medievalistas: sopa, *rosé* e um *pollo* à maneira e à mão para cada um era a paparoca; rei, rainha, povo e luta de cavaleiros foi o espectáculo.

O Port Aventura, apesar de indirectamente nos ter proporcionado meio dia dentro do *Inácio* (até isso valeu a pena!), prestou-nos momentos de recreio e adrenalina impossíveis de *olvidar!* Queda Livre e Montanha Russa Chinesa foram locais nos quais só os mais destemidos se aventuraram. Mas houve muitos outros locais

de interesse, não menos empolgantes e intimidativos para aqueles que, subscrevo, têm muito amor à vida! Um parque ao qual não nos importariamos, certamente, de regressar, dado que aquilo que lá vivemos foi só uma pequena amostra! Fica para a próxima! A próxima que, para alguns, será a primeira! (Pois é... A noite ainda é uma criança!)

Ohhhhh! E chegou o dia de deixar aquela praia, aquele sol, aquela noite, o nosso *Bolero* e o seu *jacuzzi*, enfim, tudo aquilo que preenche aquele pedaço de terra espanhola plantado à beira mar...

De malas e bagagens, rumámos até Barcelona, onde vislumbrámos a *Rotunda de Colombo*, a *Casa Batlló* e *Millá* de Gaudí, a *Sagrada Família*

(obra síntese da arquitectura de Gaudí, ainda não concluída), relíquias de valor arquitectónico incalculável, dádivas aos nossos olhos. Demos umas voltinhas de metro e passeámo-nos por *Las Ramblas*. Enquanto uns gastaram os seus últimos trocos no *Mare Magnum*, outros optaram por visitar o *Camp Nou*.

Era definitivo... A partida era algo de inevitável! Entrando em Portugal mais a Sul, tivemos a oportunidade de passar pela modesta aldeia de Alvito (auge da nossa viagem!lol) e estivemos muito próximos da Cuba portuguesa! Parámos ainda em Leiria para deixar alguns dos novos amigos que nos acompanharam e seguimos com destino à nossa cidade...

De *Lloret*, restam agora as saudades de momentos inolvidáveis e que não se perderão no tempo...

A todos os que acreditaram em LOL LLORET!!!



# Outra Presença

## Lídia Jorge ao encontro da palavra

No passado dia 30 de Março tivemos connosco pela terceira vez a autora de um leque de livros fantásticos: Lídia Jorge. A vinda desta escritora à escola inseriu-se no programa Artes na Escola, promovido pelo Ministério da Educação e coincidiu este ano com a representação da peça “A Maçon”, pelo grupo de teatro da escola.

Ao contrário do que aconteceu em anos anteriores a escritora optou por trabalhar com um grupo mais pequeno de alunos do ensino secundário, que escreveram alguns textos que ela analisou antes deste enriquecedor encontro.

Antes deste encontro foi, então, pedido aos alunos interessados que escrevessem um texto de qualquer género e que o entregassem ao professor de Português. Os textos foram



seleccionados e enviados para a escritora.

Levados ao sabor da arte das suas palavras, fomos invadidos pelo peculiar cheiro das histórias e do saber que lhes está inerente, sobretudo quando as descobrimos pela mão de uma “construtora de livros”. Com a sua ajuda, descodificámos as frases e parágrafos dos nossos textos e aprendemos pedacinhos da essência das letras.

Mais uma vez, Lídia Jorge brindou-nos com conhecimentos e opiniões, para além de uma simpatia e sorriso contagiantes que nos proporcionaram momentos memoráveis.

Cristiana Afonso, 12º B

Do que me ficou daquele dia quase nada se consegue traduzir por palavras. Tentarei que quem ler o pouco que vou escrever sinta o muito que vai dentro de mim.

Lídia Jorge foi formidável. Boa oradora e boa ouvinte, dispôs-se a desenrolar a mensagem mais oculta de cada texto. Olhou-nos, não como crianças que casualmente escrevem duas ou três linhas de palavras desconexas, mas sim como jovens, maduros, que escreveram muito mais do que aquilo que se encontra escrito. Ela, com um à vontade surpreendente e contagiante, adivinhou as entrelinhas. Lídia Jorge descodificou-nos. Tenho a certeza de que a vontade de todos era dar-lhe os anéis de Saturno... Só que tivemos medo que não lhe coubessem nos dedos...

Ana Lúcia, 12ºB

O contacto com Lídia Jorge foi tão agradável e enriquecedor, as experiências e conselhos transmitidos tão importantes e valiosos, o diálogo tão simples e divertido, que transformaram aquela tarde de quinta-feira em algo único e memorável. Entre os comentários aos textos apresentados, destacou-se sempre o encorajamento para escrever mais e melhor.

Ricardo Almendra, 12ºB

A terceira vinda de Lídia Jorge à nossa escola proporcionou-nos mais um agradável momento de literatura. Desta vez incidindo sobre textos nossos, ensinou-nos como devemos proceder para escrever um texto. Mostrou-nos os nossos erros, elogiou-nos as qualidades. É bom ouvir a opinião de alguém com o valor da escritora Lídia Jorge, mesmo quando a opinião não é positiva.

Margarida Gil Pires

À mesa com Lídia Jorge:

Há oportunidades que nos surgem na vida e que não devemos de forma alguma desperdiçar porque, além de passarmos bem o nosso tempo, conseguimos preencher mais um pedaço do livro em branco que somos ao nascer.

Esta oportunidade não foi de livros em branco mas de páginas cheias de palavras simplesmente escritas por nós, alunos, lidas por alguém que sabe ler nas entrelinhas e sentidas por todos quantos à mesa nos sentámos.

A oportunidade que tivemos foi aprender com alguém que tão bem se sabe expressar, ouvir conselhos e opiniões sobre os nossos trabalhos, anotar sugestões literárias, descobrir como não corar diante de um auditório (“não sei o que hei-de dizer diante de tanta gente. Tanto nariz tanto olho, tanta boca tanto dente.”) entre muitas outras coisas que tão agradavelmente ouvimos e fizemos com que o tempo passasse qual rio a correr para o mar.

As oportunidades excepcionais não se esquecem e por isso: obrigada por se sentar connosco, Lídia.

Joana Gomes

Experiência enriquecedora. São as primeiras palavras que me ajudam a definir o que foi para mim o contacto directo com a escritora Lídia Jorge.

A sua sabedoria enquanto escritora e enquanto mulher foi transmitida um pouco a cada um de nós, contribuindo para a nossa formação a nível pessoal e profissional.

A interpretação dada a cada texto bem como o seu ponto de vista crítico, na minha opinião, tornou-nos mais críticos e aptos a analisar todo o tipo de texto, compreender o que cada frase esconde, ou simplesmente o verso de um poema, consequentemente melhorar a nossa competência escrita e oral.

Espírito aberto para profundas reflexões. Sem dúvida, a última impressão em mim originada.

Luciana Pires, 12ºB